Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitteira Santos**

ANO 63.º N.º 21 340
Dezembro 1983
Terça-feira

27

20$00

Diz o governador civil do Porto sobre a questão Crestuma-Lever:

"Vou conceder um prazo para retirarem a placa"

pág. 5

"Desaparecidos" da Argentina:

Crimes dos militares voltam à luz do dia

Um trabalho macabro, em Buenos Aires: trabalhadores desenterram corpos de sepulturas anónimas, num cemitério dos arredores da capital argentina, em obediência a uma determinação das autoridades judiciais, que estão a investigar sobre o desaparecimento de milhares de pessoas durante o período da «guerra suja» dos militares contra o «terrorismo» e as oposições de esquerda, nos anos 70. (Telefoto UPI/NP/DL)

Págs. centrais)

Tanto no Estado como nas empresas

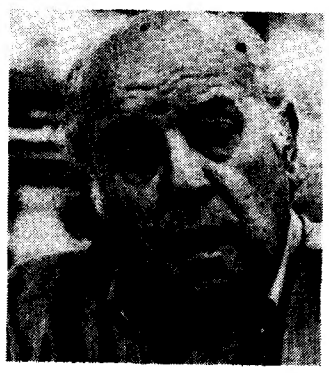
Novos empréstimos para pagar dívidas

O ano a acabar e a degradação da situação económica do País a revelar-se em contornos cada vez mais graves, até pela força da repetição dos factores negativos. Hoje mesmo três notícias na página de Economia dão o sinal corrente dessa degradação: o País continua a endividar-se, com dívidas novas, para pagar dívidas antigas.

O OGE acusa défice? Sai a autorização para um empréstimo interno (em obrigações de 10 mil escudos cada) até ao montante de 45 milhões de contos. As empresas públicas não têm meios financeiros para repor o apoio estatal concedido ao longo do ano? Contraem, elas também, mais empréstimos avalizados pelo Estado.

Por resolução do Conselho de Ministros, cinco empresas públicas vão recorrer ao crédito interno até ao montante conjunto de treze milhões e meio de contos. 5,8 milhões são para a Petroquímica e 5,2 para a TAP. As outras três empresas são a Quimigal (1,6 milhões), a CNN e a EPSI.

Também o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa anunciou hoje que tinha lançado um empréstimo internacional de quatro milhões de contos, colocado na praça de Londres, para reforças as suas disponibilidades em divisas. **Pág. 7**



Manuel da Fonseca voltou do Brasil com novas histórias para contar

Pág. 4

O balanço está agora completo

Vinte e três mortos na "Operação Natal"

Vinte e três pessoas morreram nas estradas portuguesas durante a «Operação Natal», levada a cabo desde o meio-dia de sexta-feira e as doze horas de hoje nas estradas portuguesas pela Brigada de Trânsito da GNR. Segundo referiu ao «DL» o capitão Romeiras da BT, dos mortos registados, oito eram condutores de motorizadas.

O acidente mais trágico deste período teve lugar, ao fim da tarde de ontem, no lugar de Gorgulhão, (Condeixa) a cerca de doze quilómetros de Coimbra, quando um automóvel se incendiou, após despiste, tendo morrido carbonizados os seus cinco ocupantes, cuja identidade é a seguinte: José Maria Borges Pereira, de 50 anos, que conduzia, a sua mulher Maria do Céu Pereira, de 49, dois cunhados, António Pereira, de 55, e Idalina Pereira, de 52, de nacionalidade brasileira, e a sogra, Olívia Pereira, de 73, todos residentes em Seixo da Beira, Oliveira do Hospital. As vítimas regressavam de Lisboa, onde tinham ido consultar um médico.

O acidente, ocorrido numa zona com deficente sinalização, provocou problemas de trânsito numa estrada de grande movimento, dado que faz a ligação entre Coimbra e Leiria.

Numa prisão romana

Papa abraçou Ali Agca

Pág. 20

Andropov (ausente) ao CC do PCUS:

Quanto mais rica for a URSS melhor viverão os soviéticos

● Quatro novos nomes no Comité Central

Págs. centrais

Sete Ponto Sete

Devido ao facto de o suplemento de Informática sair, hoje, com 12 páginas, o Sete Ponto Sete só pode ser incluído na edição de amanhã do «Diário de Lisboa». Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores.

Desta vez fui à China — 4

A actividade na agricultura

A. Sebastião Gonçalves

Antes da transformação política da China, em 1949, um décimo da sua população possuía a quase totalidade das terras cultiváveis: 70 a 80 por cento. Logo a seguir foram distribuídas aos trabalhadores, passando – três anos depois – para propriedade do Estado, dando-se a mudança para trabalho colectivo através das Comunas Populares, evitando que o trabalhador agrícola – e não só – fosse mero **funcionário** de um serviço público, trabalhando para o Estado como outrora trabalhava para o latifundiário, pois não é fácil dar-se uma integração rápida no sentimento colectivo.

Mas uma transformação abrangendo âmbito tão vasto não podia, naturalmente, ser obtida sem demora, pois é complexa a formação da estrutura necessária, começando pela própria orgânica governamental e preparação do homem – além da capacidade de funcionamento dos órgãos dirigentes responsáveis. Por isso, embora seja hoje evidente a subida de melhoria económica e social dos trabalhadores do campo – o certo é que, na China, foi considerado como preferível atribuir a cada trabalhador um salário com base no resultado da sua própria actividade e não em igualdade de repartição dos resultados de conjunto, ainda que em grupos de categorias definidas; assim, foi posto em prática o princípio de «a cada um conforme o seu trabalho», procurando evitar que uns colham benefícios pelo esforço dos outros, no campo individual.

Logicamente, o simples trabalho colectivo não conduz, só por si, a um esforço efectivo do conjunto dos trabalhadores, pois está dentro do comportamento natural do homem esforçar-se o menos possível e receber o mais possível. Só uma modificação desta mentalidade do próprio homem poderá levá-lo a uma colaboração no conjunto social, dando-lhe consciência da responsabilidade em face da função que desempenha, nos limites do seu grupo de trabalho.

Contactando hoje explorações agrícolas colectivas na China, vê-se bem como o sentido da responsabilidade impera, no âmbito das Comunas como no âmbito das brigadas e das equipas, formadas estas em regra por 20 a 30 famílias de camponeses, constituindo a base das Comunas, sendo esse grupo de famílias responsável pela produção programada para a equipa. E em ligação com a própria equipa, outros camponeses podem pedir-lhe trabalhos para realizarem de sua própria conta, estabelecida a responsabilidade individual deles e os respectivos direitos, sendo feito o pagamento pela equipa em função da quantidade de produto por ela recebida e tendo o produtor um pagamento adicional pelo excedente ou um desconto pela falta, em relação à produção prevista.

Na China – segundo elementos que lá colhi – é hoje bem manifesta a compreensão de que cada homem deve recolher os benefícios resultantes da sua própria actividade na produção,, e não apenas receber a comparticipação no resultado global, em igualdade de **direitos** – quando não atende à igualdade de deveres.

Quando a China entrou no campo do socialismo era natural que o seu povo não tivesse o senso da responsabilidade no campo social; e na China nota-se bem a compreensão de que alcançar esse senso não é possível pela propaganda política, muitas vezes de contornos artificiais. Contactando com responsáveis de explorações agrícolas, é evidente que, em toda a sua actuação se reconhece o senso de responsabilidade necessária para que se mantenha o equilíbrio no funcionamento. Quando me disseram que a equipa de produção dispõe sempre de uma verba de fundos públicos para ajudar as famílias em dificuldade, eu não pude deixar de pensar em como seria fácil fazer essa **ajuda** apenas aos **amigos,** senão existisse, de facto, um senso colectivo e individual de responsabilidade.

No fundo a equipa é um meio de aplicar os homens do campo que ainda se mantêm no âmbito que vem de tradições milenárias da pequena exploração agrícola. A integração numa actuação colectiva não é possível sem a mudança daquela mentalidade o que exige uma estrutura social em que seja evidente o senso de responsabilidade.

A decisão de tomar como base o dogma de «a cada um conforme o seu trabalho» resultou, certamente, de a prática ter mostrado que o trabalho colectivo exige integração num sentimento social que se não pode obter senão ao fim de uma acção profunda nesse sentido, sob a responsabilidade dos mais altos dirigentes políticos.

Eu sentia interesse em apreciar a efectiva actividade de uma

Na comuna popular «Sempre Verde»

comuna popular, dividida em brigadas e equipas e, logo que cheguei a Pequim, fui à Comuna Popular «Sempre Verde», cuja base de produção é legumes, embora tendo hoje grande variedade agrícola e até industrial; a Comuna tem uma área total de 72,6 km2 e abrange 13 000 famílias, com 45 000 pessoas, sendo a produção baseada na responsabilidade por unidade familiar ou mesmo individual, e a direcção da Comuna vem do conjunto dos seus membros.

Em 1982, esta Comuna vendeu, só de hortaliças, 140 mil toneladas, além de 26 mil cabeças de porco, 115 mil patos, 500 mil quilos de ovos e mais de 700 litros de leite.

Pelos dados colhidos vê-se que as condições técnicas de produção têm subido acentuadamente nos últimos anos, dispondo hoje a Comuna de mais de 400 poços mecanizados, mantendo a irrigação de 98% de toda a terra em produção, sendo mecanizada quase toda a área, pois já hoje dispõe de 58 tractores grandes e médios e de 140 ligeiros.

Quando me disseram que a Comuna tem hoje 27 fábricas diversas – e, entre elas as de acessórios de automóveis, eu senti uma desagradável sensação – pois raciocinei à **nossa** forma – e perguntei: – Há assim tantos automóveis? E a confusão mantinha-se, pois me responderam que sim. Mas **automóvel** para eles era bem diferente, até inclui os tractores... A **palavra** «automóvel» significa «**máquina** transportadora».

De facto, as concepções, **mesmo** na vida corrente, são **bem** diferentes, lá e cá, tudo **como** resultado da estrutura sociopolítica – o que até se reconhece bem numa Comuna, como esta que me dizem ser normal e que tem 15 jardins de infância, 19 creches e uma equipa de projecção de filmes, um centro de cultura e um departamento para velhos; e o plano de 1982 a 2086 admite duplicar a produção, conforme decisão em que todos os membros estão de acordo, até na parte cultural.

Aliás, estive num centro de cultura e senti bem como a preparação de base é uma realidade, sendo a produção uma consequência também real.

A produção nacional é planeada pelo Estado, que prepara as condições de base para a produção pelas Comunas Populares e até individualmente. Antes de 1978 as máquinas só pertenciam ao Estado e hoje cerca de um terço pertence às colectividades que são também utilizadas nas explorações individuais, havendo mesmo máquinas de mais pequeno porte que são propriedade individual – segundo explicação que me foi dada.

A produção é, basicamente, colectiva e, antes de 1978, as parcelas agrícolas eram só para uso pessoal; após o contrato com as famílias, os produtores têm efectivo entusiasmo na produção – foi-me afirmado na Comuna de Pequim, em chinês, mas traduzido por Han como, felizmente, me sucedeu com muita frequência, como na visita à Comuna da Aldeia dos Pêssegos – a 70 km do meu hotel em IANTAI – em que o presidente me leu uma exposição sobre a Brigada de Produção Tao Chun, dividida em 22 equipas sendo 20 de produção agrícola, outra de investigação científica, outra de construção civil e outra responsável pelas actividades auxiliares; esta Comuna abrange 1084 famílias, correspondendo a 3850 pessoas. Pelos elementos que me foram fornecidos, vê-se bem como tem sido a evolução nos últimos anos; subindo fortemente o fornecimento de cereais para o Estado; e os membros da brigada receberam, em 1982, uma comparticipação monetária 17 vezes maior do que em 1955; e foi-me afirmado que «todas as famílias têm excessos de cereais e de dinheiro depositado no Banco» – o que começa a parecer-me um ponto de partida para o desequilíbrio... Mas disseram-me também que, em face do desenvolvimento e consolidação da economia colectiva, a Brigada passou a administrar algumas obras de interesse público, construiu uma escola primária e uma escola secundária, todos os camponeses têm assistência médica gratuita, e os velhos – homens de 65 e mulheres de 60 – podem receber subsídios.

Em outros locais a que fui encontrei análoga estrutura; e bastante me interessou sentir a preocupação de preparação das crianças, do ponto de vista cultural e físico, com creches, jardins, locais de desporto e de refeições; e também o cuidado pelos velhos, em algumas Brigadas. Se eu estivesse em alguns outros países, ficaria em hesitação ao saber que, numa área de produção agrícola, 95 por cento das famílias possui televisão – como me disseram numa Brigada da Comuna Popular do distrito de Moping e onde a distribuição efectiva «per capita» subiu, nos últimos 8 anos para 10 vezes mais, tendo todos os membros desta Brigada já passado a residir em novas casas e em prédios residenciais pertencentes ao Estado ou às colectividades. Na verdade, eu penso que uma forte subida de rendimentos individuais poderia levar a **perda de rumo,** se não houvesse um ambiente de efectivo controlo; e julgo necessário que não venha a suceder – embora seja corrente em países a que estamos mais acostumados.

É claro que me não surpreende ver um homem e uma mulher – que era nova – cavando terra perto do Pagode das Quatro Portas, apanhando batatas, numa exploração individual por acordo com a Equipa, tendo eles de obter pelo menos metade da quantidade constante desse acordo; isto perto da cidade não longe do rio Amarelo.

Assim continua a observar-se a preocupação de fixar uma responsabilidade – o que presenciei fortemente nos dias que estive na China, tanto na actividade agrícola como na escolar e mesmo ao passear pela cidade.

Mas julgo dever ficar por aqui, se não nunca mais acabaria...

gentes e paisagem

O Natal sentido com o olho esquerdo

Dias de Melo

Sentia-se, pois, ti Joaquim Picanço como que tocado pelo milagre de ũa brisazinha de juventude, se fosse possível, bem sei que não, a vida é uma caminhada de penares por ũa canadinha munto longa, munto estreita e munto ruim cheia de portais, a um portal outro portal se segue, a gente nã dá um passo que nã tenha pela frente um portal, a gente cansa-se, nã pode mais, quer parar, a canadinha tá rasa de cobras, as cobras nã deixam a gente descansar, a gente vê-se obrigado a caminhar pra diante, sempre pra diante e sempre sem parar, se a gente pára as cobras atiram-se à gente, enraivecidas, mordem-nos os pés, as mãos, a cara, os olhos, a peçonha das cobras mata, a gente nã tem remédio senão dar mais um passo pra passar mais um portal, cada passo que a gente dá vai custando mais, cada vez mais, e mais um passo, e mais um portal, e outro, e outro, e tantos e tantos outros, a gente tem que passar todos os portais, de repente não há mais portal nenhum, a gente olha, pensa que chegou tempo pra descansar, as cobras cma amansaram, nã se atiram à gente, e a gente encara com a boca negra de um poço negro e sem fundo, tá li, mesmo ali, só um passo e a gente cai na boca negra do poço negro e sem fundo, as cobras não amansaram, apenas passam pelo sono, mal acordem caem-nos de novo em cima, mais enfurecidas do que nunca, a gente quer fugir, pra trás nã pode, todos os portais se fecharam, nem que por artes de bruxedo, nũa muralha enorme, munto larga, munto alta, munto comprida, tão comprida que começa no princípio da vida, não há forças humanas que a vençam, a canadinha é estreita, prós lados tamém não há saída, as paredes da canadinha são muralhas tamém, a gente tem que caminhar pra diante, já passei todos os portais que tinha a passar, agora só falta dar o último passo, e o último passo que der é pra cair na boca negra do poço negro e sem fundo, as cobras dormem, é um sonino leve, nã tardam a acordar, logo que acordem, ou se enrolam em mim e me mordem e matam co a sua peçonha, ou dou mais um passo e caio na boca negra do poço negro e sem fundo, do poço negro e sem fundo nunca ninguém volta...

Ti Joaquim Picanço sabia, por enquanto as cobras dormiam, com aquele solinho acabando de romper e vindo por ali dentro lamber-lhe, no travesseiro encardido, com o afago daquele calorzinho, a cabeça de ganipas brancas, ralas, emaranhadas, compridas, as rugas das faces encarquilhadas com a barba de muitos dias por fazer, iluminar-lhe os olhos baços rajados de vermelho, penetrar-lhe na pele engelada e aquecer-lhe o lodo frio do sangue nas veias endurecidas, logo se ergue, com dificuldade mas ergue-se, senta-se na borda da cama, enfia nas pernas as calças por sobre as ceroulas, no tronco, por sobre a camisa de dentro, a camisa de fora, nos pés as albarcas, penoso baixar-se para lhes amarrar as correias, arriba dos juanetes, por cima das meias, mais penoso pôr-se de pé, isto tá que nem um saco de caruncho, deixa de lado o alvacoto, pra quê co este tempo que tá i?, arrasta-se pelo soalho, de um dos pregos a servirem de cabides pregados atrás da porta que raro abre e que dá para a sala-de-fora, na sala-de-fora nunca põe os pés, tira a froca castanha de lã velhinha de ovelha, veste-a remendadinha com linhas das mais variadas cores, como as calças e a camisa, levanta nos caixilhos a janela do lado do nascente e a janela da empena, consola este cheirinho a terra húmida e a azul do céu e do mar depois do temporal, esta toada das ondas mansas passando os dedos de fadas meigas nas arestas duras das pedras negras da costa como quem toca, com alma e sentimento, nas cordas de prata fina da guitarra bem afinadinha, a chamarrita choradinha que nos chega ao coração.

As andanças do costume, deixa as janelas assim bem abertas, esta casa que se encha de luz e calor, a ida à casinha, de volta, na cozinha, com a porta escancarada, a passagem, na bacia de ferro esmaltado às lascas, de uma gota de água pela cara, a dentada daquela nica de queijo e não mastigada e enroladada com dois tragos de água fria bebida pelo caneco de cedro, e ti Joaquim, um dia destes nã se pode perder, logo se safa para a rua, senta-se pelos degraus do balcão, bordeja pelo pátio da loja, devora, afoga-se, sôfrego, sem sol, ar, luz, canários, tentilhões, tontos, melros, lambandeiras, pipiando, saltitando, esvoaçando, pairam nas alturas, milhafres de mau agoiro, perto do meio-dia, nã tenho relógio, mas cheira-me, não anda longe, vou-me à horta apanhar ũas coivas, òs tempos que nã como um caldinho!, vai trôpego, estas minhas pernas, ò que um home chega, neste pé, naquele, mais naquele, naquele ainda escolhe as folhas mais tenras, estas coivas tão que nem coiro, tamém co esta ventania e co esta surriada de todo este mau tempo, trôpego foi, trôpego vem, traz da loja meia dúzia de batatas entra na cozinha, acende o lume, há que séculos esta pedra deste lar nã vê ũa faúlha, assenta a panela de ferro com água na trempe, deita-lhe dentro as coivas que picou, as batatas que descacou com o ferro da navalha, uma pitadinha de sal a temperar, um dentinho d'alho a dar um saborzinho, se tivesse ũa malaguetinha, deixa ver, talvez no armário, ê cma que tinha aqui ũa coisa delas, olha cá tão, ainda bem, fica-se à porta, este solinho tem que ser bem aproveitado, inté faz ressuscitar os mortos, e na porta se fica à espera. Em ouvindo a panela chiar, chega-se ao lume na pedra do lar, a água já ferve, deixá-la ferver mais um bocadinho, já tá, é só deitar neste prato de barro de Santa Maria, tá partido, co as bordas roídas, nã faz mal, serve, senta-se serenamente à mesa sem toalha e de madeiras carcomidas, a cara voltada para a porta sempre escancarada, para o céu azul, para o mar azul uma asa branca no céu azul, come devagar, este caldinho quente tá que consola um desconsolado, então co esta cantiguinha do mar e co este calor deste solinho, seja pelas almas. Tenho qu'ir ò botequim, agora deixa-te tar prà i, corpo ensapado, logo lá vamos, e ainda se demora sentado pelos degraus do balcão, nos bordejos de barco rombado pelo pátio da loja, frente a um amplo trecho da freguesia, naquele azul do céu e do mar, o porto, as torres da igreja, esguias, alvas, duas noivas a noivar, as casas humildes dispersas ao longo dos caminhos, bem caiadas e brancas,

Continua na pág. 13

política de A a Z

Quatro notas de fim de ano

1 — A mensagem nuclear

Terá sido o ano passado que uma escritora portuguesa, vivendo os dias de Dezembro na Carolina do Norte, registou no seu «diário íntimo»: «Este povo chora forçosamente Hiroshima. /Este povo chora Nagasaki». E acreditava Olga Gonçalves — é da autora de «O Livro de Glotolilisobi» que falamos — que desse humano choro e do coração das crianças que pelo Natal recebiam presentes, como os cães, como os gatos, como a tartaruga, não brotaria a malevolência de «pôr selvagens nas estrelas», ou engenhos bélicos no espaço astral, nem mísseis com cargas nucleares na Europa.

O povo norte-americano chorou os seus mortos no Vietname. Chorou os seus mortos no Líbano. Mas todas essas lágrimas não impediram o envio de mísseis nucleares para a Europa, nem levantaram o povo no protesto que detenha a corrida para a guerra nas terras que são as nossas — de europeus, de asiáticos, de árabes. Nós choramos os mortos, as mortes adiadas, as vidas estropiadas, e as casas destruídas, e as florestas desfolhadas, e a terra desertificadas nas nossas terras. Choramo-las, no presente e não no profético futuro, «no nosso corpo». E, novamente, nos interrogamos: «Como finda o promontório deste século?». Não queremos — como Olga Gonçalves não queria, naquele dia 31 de Dezembro vivido na Carolina do Norte — que em vez das tarefas do homem consciente da sua humanidade, os trabalhos e os dias fiquem consumidos «na violência do ódio, da droga /na mensagem da guerra nuclear». Que mensagem?

Já não haverá palavras para dizer, nem lágrimas para chorar ***o dia seguinte!***

2 — Outra mensagem de Pessoa

Não recordo o ano, não fixei a página. Encontro a citação numa folha de papel, nota descuidadamente tomada que transcrevo:«Que ideias gerais temos? As que vamos buscar ao estrangeiro. Nem as vamos buscar aos movimentos filosóficos profundos do estrangeiro; vamos buscá-las à superfície, ao jornalismo de ideias. E assim as ideias que adoptamos, sem alteração nem crítica, são velhas e superficiais».

Tinha razão o Fernando Pessoa. Linhas adiante, ou páginas andadas, no pecado nacional de imitarmos o estrangeiro, de copiarmos o estrangeiro, o poeta insistia: «Plagiámos o fascismo e o hitlerismo...» Ideologias que nos eram estranhas, bem diversas do nosso truculento e boçal «miguelismo»... Imitadores das culturas estrangeiras, das estrangeiras modas. Sem dúvida que essa é a servidão de uma «classe política» que não vive os problemas nacionais, que se distanciou do «país da realidade», que ensurdeceu para ouvir as aspirações e o clamor das pragas das «pedras vivas».

Nada é o homem sem a loucura, sem a capacidade de sonhar, sem o arrebatamento utópico. O «realismo dos políticos» é uma forma adiada de morte fisiológica. É já morte cívica.

3 — Realismo político

Em relação à Europa, e em relação à África, e em relação aos Países Árabes, e em relação aos Países do Terceiro Mundo, é necessário o estudo dos problemas, o planeamento das actuações. Não vale a pena insistir em soluções de inspiração ideológica e que nenhuma relação têm com os verdadeiros interesses nacionais. A Europa em crise, a Europa dominada e dividida, não oferece qualquer solução para as nossas dificuldades industriais, agrícolas, financeiras. A ***alternativa*** *não estará nos Estados Unidos, nem estará no Japão. Descobrir Portugal em Portugal é a tarefa de um Governo português. E é nosso interesse, e nosso dever, sabermos falar* ***em Português*** *com os povos da África e o povo do Brasil para com eles constituirmos, sem maquiavelismo e sem paternalismo, uma grande área cultural anti-imperialista, uma área cultural — e amanhã de cooperação económica sem exclusivismos — de Progresso e de Paz.*

4 — A lição mal entendida

A Língua portuguesa era a pátria do poeta Fernando Pessoa. Assim o entendemos e temos repetido, identificando Bernardo Soares — o do «Livro o Desassossego» — com o poeta de «Mensagem» para dar mais alto significado à afirmação. A «Língua Portuguesa», num mundo de contradições políticas, económicas, culturais, constitui uma «área cultural em expansão». É uma riqueza cultural, mas não é uma ***realidade política.*** *Poderá ser adjuvante de afinidades que se concretizem em vários planos de relação intercomunitários e interestaduais. Facilita* ***uma política.*** *Mas é mais, e menos, do que* ***uma realidade política.*** *É uma expressão cultural, é uma aproximação, uma facilidade de comunicação; não é o* ***substrato*** *(Estebes,* ***dixit)*** *de uma política internacional. Os povos que falam a Língua Portuguesa* ***oficialmente*** *têm políticas diferentes. E interesses diferentes. A* ***Língua,*** *cultivada em comum, em comum utilizada, não preenche o quadro estrutural das* ***relações possíveis,*** *nem delas permite transitar para as* ***relações desejáveis.***

E apesar dos bons sentimentos, ***uma política*** *e belas palavras, o* ***conceito de independência*** *prevalece. Não se apresenta como uma ferida aberta, mas persiste como uma memória histórica.*

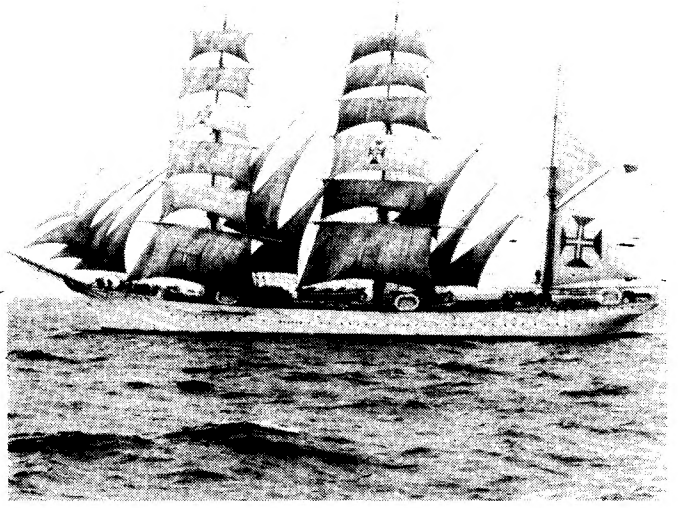
Ainda hoje temos muito caminho a fazer para nos encontrarmos com o Brasil — na América do Sul e também na África Austral.

Falamos a mesma Língua. Vivemos vidas diferentes.

A presença de Portugal-Estado em reuniões dos Países Novos da África (de expressão oficial portuguesa), proposta como de coisa natural e fácil se tratasse, provoca o ácido comentário de Samora Machel: «Somos um grupo sem papá».

O irrealismo político paga-se. E, também, o «paternalismo» — ou o que como tal é considerado.

ponto a ponto



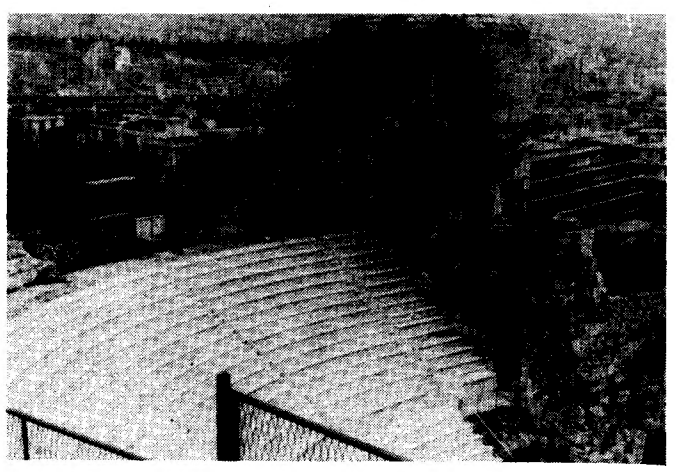
A Sagres prossegue a sua viagem de circum-navegação para a qual partiu em 1 de Junho da Base Naval do Alfeite. Depois de ter permanecido doze dias em Macau, a «Sagres» fez-se ao mar com destino a Singapura. O regresso daquele ex-navio-escola a Lisboa, está previsto para Março de 1984.

JAIME Gama visita, oficialmente, a Guiné-Bissau, na segunda quinzena de Janeiro. Esta visita esteve, inicialmente, marcada para o fim de Novembro e, depois, para 31 de Dezembro (até 4 de Janeiro). Ambos os adiamentos foram solicitados pelas autoridades guineenses.

O Racal Clube de Silves promove, amanhã, um «sarau cultural» incluído num programa para assinalar a inauguração das novas instalações daquela colectividade algarvia. A nova sede está instalada num velho edifício do século passado que foi recuperado tendo sido mantida a traça original.

SEGUNDO uma fonte social-democrata, citada pela ANOP, **Eurico de Melo**, vice-presidente do PSD, «tem manifestado a sua maior colaboração e cooperação a Mota Pinto dentro e fora do PSD» e mantém «o seu firme apoio à coligação governamental». De acordo com a mesma fonte, as notícias sobre posições críticas de Eurico de Melo em relação ao Governo e à direcção do partido não passa de «uma campanha para denegrir a sua imagem».

LAURA Maria Malcher de Macedo vai ser nomeada cônsul-geral do Brasil em Lisboa. Laura de Macedo, actual ministro conselheiro da Embaixada, substituirá Félis Batista de Faria, agora nomeado embaixador na Jordânia.



REGRESSOU de Atenas Henrique de Sousa (PCP) que foi à capital grega participar num simpósio internacional sobre a luta dos comunistas contra o desemprego, organizado pelo Partido Comunista da Grécia e pela revista «Problemas da Paz e do Socialismo».

Folhetim artístico

Malhoa três

José Augusto França

Continuemos no «para quê» da exposição Malhoa e do seu cinquentenário com inventário do que se disse, aqui e agora, do pintor voltado à luz da ribalta. Isso nos dará também, e talvez sobretudo, uma ideia sociocultural (digamos...) do que são o «aqui» e o «agora», o país e o tempo em que o vivemos. Malhoa como espelho dador de imagens continua a servir, muito inevitavelmente, a bem ou a mal... A nova gente que sobre ele escreveu no-lo dirá, logo no catálogo de Lisboa e nas páginas dos jornais que, me chegaram às mãos.

Catálogos houve dois, cobrindo as exposições da S.N.B.A. e do Museu das Caldas da Rainha, em invocação do Mestre ali nascido e com museu homenageado ainda em vida. São naturalmente diferentes os dois catálogos em seu espírito e seus métodos, e, como comissário das comemorações, não só aceitei como fomentei tais diferenças porque elas são culturamente importantes, permitindo duas leituras-Malhoa, em função da tradição do seu tratamento, nas Caldas, e em função duma reflexão cultural actual, de responsabilidade universitária, em Lisboa. Nenhuma delas é melhor que a outra, insisto – e tal problema não deve ser posto porque são ambas significativas e é óbvio que a equipa vinda do Departamento de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa (F.C.S.H.) tem , por formação, atitudes mentais diferentes senão opostas à da equipa formada pelo dr. Saavedra Machado, director do museu caldense. Deficiências há naturalmente, de ambos os lados – e ficou-se devendo ao dr. Saavedra Machado algumas precisões e achegas, infelizmente tardias (no «Diário de Notícias» de 10/11/83, que se recomenda) sobre exposições internacionais em que Malhoa esteve presente, e galardões ali recebidos, dados por ele pacientemente coligidos e de que os arquivos da Academia de Belas-Artes e da S.N.B.A. especialmente consultados, não dispõem; e também a indicação, ignorada no catálogo de que «O Fado» fora na verdade, exposto em Portugal antes de 1917: em 1912, no Porto, notícia que deve passar a ser tomada em conta – embora, no plano das significações culturais, o facto de o quadro ter sido exposto no Porto (e não em Lisboa) antes de 17, ser dado talvez ainda mais importante, que necessita de tratamento e duma reflexão que não parece difícil de desenvolver... Também o director do Museu caldense insiste sobre o prestígio internacional «do mais ilustre filho das Caldas» – mas aí a informação pouco valor tem porque tal prestígio depende dos prestigiadores e seriam precisas garantias da qualidade cultural destes. Na verdade, não é possível tomar a sério um crítico francês (não nomeado) que afirma ser «O Fado» «talvez uma das melhores telas» do Salon parisiense de 1912; e medalhas de ouro em Buenos Aires ou um (não o) Grand Prix da famosa exposição Panamá-Pacific em S. Francisco têm significado bem relativo se se souber qual foi o espírito que presidiu a esta última manifestação.

No pólo contrário, um jornalista acusou a exposição de mostrar mais uma vez um «Portugal cor-de-rosa» sendo, como acha que é, «uma reposição da homenagem que lhe prestaram em 1928». Não tem importância o juízo certamente desatento que convém relacionar com o dano que a exposição sofreu do facto de, ao mesmo tempo, estar patente em Lisboa a exposição Medina, com confusões possíveis de qualidades e de categorias num público geralmente mal informado, capaz de meter numa mesmo saco a sensualidade naturalista da pintura de Malhoa e a lubricidade académica da de Medina, mesmo para além dos seus tempos históricos. Chegou-se por isso a falar num «onda de reaccionarismo cultural» ou numa «conjunção» ou numa «colagem» (se não num «complexo») «Malhoa-Medina» sem se procurar esclarecer (ou entender, alguns) a fundamental diferença cultural, informando sobre o mero e infeliz acaso de que não são responsáveis os organizadores da exposição Malhoa nem, evidentissimamente, poderiam ser. Melhor será ver um artigo que aconselha a «fazer perguntas», e muitas, «coisa que não se fazia no tempo de Malhoa». E algumas faz a autora, duma pertinência que se procurou provocar com a exposição. Exposição «pausa para rever Malhoa», diz-se na página seguinte, e isso ela é: « a discussão (polémica mesmo...) que esta iniciativa gerar», segundo o mesmo signatário, seria e é sinal positivo – que em 1928, 33 ou 55 não apareceu nem podia aparecer. Uma sociologia da arte no tema encontrará excelente terreno a explorar como também foi sugerido. E em 1983 (e com o Medina ao lado...) mais do que há trinta ou sessenta anos, como se vê, mesmo escrito por linhas tortas, ou assim especialmente...

Outro artigo fala do «Portugal bem querido e mal criado», bom achado de título, que no texto tem consequência: «Que Portugal é este?» e que olhar é este que o olha – e contra quê? Certamente um Portugal mais desejado do que visto, e do que documentado pela «ausência completa de paternalismo» do pintor, observação interessante mas assaz discutível logo em imediatos termos de autoridade do imaginador sobre o imaginizado... Mesmo no caso do «Senhor Malhoa» de Figueiró – e antes parecendo que é para além da iconografia que a sua arte informa, no cio das «Cócegas», na indiferença entomológica do «Fado» e dos «Bêbados», na coxa apalpada da ninfa da «Ilha dos Amores», ou do Vasco da Gama igualado ao Cabral para encomendas diferentes...

«Ainda o nosso pintor» «ainda o mais português»?, pergunta outro texto. «Inquietante seria que, em 1983, alguns rejeitassem liminarmente Malhoa, esquecendo que aquele Portugal

Continua na pág. 13

tem a palavra o leitor

Há fome em Portugal?

O que os meus olhos viram:

Se se diz que, na Inglaterra, mais de um milhão de crianças vivem na miséria, devido ao fraco salário dos seus familiares, não mais de quarenta por cento acima da margem de pobreza (importância superior a 15 contos por semana), o que diremos nós, principalmente os que auferem o mais insignificante ordenado mínimo nacional, seis vezes ou mais, menor do que aquele, isto sem falar dos que possuem pensões indignas de sobrevivência.

A nossa vivência é triste. À carne não se chega e quando, por festa, se chega, os dentes não a tragam. O peixe fresco é um milagre e, também, pelo seu elevado custo se foge dele. Entretanto, o congelado mais em conta, por vezes se deita fora por retardado ou mau gosto. Os artigos essenciais à alimentação, incluindo os produtos hortícolas, frutíferos e oleaginosos, etc., atingiram já tão elevado custo que só com mestria se consomem. O bacalhau dos tempos idos que se recorda com saudades, fiel amigo, pitéu dos pobres, é hoje uma miragem. Em certos supermercados só o vendem por inteiro, rondando entre seiscentos a mais de mil escudos, o que leva a constatar não terem os mais necessitados poder de compra para o adquirir e até a satisfação de o saborear um pouco e isto porque fracções decimais menores do sistema métrico, não interessarem ao vendedor. E se juntarmos ao que se expõe, a renda da casa, água e luz, produtos de limpeza e de higiene, vestuário, calçado, educação dos filhos, transportes e divertimentos uma vez por outra (pois, como é sabido, nem só do pão vive o ser humano); ele vive até com as desgraças da natureza – destino. Assim, temos de concluir não haver na bolsa dos trabalhadores com ordenado insignificante, em atraso, ou ainda pior, sem ele, deficientes, pensionistas, reformados ou aposentados, sem outro erário que não seja da sua modesta situação, o indispensável para o avio diário da casa e contemplar o agregado familiar com refeições nutridas a uma vida decente, saudável e civilizada para se ser feliz.

O trato da saúde leva-nos o couro e cabelo e os médicos do grupo João Semana, debandaram já. Os remédios seguindo mais acentuadamente o exemplo dos produtos alimentares, mudam de preço dia após dia e o efeito curativo para alguns, de certa fama, já se torna duvidoso. Em certas embalagens, o seu quantitativo aparece riscado sem mais aquelas, dando lugar a outro de acréscimo considerável e sem a mínima consideração pelo anterior definido, prejudicando o doente comprador. O bate-bate à porta a pedir esmola, voltou agora com mais insistência, a tuberculose já esquecida, reaviva-se e mostra-se lembrada nos desvitalizados, drogados e tarados sexuais. Os suicídios por falta de meios vão aumentando. No entanto, há quem aborde nas esferas oficiais, o dilema das áreas reservadas à prática do nudismo, não para os esqueléticos, evidentemente, mas sim para os rechonchudos, eles e elas, de opíparos manjares, poderem exibir em lugares não poluídos e em beleza, sem corarem, seus atractivos vergonhaços. E isto tudo em contraste ou transparência com o que me foi dado observar: um indivíduo, já homem, aparentando, no máximo, trinta anos, regular apresentação, nada paranoico ou drogado, mas frenético, mexe e remexe um receptáculo de lixo e, ao desistir de continuar por nada lhe ter interessado, olha para o empedrado do passeio e nele vislumbra, num ápice, um naco de pão que, num gesto rápido apanha, limpa ao cotovelo do casaco e, sofregamente, come. Em seguida, e em correria, procura outro receptáculo, o que me deixou enternacido.

A meu ver, o mal da vida de hoje para os que não aguentam a inflação, e estes são os carenciados de toda a ordem, **não está em usar-se fundilhos nas calças (até é moda), mas sim no «cu» das calças que já não aguentam os fundilhos**. É triste dizê-lo, mas trata-se de uma grande verdade reconhecida por muita boa gente e, principalmente, pelos migalhinhas-famintos deste País.

O que me foi dado ver, repito, calou-me profundamente e refeito leva-me a perguntar: há fome em Portugal? Eu julgo que sim. As bandeiras negras da fome nas manifestações dos trabalhadores, o confirmam...

João Filipe Rijo
Rua Alferes Barrilaro Ruas, n.º 4-1.º Esq.º – Olivais Norte 1800 LISBOA

Os cumprimentos de fim-de-ano

O primeiro-ministro e o vice-primeiro-ministro recebem na residência oficial de S. Bento, quinta-feira, os membros do Governo, que lhes apresentarão cumprimentos de fim do ano.

Na sequência, Mário Soares terá um encontro com os directores dos principais jornais e semanários, seguindo depois com Mota Pinto para o Parlamento, onde apresentam cumprimentos ao presidente da Assembleia da República, Tito de Morais.

À tarde, o Primeiro-Ministro-Ministro estarão em Belém para cumprimentar o Presidente da República.

Sexta-feira, Mário Soares e Mota Pinto apresentarão os cumprimentos protocolares desta época ao cardeal-patriarca de Lisboa.

A viagem foi feita a convite do Centro 25 de Abril de S. Paulo

Manuel da Fonseca regressou do Brasil com novas histórias para contar

Manuel da Fonseca (de pé à direita na «foto»), no regresso do Brasil, em convívio com alguns amigos, entre os quais se reconhece Romeu Correia, Manuel de Azevedo, Rogério Vidigal, César da Silva, Rui Pacheco e o autor da entrevista

Manuel da Fonseca, um «nome maldito» da literatura portuguesa, nos tempos do salazar-caetanismo, sobretudo a partir da recriação, em «A Seara de Vento», do tão esquecido caso do «Cantinho da Ribeira» (um camponês-moleiro alentejano afrontou, até à morte, no seu moinho, nos arredores de Serpa, uma força imensa da GNR), está à nossa frente, na sua casa em Beja, no Bairro do Moinho de Vento, recém-chegado do Brasil, onde se deslocou a convite do Centro Cultural 25 de Abril, de S. paulo, a fim de participar naquela cidade na Quinzena de Divulgação da Literatura Portuguesa Contemporânea. Tem 43 anos o Manel?, a pergunta, agora repetida por um jovem ali presente, já nos tinha sido formulada dias antes na «Casa do Alentejo» por um nosso conterrâneo, surpreendido com a frescura, de luta e de vida, demonstrada pelo extraordinário contador de histórias, escritas e faladas, que é o autor de «Aldeia Nova», «Um Anjo no Trapézio» e «Cerromaior».

Mas tem 73 anos, o Manel? No bilhete de identidade, sim senhor, facto que ele assume com o orgulho de não renegar à geração e à corrente literária a que pretende, o neo-realismo, esse «engulho» cravado na garganta de muitos «puristas» da nossa praça literária. Mas se ao menos uma vez houve em que lhe sentimos pesar sobre os ombros a «frustração» de possuir tantos anos contabilizados no calendário da existência, foi, precisamente, na véspera da sua partida para a pátria de Graciliano Ramos. «Só agora, Geraldo. Só agora foi possível. Ah, se isto tivesse sido pelo menos vinte anos antes, quando eu ainda estava na força da vida», disse-nos, á mesa da cervejaria, «Águia d'Ouro», a mais recente tertúlia lisboeta de escritores, jornalistas e pintores, situada à beira dos degráus cimeiros das Escadinhas do Duque.

Sarmento Pimentel e Drumond de Andrade

Mas a viagem aconteceu, e o itinerário, outrora seguido por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, agora á escala da vertigem, num «Boeing» de muitos jactos, pareceu ter rejuvenescido, ainda mais, o «velho» Manuel da Fonseca. O calor do Brasil tropical, qual elixir de eterna juventude, que ele, ido do frio, tanto temera, acabaria por lhe corar as faces e retemperar o espírito. «Foi assim como que um banho de raízes, aquilo que me aconteceu no Brasil. Um repassar pelo turbilhão de um nosso rebento, e, simultaneamente, nossa origem. Naquela cidade, naquele monstro, larvar que é a cidade de S. Paulo, com aqueles seus treze milhões de habitantes, aqueles arranha-céus e aqueles muceques, aquela violência, aquele racismo, mas, ao mesmo tempo, aquela liberdade, quase impensável neste Portugal que, agora, ainda mais, sinto tão mesquinho na sua pequenez ainda colonial, tão tacanho culturalmente ao nível do poder», gritou-nos quase de um fôlego.

E para demonstrar aquilo que entendia como liberdade cultural, quase insenção, face ao tracanhismo deste Portugal que, além-Atlântico, se proclama de país democrático, caído de uma revolução, a de Abril, Manuel da Fonseca falou-nos da 1.ª Feira do Livro Português de S. Paulo, «onde estiveram patentes 25 mil exemplares (cerca de cinco mil títulos) de todos os modernos autores portugueses, todos sem excepção, pertendentes a todas as correntes políticas». Do espaço que lhe foi dedicado nos grandes órgãos da Comunicação Social (teve entrevistas de quinze minutos, sem um único corte, nos mais importantes canais de Televisão, quando em Portugal, a última, e quase única vez, em que falou na RTP, por escassos minutos, foi no programa de Luís Pereira de Sousa «Já Cá Canta»). Do interesse, sobretudo por parte das camadas mais jovens, pelos autores portugueese, os quais têm audiências inesperadas, desde Herberto Hélder a Fernando Pessoa («dir-se-ia que o poeta da «Mensagem» já é brasileiro»), passando por Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Augusto Abelaira, Miguel Torga, entre outros. Não esquecendo, claro, a influência na cultura brasileira de escritores portugueses, que ali estiveram exilados durante a ditadura salazarista, como Adolfo Casais Monteiro, Jaime Cortesão, Agostinho da Silva.

A propósito, Manuel da Fonseca recordou-nos dois momentos que considera como inesquecíveis da sua passagem pelo Brasil: os encontros que teve como o «lendário» capitão Sarmento Pimentel (agora general com 93 anos, e que «ainda não recebeu um tostão da reforma» que lhe foi concedida pelo Estado português, durante o 1.º Governo de Mário Soares), vivendo sozinho, mas com grande dignidade», num enorme casarão no centro de S. Paulo, com Carlos Drumond de Andrade, o poeta que, frisou, foi «um marco» em toda a sua vida.

Sensibilizou-o igualmente a luta travada por intelectuais brasileiros, de todas as tendências políticas, contra a proposta de um deputado para que o ensino da Literatura Portuguesa fosse abolido das universidades do país. Tal como o maravilhou o «rasto inovador» que deixou por terras de Castro Alves, a passagem de grupos portugueses de teatro, com um destaque muito especial para «A Barraca». E a amizade que lhe foi prodigalizada por muitos compatriotas ali radicados e o convívio com «esse homem admirável que dá peléo nome de Fernando Lemos, alto, forte, irónico, prazenteiro, uma cara grande, poeta, pintor, companheiro de António Pedro, Vespeira, director do Centro Cultural de S. Paulo, que é «somente» a maior associação do género em toda a América Latina».

Ali se suicidou Getúlio Vargas

Como pontos negativos, também os houve, Manuel da Fonseca referiu-nos uma certa «euforia» dos intelectuais brasileiros pela sua Cultura, que muitos deles tentam fazer acreditar ser «cem por cento original», como se «esquecessem» que essa cultura foi beber a outras fontes na pujança que hoje inegavelmente possui, não só em Portugal, como em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné, ou seja na Africa Negra de muitos dos seus antepassados.

E, de novo, o negativismo de S. Paulo «uma cidade fora das nossas medidas, amontoado de cimento armado, metrópole onde reina um capitalismo selvagem, onde o branco ainda domina em todos os escalões, com a excepção dos futebóis com os seus ainda assim raros, reis Péles».

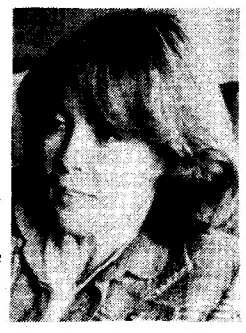
Mas apesar de o terem aconselhado a não andar sozinho, sobretudo à noite, dado temerem pela sua integridade física, Manuel da Fonseca (esse indomável alentejano de Santiago) acabou por fazer algumas surtidas «pela cidade medonha, onde os esquadrões da morte chegam a atirar cinquenta cadáveres por dia para as valas comuns».

«Eu queria ver a cidade, os bastidores da cidade e vi», confidenciou-nos com um sorriso de criança traquina. Tal como viu o Rio de Janeiro nocturno, «o Rio uma cidade diferente de S. Paulo mais calma, mais europeia, de uma beleza feiticeira, uma cidade onde o mar é dono e senhor com os jovens em «peladinha» até às tantas da madrugada. Metrópole de estranhos contrastes, com mulheres já idosas, de velas acesas em plena rua, fazendo a macumba», como por exemplo observou «na zona de Catete, junto ao muro de uma igreja, bem no sítio onde se suicidou Getúlio Vargas».

E num recordar de prazer extremo, como se estivesse a sonhar: «Eu naquelas madrugadas abafadas, qual Alentejo da minha meninice, nem queria dormir. Queria, isso sim, era agarrar a vida». E a vida acredita, deixou-se agarrar, trazendo-te ainda mais jovem. Tão jovem que cada capítulo desta viagem é já uma nova história. Contada como só tu, Manuel, sabes contar!...

Manuel Geraldo

ao telefone com



Maria Belo

'Aborto? O PS funciona pior que o dr. Mário Soares...'

No último Congresso do PS, realizado em princípios de Outubro, foi aprovado, quase por unanimidade e com o apoio de Mário Soares, uma proposta no sentido do Grupo Parlamentar dos socialistas apresentar na Assembleia da República um projecto de lei de despenalização do aborto.

Apesar desta decisão os socialistas ainda não chegaram a acordo quanto ao que vão fazer. O PSD diz que tal projecto pode pôr a coligação em perigo – e daí, as hesitações. Ao telefone com Maria Belo, autora da proposta no Congresso do PS, pusemos-lhe a questão: o PS vai, ou não, apresentar um projecto de despenalização do aborto?

«Penso que o PS, como partido, está inclinado a apresentar um projecto nesse sentido – um projecto, de resto, que não foi trabalhado como devia ter sido».

Não foi trabalhado?

«Sim, do meu ponto de vista não foi trabalhado nem discutido com a profundidade que um tal assunto exigia».

Falou do PS como partido. E como Governo?

«Aí penso que o PS não tem o à-vontade suficiente para subscrever a proposta».

Então o que é que vai passar-se?

«Ah, bom, isso não sei. Por enquanto há duas tendências dentro do partido: os que o querem apresentar e os que o não querem apresentar... Os primeiros pensando no partido, os segundos pensando no Governo. Como não estou no Governo não sei quais as dificuldades reais do PS para, enquanto governo, apresentar ou subscrever tal proposta».

Mas não lhe parece que esta é uma questão da Assembleia e não do Governo?

Teoricamente é assim. Mas na prática a gente sabe como é... O PS não é totalmente autónomo pelo facto de estar num Governo de coligação».

Diga-me uma coisa: se esta decisão foi tomada em Congresso, como é possível existir tanto 'filme' à volta disto? As decisões tomadas em Congresso não são para respeitar?

«Sabe, o que foi aprovado é que o Grupo Parlamentar do PS deve apresentar um projecto para discussão. Mas não foi fixada uma data... O que permite que possam ser dadas as voltas que se quiser... Claro que isso é uma escapatória jurídica e nada tem a ver com o espírito com que o PS aprovou a moção no Congresso. É a verdade é que se o dr. Mário Soares vier dizer que a questão é mais importante a coligação do que o aborto, o partido não tem muitas armas para ir contra».

Se bem entendo, no PS é perfeitamente possível serem tomadas decisões colectivas, até pelo Congresso, para, mais tarde, o dr. Soares lhe dar a volta...

«O problema não é bem esse. O partido é que não tem força interna suficiente para se opor ao dr. Mário Soares. Nem a nível das bases, nem da direcção.»

Isto é: o partido é o dr. Mário Soares. Certo?

«Não. O partido não é o dr. Mário Soares. Mas temos que reconhecer que, em última análise, o poder de decisão está nas mãos do dr. Mário Soares.»

Voltando ao aborto: não acha ridículo, para um partido como o PS, que se levantem problemas deste género, admitindo-se, inclusive, que possa pôr a coligação em perigo?

«Acho ridículo não para o partido, mas para o País. Quanto ao PS acho é lamentável que o partido tenha tantos quadros, a todos os níveis, com tanta capacidade técnica, e não consigam utilizar toda essa força no sentido político-partidário.»

Confesso que não entendi muito bem...

«Olhe, dizendo de outra maneira: acho que o dr. Mário Soares é um bom político – mas não tem um bom partido, um partido com capacidade para o interpelar.»

Olá! Se não me engano está a dizer que o partido não está à altura do dr. Mário Soares. É isso?

«Bom, de certa maneira é isso que se pode deduzir. O que eu quero dizer é que, embora pessoalmente goste muito mais do partido do que do dr. Mário Soares, tenho que reconhecer que o dr. Soares funciona muito melhor que o partido.»

Essa tem piada...

«Acho que o PS tem bons militantes de base, do ponto de vista de vontade de inteligência, passe a expressão; tem muito bons quadros a todos os níveis e excelentes quadros femininos. No entanto, não consegue funcionar de maneira a dar uma dinâmica de partido que entre em dialéctica com o líder.»

Mas olhe que isso não bate muito certo com o que acaba de dizer. Se não conseguem essa dinâmica não devem ser tão bons como isso... Não está de acordo?

«Atenção: o que eu quis dizer é que esses quadros, que são bons, tecnicamente, que têm grande densidade humana, que são dedicados, não são bons operadores políticos, Só isso.»

Ribeiro Cardoso

Crestuma-Lever

"Vou dar um prazo para retirarem a placa"

— garante o governador civil do Porto

PORTO, 27 – «Hoje mesmo vou convocar o sr. presidente da Câmara de Gaia para entrar em contacto com a Junta de Freguesia de Lever e dar-lhe um prazo para que a placa seja removida. Caso tal prazo não seja respeitado, então usarei dos meios legais de que disponho para que a legalidade seja reposta, porque considero que aquilo foi um desafio à autoridade, promovido por meia-dúzia de agitadores que estão interessados na desastabilização», disse, esta manhã, ao «DL», o dr. Mário Cal Brandão, governador civil do Porto, a propósito do conflito existente entre Crestuma e Lever, reacendido a partir de anteontem, com a colocação de nova placa.

O governador civil do Porto não adiantou qual o prazo que ia conceder, mas disse que o mesmo seria, necessariamente, curto, para evitar que «surjam novos incidentes entre as populações das duas freguesias».

Entretanto, o presidente da Junta de Freguesia de Crestumao, Barbosa Ribeiro, disse, também, ao «DL», que «aquilo está como um barril de pólvora». E acrescentou: «Estou a fazer o que me é possível para conter e controlar os ânimos da população de Crestuma, mas tudo tem um limite».

Para Barbosa Ribeiro, «urge que as autoridades actuem rapidamente e que reponham a legalidade de acordo com as conclusões da Assembleia Distrital do Porto». O presidente da JF de Crestuma manifestou, entretanto, a sua convicção, em tudo semelhante à do governador civil: «Deve haver alguém por detrás deste meia-dúzia de indivíduos de Lever, a pagar-lhes e a atiçá-los para fazerem tais loucuras, alguém interessado em criar a instabilidade na zona e em criar tensões cujas consequências são sempre imprevisíveis».

Segundo apurámos, a GNR dos Carvalhos continua a patrulhar a zona onde foi recolocada a placa e onde se têm concentrado, «por turnos», algumas cezenas de leverenses. «Tem lá estado dia e noite a guardar a placa», disse-nos um autarca de Crestuma que considerou, também, que a nova placa «deve ter custado vastante mais do que a anterior, pois é maior e tem outro acabamento».

Será de salientar, ainda, um último desabafo co presidente da Junta de Freguesia de Crestuma, quando esta manhã dizia ao «DL»: «Começo a ficar saturado desta palhaçada. Não foi para isto que nós, autarcas, fomos eleitos pelo povo. Temos, na nossa freguesia, problemas mais importantes para resolver e, por certo que, em Lever, também os há».

pessoas & factos

Plano e MAP no mercado grego

Em Outubro último a firma MPA — Matérias Plásticas Ltd.ª, iniciou uma campanha de publicidade na Grécia, com o objecvtivo de desenvolver a implementação dos seus produtos naquele mercado onde o MAP é a segunda grande marca de acessórios para salas de banho.

Esta empresa tem aliás aumentado de ano para ano as suas exportações para diversos países da Europa apresentando-se com as marcas MAP, «Sanistar» e «Sanicril».

A coordenação e administração internacional da publicidade da MAP é feita pela PLANO, que no caso da Grécia veiculou toda a publicidade através das agências GIAD LTD, com sede em Atenas e que está ligada à PLANO através dos acordos internacionais estabelecidos por intermédio da cadeia IA — International Association of Independente Advertising Agencies.

A PLANO teve por outro lado a seu cargo a campanha de publicidade de apoio à presença do bimotor Airbus A310, em Lisboa, por acordo com a agência inglesa Park Advertising.

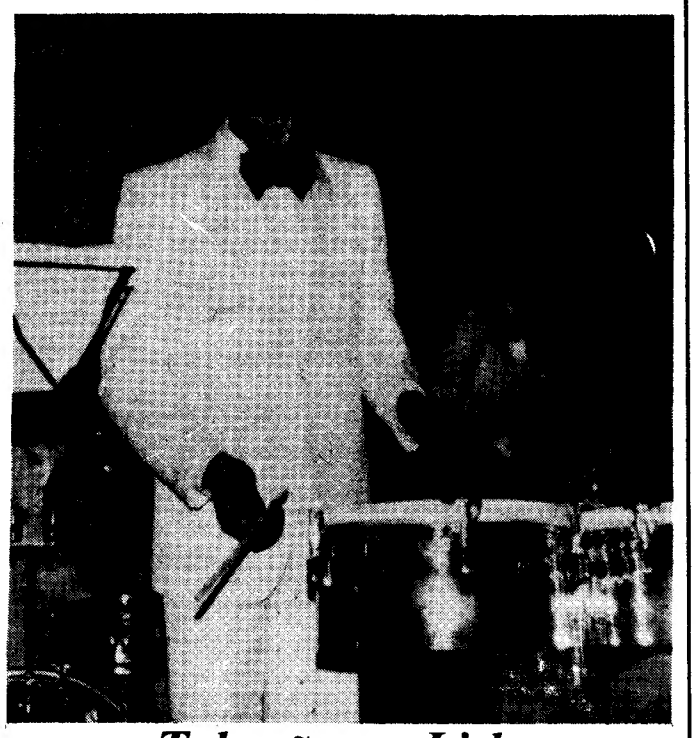
Hotel Londres cobra por medida

Na tentativa de lutar contra a crise que inevitavelmente também afecta o sector de turismo, o Hotel Londres, do Estoril acaba de anunciar uma forma original de cobrar as contas aos seus clientes: por medida.

Durante o próximo mês de Janeiro, cada cliente que se instale naquele hotel paga três escudos por centímetro de altura. Um cliente que, por exemplo, tenha 1,80 m pagará pela dormida 540$00. Mas se tiver apenas 1,55 m só paga 465$00. No caso de se tratar de um casal o preço é a soma da altura dos dois, multiplicada por três escudos. As crianças dos 2 aos 12 anos pagam 50 por cento do preço da mãe.

Claro que o hotel não vai medir os clientes à chegada, bastando apenas verificar a altura pelo bilhete de identidade.

Esta campanha tem como objectivo incentivar os clientes nacionais que têm figurado nas taxas de ocupação hoteleira em percentagens muito baixas. Quanto aos clientes mais altos, há prémios especiais para eles.



Tubarões em Lisboa

O mais conhecido grupo de música cabo-verdiana, os **Tubarões,** chega a Lisboa nos próximos dias. Será a atracção principal do **Fim de Ano Africano**, marcado para sábado, dia 31, na FIL. Festa que dura, habitualmente, toda a noite, o «Fim de Ano» na FIL contará ainda com o famoso saxofonista, também cabo-verdiano, Luís Morais, e com os angolanos do «África Tentação»..,

Quanto aos «Tubrões», é provável que prolonguem a sua actuação na discoteca dos manos futebolistas Alhinho, a «Koknot», na Rua de S. Bento.

A humidade já não mora aqui

A humidade não é apenas um transtorno — — também é um perigo. DESUMITEP 10, desumidificador de fabrico nacional, com a garantia de qualidade FNAC e o melhor aliado no combate ao excesso de humidade.

DESUMITEP 10
Fácil de instalar • Eficiente a funcionar • Entrega imediata

Desumitep 10

Exemplos de aplicação com resultados seguros
BIBLIOTECAS LABORATÓRIOS ARMAZÉNS

COM A GARANTIA DE QUALIDADE FNAC

Fábrica Nacional de Ar Condicionado, UCRL
Estrada de Outeiras Lts 20-21-CARNAXIDE • 2795 LINDA A VELHA • Telefs 218 33 67/68/69/70

Distribuidores exclusivos: CLIMANORTE, CLIMACENTRO, CLIMASUL.

Economia portuguesa

Balança de pagamentos bastante equilibrada

A necessidade inadiável de reequilibrar a balança de pagamentos e a celebração de mais um acordo com o FMI determinaram toda a política económica portuguesa no ano de 1983.

O défice da balança de pagamentos em 1982 – atingindo o número maior de sempre como mais de três biliões na contingência de não conseguir obter em 1983 financiamentos necessários para financiar o seu défice da balança de pagamentos em 1982 – atingindo o número maior de sempre como mais de três biliões de dólares de défice nas transacções correntes – deixou Portugal na contingência de não conseguir obter em 1983 financiamentos necessários para financiar o seu defice da balança de pagamentos.

A questão complicou-se com a crise política aberta no princípio do ano, depois da demissão do governo Balsemão e que só foi resolvida depois de eleições legislativas, em 25 de Abril.

A possibilidade de ruptura cambial com o País a encontrar-se na impóssibilidade de honrar os seus compromissos externos esteve presente durante o início do ano e só foi evitada – porque o Banco de Portugal – o habitual prestatário nas situações de emergência – contraiu junto do banco de pagamentos internacionais um empréstimo no valor de 300 milhões de dólares – com garantia ouro.

A utilização do ouro – apesar de ter sido feita numa altura desfavorável para Portugal por a cotação do metal estar em baixa nos mercados internacionais, vinha constituir assim e uma vez mais a tábua de salvação para a economia portuguesa.

As dificuldades de obter empréstimos internacionais explicavam-se quer pela crescente prudência dos bancos internacionais – que ameaçados de queimarem as mãos em países como o Brasil, ou a Argentina começam a revelar-se cada vez mais cautelosos na concessão de novos empréstimos e no ritmo excessivamente rápido com que estava a crescer a dívida externa portuguesa.

Esta duplicou entre 1979 e 1983 e Portugal, que pagava em juros ao exterior perto de oito milhões de contos no primeiro trimestre de 1980, pagou já perto de 22 milhões de juros de empréstimos nos primeiros trimestre de 1983.

A obtenção de um acordo com o FMI em que o Governo Português se comprometia a tomar medidas restritivas em particular no campo da diminuição do défice do Orçamento do Estado veio contribuir finalmente não só para que Portugal tivesse perspectivas de diminuir o seu défice externo como de conseguir empréstimos.

O empréstimo com o FMI cumpriu em relação à comunidade bancária internacional a sua tradicional função, tal como já tinha sucedido em 1978, de tranquilizar os credores externos dando-lhes garantias de que Portugal iria reduzir o défice da balança de pagamentos.

A incidência dos acordos foi particularmente dura no campo da redução do défice do Estado: quando do primeiro acordo com o FMI o Governo Português não cumpriu os objectivos a que se tinha comprometido a atingir quanto à obtenção de um menor desequilíbrio entre as despesas e receitas públicas.

E nessa altura a rápida recuperação da balança de pagamentos portuguesa, impulsionada por uma espectacular subida das remessas dos emigrantes e das exportações, levou a que o FMI se tivesse mostrado pouco exigente no cumprimento dos objectivos quanto ao défice do orçamento português.

Mas a manutenção de um défice orçamental que ultrapassava os 10 por cento do produto interno bruto é considerada pelo FMI como um factor permanente de desequilíbrio e daí à sua insistência para que o Governo Português encontrasse forma de reduzir.

Esta necessidade de reduzir o défice orçamental tornou-se assim quase o objectivo único da política económica do Governo: É ela que explica a redução das despesas públicas, com forte descida nos investimentos públicos, que tantas dificuldades está a causar nas empresas de obras públicas, e o lançamento de novos impostos.

As empresas foram atingidas em Julho por um novo imposto sobre os lucros que incide também sobre os que são isentos de contribuição industrial e de um novo imposto sobre algumas das suas despesas consideradas «não essênciais».

Mas no final do ano, considerando-se que mesmo assim o défice estava num nível insustentável, foi lançado um novo imposto extraordinário sobre os rendimentos das pessoas – formalmente aplicado retroactivamente sobre os seus salários de Janeiro e Setembro, mas visando na prática o «décimo terceiro mês».

Juntamente com este imposto sobre o rendimento do trabalho por conta de outrém, foram também lançados impostos extraordinários sobre os rendimentos da profissão liberal, o imposto de capitais e a contribuição predial.

No mesmo sentido de redução do défice público o orçamento aprovado para 1984 apresenta-se como o mais restritivo dos últimos anos, quanto às despesas públicas.

Ainda que estas medidas não estejam a produzir efeitos – que só se sentirão dentro de alguns meses – medidas menos duras tomadas o ano passado estão já a provocar uma certa melhoria na balança de pagamentos portuguesa com forte crescimento das exportações – aumento de 20 por cento em volume – e moderação nas importações.

Conta-se por isso que o défice da balança de pagamentos em 1983 não passe de 1,7 ou 1,8 milhões de dólares: o que é melhor que o objectivo com que o Governo Português se tinha comprometido perante o FMI.

Elevada cotação do dólar afectou o escudo

O dólar subiu em relação ao escudo em 1983 mais de 49 por cento, em consequência da contínua valorização desta moeda e da política cambial portuguesa — indicam cálculos efectuados pela Anop.

As consequências disto, só no campo dos combustíveis, são evidentes: o barril de petróleo que, com um preço estimado em 29 dólares, custava no início do ano com o dólar a 88 escudos perto de 2.572 escudos e custa, agora com o dólar a 132 escudos perto de 3.850.

As repercussões deste aumento do valor do dólar ainda não foram inteiramente transferidas para o preço dos combustíveis, mas vem confirmar as insistentes notícias sobre uma próxima subida.

A subida do dólar foi como de costume mais acentuada do que as demais moedas europeias, em que são denominadas grande parte das exportações portuguesas: a libra esterlina passou a valer mais 31,3 por cento aproximando-se dos 190 escudos, o marco alemão mais 27,5 por cento e o franco francês apenas mais 18,3 por cento.

As diferenças das desvalorizações do escudo perante as principais divisas resultam de um factor exógeno, a que a política cambial portuguesa tem de se adaptar:

O dólar continua a revalorizar-se em relação às principais divisas num movimento ascensional que vem desmentindo mês após mês, ano após ano, a previsão de uma descida, por se encontrar «sobrevalorizado».

A revalorização do dólar, em parte provocada pelo nível que se mantém persistentemente elevado das taxas de juro nos Estados Unidos tem provocado insistentes críticas quer de países industrializados europeus, quer de países em situação intermédia de desenvolvimento.

Para os países industrializados, o nível elevado das taxas de juro constitui um poderoso obstáculo em relação a um maior nível de investimentos e em direcção à recuperação económica, enquanto que os países de menor nível de desenvolvimento são prejudicados pelo encarecimento de algumas das suas importações e pelos maiores custos do serviço da dívida externa.

Para os países que, como Portugal, têm uma elevada dívida externa, a elevada cotação do dólar e o nível elevado da taxa de juro implica uma subida automática quer das despesas com o pagamento dos juros, quer do próprio valor da dívida externa, que é geralmente expressa em dólares e sobe sempre que esta moeda se revaloriza.

Foi precisamente por isso e por o défice existente no orçamento federal norte-americano ser considerado geralmente responsável pela manutenção das elevadas taxas de juro e pela situação de revalorização do dólar, que o antigo ministro das Finanças, João Salgueiro, manifestou a aspiração de que tal défice diminuísse:

«Se o FMI pudesse obrigar os Estados Unidos a tomar as medidas que impõe a outros países — afirmou recentemente João Salgueiro — a economia mundial estaria em melhor estado do que está.»

O nível elevado do défice orçamental nos Estados Unidos — que apesar da recuperação económica que se está a dar nesse país se mantém próximo dos 200 milhões de dólares tem sido responsabilizado, mesmo por vozes como a de Margaret Thatcher, de ser um factor de perturbação internacional.

Revista de História Económica e Social

Editada pela Livraria Sá da Costa e dirigida pelo professor Vitorino Magalhães Godinho, a «Revista de História Económica e Social» ocupa um lugar de merecido relevo entre as publicações científicas portuguesas.

Temos presentes os n.ºs 10 (Julho-Dezembro de 1982) e 11 (Janeiro-Junho de 1983). A destacar, no n.º 10, o artigo de síntese do professor Vitorino Magalhães Godinho: «Reflexão sobre Portugal e os Portugueses na sua História»; Maria Leonor Carvalhão Buescu escreve sobre «A Gramaticalização das Línguas Exóticas no Quadro Cultural da Europa do Século XVI»; José Mattoso sobre «A Nobreza Medieval Portuguesa e as Correntes Monásticas dos Séculos XI e XII»; Eugénia Mata e Nuno Valério sobre «O Banco de Portugal, único Banco Emissor (1891--1931)»; António Carreira sobre «Cabo Verde – Movimento Marítimo e Comercial nas Ilhas da Boavista, Fogo e Maio (Séculos XVIII-XIX); Ana Maria Cardoso de Matos, Maria da Conceição Andrade Martins e Maria de Lurdes Bettencourt sobre «Um Empresário Agrícola Oitocentista»; Francisco Bettencourt informa sobre a participação no «XXV Colóquio Internacional de Estudos Humanistas», organizado pelo «Centre d'Études Supérieures de la Renaissance» (Universidade de Tours) e Rui Feijó sobre o «8.º Congresso Internacional de História Económica».

O fascículo 11, da «Revista de História Económica e Social» tem o seguinte sumário: João Carlos de Senna-Martinez, «Ideologia e Práticas Funerárias no Megalitismo das Beiras»; Maria José Pimenta Ferro Tavares, «Para o Estudo do Pobre em Portugal na Idade Média»; António Carreira, «A Companhia de Pernambuco e Paraíba»; Nuno Valério, «O Produto Nacional de Portugal entre 1913 e 1947 – Uma Primeira Aproximação»;

David Justino e Mafalda Soares da Cunha, «As Feiras de Estremoz – Uma Primeira Contribuição para o Estudo dos Mercados Regionais no Antigo Regime».

Complementando a acção da «Revista de História Económica e Social», têm sido publicados «Cadernos» sobre temas de História Portuguesa. Além de «Estudos sobre a Emigração Portuguesa», caderno organizado por Maria Beatriz Rocha Trindade, na mesma série e pela mesma editora foram publicados: «Duas Descrições do Algarve do Século XVI», de Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Romero de Magalhães, e «A Demografia Portuguesa em Finais do Antigo Regime», de J.Manuel Nazareth e Fernando de Sousa.

HOTEL SOL E MAR
☆☆☆☆
ALBUFEIRA
ORGANIZAÇÕES HOTELEIRAS BARATA, LD.ª
RÉVEILLON
Jantar de S. Silvestre
A PARTIR DAS 21 HORAS
BAILE
com
CONJUNTO SRATUS
FOLCLORE
ORGANISTA PRIVATIVO
OLGÁRIO BARÃO
3.500 ESC. P/PESSOA INCLUINDO:
1 GARRAFA DE CHAMPANHE P/4 PES.
A PARTIR DAS 22 HORAS
ENTRADA PARA BAR
1500 ESC. P/PESSOA C/DIREITO À 1.ª BEBIDA
TEL.: 089-52121/4 – TELEX 56217 GONPI P-8200 ALBUFEIRA – ALGARVE – PORTUGAL

em duas palavras

Setúbal aprova plano e orçamento

A Assembleia Municipal de Setúbal já aprovou o plano e orçamento para o próximo ano, mas a votação dividiu claramente os partidos que têm assento naquele órgão: a APU ficaria isolada no «sim» aos dois documentos.

A controvérsia alargar-se-ia a uma moção apresentada pela APU em que são referidas as «ilegalidades cometidas pelo Governo em face da alteração da Lei das Finanças Locais». Todos os grupos da oposição à APU defenderam exaustivamente a posição governamental.

O documento, que foi lido por Odete Santos, também deputada pelo PCP à AR, condena «as ilegalidades cometidas pelo Governo e pela maioria parlamentar na elaboração da Lei do Orçamento» e denuncia «o esbulho de verbas às autarquias».

Guarda telefona mais e melhor

Cerca de 2700 postos telefónicos principais estarão instalados na rede da Guarda no fim do primeiro trimestre de 1984 – soube à ANOP junto dos CTT desta cidade.

Segundo as previsões de equipamento de telecomunicações, as requisições pendentes naquele período serão de aproximadamente uma centena e a lista de espera de 3,7 por cento.

Esta percentagem corresponde a um descréscimo de cerca de 14 por cento relativamente ao último trimestre do ano em curso.

«Dança Grupo» está em Faro

O agrupamento português de bailado «Dança Grupo» exibe-se hoje e quarta-feira, em Faro, no Teatro Lethes, a convite da delegação da Secretaria de Estado da Cultura.

Constituído por dez bailarinos e bailarinas, o «Dança Grupo» é dirigido pela ex-bailarina do Ballet Gulbenkian, Elisa Worm, que apresentará dois programas diferentes.

Nos espectáculos da noite, o grupo interpretará o bailado «Homenagem a Picasso», enquanto na tarde de quarta-feira, apresenta um número dedicado as crianças.

A visita do «Dança Grupo» ao Algarve, para além do apoio da delegação da SEC, tem também o patrocínio do Governo Civil.

Urânio de Nisa ainda depende

O urânio existente no subsolo de Nisa só será aproveitado se houver uma opção pela energia nuclear no nosso país – disse o director-geral da Energia durante um debate do Plano Energético Nacional, realizado em Portalegre.

«Não se pode pensar na energia nuclear como solução final afirmou Sidónio Pais. «Resta-nos aproveitar a tecnologia mais interessante que vem de fora e já existente, e as novas descobertas da ciência, aproveitando-as o mais possível».

Ponte da Barca requisita enfermeiros

O Hospital de Ponte de Barca, que se encontrava encerrado há algum tempo, voltou a funcionar após requisição de enfermeiros ao concelho de Ponte de Lima. O facto ficou a dever-se a uma manifestação de milhares de pessoas em frente do hospital encerrado.

O encerramento dera-se em consequência da falta de sete enfermeiros necessários ao funcionamento dos serviços de internamento e de urgência. Do quadro de oito profissionais só uma das vagas se encontra de facto preenchida.

A manifestação popular foi uma iniciativa da prórpia Câmara de Ponte da Barca. Mas a Administração Regional de Saúde diria que a solução agora encontrada é provisória.

TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA NOVA DE OURÉM

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da última publicação do presente anúncio.

Execução sumária, n.º 41/83, 1.ª secção.

Exequentes — Estabelecimentos Manuel Ferreira, Lda.

Executado — Sociedade Técnica de Electricidade Gameiro e Gameiro, Lda., com sede em Cova de Iria - Fátima, desta comarca.

Vila Nova de Ourém, 20 de Dezembro de 1983

O Juiz de Direito
(Ilegível)

O Escrivão de Direito
António José Pereira

D.L. 27/12/83 — 2.ª Publ.

General Motors investe na Espanha

A firma construtora de automóveis americana General Motors (GM) vai investir em Espanha cerca de 300 milhões de dólares no financiamento de empreendimentos futuros.

No fim de 1983, a GM criará uma sucursal financeira que servirá para autofinanciar designadamente, a sua fábrica de Saragoça, sem recurso a empréstimos externos.

O ministro titular da pasta, da Economia, Miguel Boyer, exprimiu a opinião de que esta decisão da GM prova que se pode investir em Espanha, com toda a tranquilidade».

Portugal aumenta participação no Banco Interamericano

A autorização do Governo para o aumento da subscrição de Portugal no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) de 414 para 726 acções, foi hoje publicada no «Diário da República».

Por outro lado foi autorizado o aumento da contribuição de 4 994 262 para 5 636 262 dólares para o Fundo de Operações Especiais.

Portugal é País membro não – regional do BID desde 25 de Março de 1980, tendo então subscrito 414 acções de capital do banco e contribuído com 4 994 262 dólares para o Fundo de Operações Especiais.

Para os americanos

Investimentos seguros em 1984 só na Europa, Ásia e América do Norte

As Américas Central e do Sul, juntamente com parte da África e o Médio Oriente, figuram entre as zonas onde por motivos políticos e económicos seria arriscado investir em 1984 – adverte uma organização norte-americana.

Numa «Informação sobre o Risco Político», a empresa especializada «Frost and Sullivan», de Washington, alerta empresários e financeiros norte-americanos para o facto de que no próximo ano será muito arriscado investir no estrangeiro, face à incerteza política e económica em muitos países.

As previsões sobre a situação e as perspectivas de investimento, num total de 80 nações, baseiam-se em dados fornecidos por empresários, funcionários governamentais e peritos.

No estudo salienta-se que no Chile a economia se deteriorará à medida que a oposição ao regime do general Pinochet se tornar mais aberta e violenta.

No Peru, as dificuldades económicas irão juntar-se às actuações do «Sendero Luminoso», que aumentará a sua actividade nas zonas urbanas – acrescenta, indicando que o terrorismo se intensificará provavelmente neste país em 1984 bem como na Colômbia, na Nicarágua, no Chile e no Zimbabwe.

Quanto às Filipinas, o Governo de Ferdinando Marcos será objecto de oposição crescente por parte de toda uma série de grupos políticos e a situação económica será desastrosa.

No Zimbabwe, conflitos contínuos entre as diversas facções no seio do Governo de Robert Mugabe poderão chegar a uma situação de «quase guerra civil» – acrescenta.

As previsões da empresa norte-americana são mais optimistas relativamente a outros países como a Costa Rica – país política e economicamente estável – que conseguirá fugir ao «caos centro-americano».

No México, apesar da continuação dos graves problemas económicos o Governo do presidente Miguel de la Madrid começou a sanear parcialmente a má herança económica deixada pelo seu antecessor e afastou o espectro do colapso financeiro.

O regime fundamentalista do Irão, pese a sua política externa, começa a mostrar algum interesse pelos investimentos e pelo comércio externo – acentua o estudo.

As avaliações de risco para os investimentos (muito baixos para a América do Norte, a Europa e Ásia) baseiam-se também em factores globais como o relacionamento Leste-Oeste, os conflitos, o sistema financeiro internacional e o preço das ramas de petróleo.

Assim, as tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética não aumentarão, mas tão-pouco diminuirão.

«A usar-se da força, é mais provável que o façam os EUA do que a URSS; mas mesmo assim o uso será limitado, como o foi na invasão de Granada – refere.

A violência política a nível local aumentará, sobretudo no Chipre, na Líbia e na África Meridional, não ultrapassando, porém as fronteiras de cada país.

O preço das ramas irá manter-se e talvez mesmo baixar um pouco durante o ano de 1984 e, a ser encerrado o Golfo Pérsico, o impacto será menos grave para a economia mundial do que o embargo de 1973.

O sistema bancário internacional – conclui a informação – não sofrerá um colapso, muito embora haja riscos de quebra para alguns países como a Argentina e o Brasil.

Em termos gerais, o crescimento económico rondará os 3,5 por cento.

Empréstimo de quatro milhões para o Banco Espírito Santo

Os títulos correspondentes a um empréstimo de quatro milhões de contos acabam de ser colocados pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa junto da praça financeira londrina numa operação de recolha de capitais em que participaram seis grandes bancos internacionais.

Trata-se de uma operação de longo prazo – os títulos são reembolsáveis em 1990 – que, segundo informação prestada pelo próprio Banco, vem aumentar «de forma particularmente significativa os capitais permanentes e a liquidez do BESCL».

O empréstimo foi corporizado em títulos denominados «floating rate notes» e corresponde a 30 milhões de dólares. Têm como base de juro a taxa londrina de curto-prazo para os eurodólares acrescida de uma margem fixa de 0,25 por cento ao ano.

Intervieram como «managers» desta operação de financiamento os seis seguintes bancos de dimensão internacional: Standard Chartered Merchant Bank, Saudi International Bank, Credit Lyonnais, Manufacturers Hanover Limited, Mitsubish Finance International Limited e Sumitomo Finance International.

Exportações para Espanha aumentaram

As exportações portuguesas para Espanha nos primeiros 11 meses deste ano aumentaram cerca de 50 por cento em relação a igual período de 1982 – informou a Direcção-Geral de Alfândegas espanhola. Em contrapartida, as importações de produtos espanhóis diminuíram em cerca de 20 por cento.

Isto significa que no período de Janeiro-Novembro as exportações portuguesas para Espanha atingiram 18 milhões de contos, enquanto as importações de produtos espanhóis ascenderam a 40 milhões de contos.

Estes números serão analisados nas reuniões da Comissão Mista que em 11 e 12 de Janeiro vai negociar um plano intercalar de comércio até à entrada dos dois países no mercado comum, substituindo ou revendo o Anexo P, cuja segunda fase, a entrar em vigor em 1 de Julho de 1984, teria uma duração de quatro anos.

Menos portugueses visitam Madrid

O número de portugueses que visitaram a Espanha durante o mês de Novembro foi de 424.606, o que equivale a uma redução de 46.792 em relção ao mesmo mês de 1982 — informou a Secretária de Estado espanhola de Turismo. Estes números de Novembro confirmam a tendência de todo o ano, em que se verificou diminuição de entrada de portugueses.

Durante os primeiros 11 meses deste ano, a entrada de visitantes portugueses diminuiu em 722,056 o que equivale a menos 8,6 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Em números totais, Portugal foi o mercado que experimentou maiores reduções no fornecimento de turistas a Madrid. O segundo foi a França, com menos 652.557 visitantes.

Portugal e Bélgica foram os únicos países de onde se verificou uma redução de entradas. Todos os restantes países registaram aumentos de turistas.

Novo terminal de contentores a construir em Alcântara

Um novo terminal de contentores a localizar em Alcântara-Sul vai ser adjudicado em breve — anunciou a Administração do Porto de Lisboa — devendo para isso ser aberto concurso público internacional, cujo anúncio oficial está para breve.

Decidiu a Administração do Porto de Lisboa, com a concordância do Governo, que a exploração do novo terminal venha a ser feita em regime de concessão por uma sociedade privada de que faça parte entidade ou entidades com conhecida experiência e capacidade técnica efinanceira, cabendo a esta sociedade a realização dos investimentos necessários.

A Administração do Porto de Lisboa afirma que o apetrechamento do novo terminal envolve um investimento adicional de cerca de 12 milhões de dólares (cerca de 1685 mil contos) e não só satisfará as necessidades internas do País até cerca do ano 2000, como ainda possibilitará captar tráfego para o porto de Lisboa, especialmente em regime de «transhipment».

O porto de Lisboa dispõe de um terminal de contentores em Santa Apolónia onde se movimentam por ano cerca de 65 mil contentores; mas, segundo a Administração, as condições ali existentes limitam a sua capacidade não só no que se refere a parqueamento de contentores como ao tipo e dimensão de navios que ali podem ser servidos. Por outro lado é propósito da Administração do Porto de Lisboa completar o terminal de Santa Apolónia, dotando-o com modernos equipamentos de movimentação e tráfego.

Lançados no mercado interno

45 milhões de contos para cobrir o défice do Orçamento

Um novo empréstimo interno esta no montante de 45 milhões de contos, acaba de ser lançado pelo Governo com o objectivo de cobrir parte do défice do Orçamento Geral do Estado para o próxio ano. Trata-se de uma emissão de obrigações de 10 mil escudos cada e cuja regulamentação consta de um decreto-lei publicado no Diário da República de 20 de Dezembro.á

s obrigações vencerão anualmente juros à taxa básica de desconto do Banco de Portugal, em vigor no dia da emissão (actualmente é de 25 por cento), com isenção de todos os impostos excepto do imposto sobre sucessões e doações.

O vencimento dos primeiros juros terá lugar em 1 de Dezembro de 1984 e a amortização do emprétimo será feita ao par, por sorteio, em dez anuidades iguais. A primeira amortização terá lugar em 1 de Dezembro de 1989.

O decreto afirma que o ministro das Finanças e do Plano poderá contactar com instituições financeiras e com o Banco de Portugal a colocação total ou parcial das obrigações deste emfnpréstimo.

Normalmente este tipo de empréstimos internos é integralmente subscrito pela banca.

Avales do Estado para cinco empresas

O Estado, através de duas resoluções do Conselho de Ministros vai conceder o seu aval a cinco operações de crédito interno para financiar empresas públicas, até ao total conjunto de 13,5 milhões de contos.

A empresa pública mais contemplada é a Companhia Nacional de Petroquímica (CNP) com 5,8 milhões de contos, seguindo-se a TAP-Air Portugal, com 5,2.

A resolução do Conselho de Ministros nota que a concessão do aval do Estado destina-se ao pagamento dos débitos das empresas para com o Estado decorrentes do apoio financeiro que lhes foi prestado.

A Quimigal foi contemplada com 1600 mil contos a Companhia Nacional de Navegação (CNN) com 720 mil contos e a Empresa de Polímeros de Sines (EPS) com 150 mil contos.

de ontem para hoje

Presumível assassino de Sartawi começa a ser julgado a 4 de Janeiro

O palestiniano da organização Abu Nidal, Issam Sartawi, acusado de ter morto em Montechoro (Algarve), a 10 de Abril do ano passado, em pleno Congresso da Internacional Socialista, o dirigente da OLP, Issam Sartawi, médico de profissão, na «foto»; começará a ser julgado no próximo dia 4 de Janeiro no Tribunal de Albufeira. O julgamento (um dos mais importantes realizados em Portugal nos últimos anos) será rodeado de uma segurança muito especial a cargo da Direcção de Combate ao Banditismo da Polícia Judiciária e de um destacamento da GNR. A sala de audiências, com capacidade para cerca de setenta pessoas, ficará quase totalmente preenchida pelos elementos da Comunicação Social portuguesa e estrangeira e da segurança.

Matou a filha e suicidou-se

Por motivos ainda não esclarecidos, que a Polícia Judiciária de Coimbra está a investigar, um trabalhador rural de 54 anos, João Agostinho, assassinou, à facada, a sua filha de 25 anos, Elvira de Jesus, suicidando-se em seguida com insecticida. A tragédia teve lugar, no Vale do Santo, Oleiros, no distrito de Catelo Branco. Elvira de Jesus era casada e deixa dois filhos de tenra idade.

Tão amigos que eles eram

O juiz de Instrução Criminal do Tribunal de Portimão confirmou a detenção do autor, confesso do assassínio de um marinheiro, ocorrido sábado à tarde, em Meia-Praia. Um elemento da GNR de Lagos disse que o crime teve lugar após discussão entre os dois intervenientes, amigos de longa data, que tinham passado o dia juntos. O agressor, Carlos Manuel Guerreiro, de 21 anos, atingiu José Manuel Conceição Faria, de 25, com uma chave de fendas, perfurando-lhe o pescoço e provocando-lhe morte imediata. Carlos Guerreiro foi imediatamente detido, sendo posteriormente transferido para o estabelecimento prisional de Faro, onde aguardará julgamento.

Falsa médica condenada no Porto

Maria Margarida Martins Ferreira, de 52 anos, a enfermeira que, conforme noticiámos, praticou no Porto várias burlas fazendo-se passar por médica, acabou por ser condenada em quatro anos e meio de prisão e cem dias de multa, a duzentos escudos por dia. As burlas, que lesaram vários «clientes» da falsa médica, foram executadas com um livro de cheques que a ré furtara a um seu sobrinho.

Pena pesada para «Engenheiro Maluco»

Hélio António Fernandes, de 40 anos, conhecido pela alcunha de «Engenheiro Maluco», réu em três processos de homicídio, foi condenado no 3.º Juízo Criminal da Boa Hora a dezoito anos de cadeia. As vítimas de Hélio Fernandes, já com largo cadastro, foram um motorista de táxi de apelido Elídio, que o surpreendera em Julho de 1977, no interior do seu carro, um transeunte, abatido na Rua da Prata, em Julho de 1978, e um outro homem que ele alvejou em 3 de Outubro de 1976, no Cais do Sodré. Ao ser detido em casa, a 21 de Novembro de 1978, Hélio tinha em seu poder uma pistola, um revólver de grosso calibre e uma faca de mato.

Um carteirista em maré de azar

Carteiristas com azar foi surpreendido em flagrante na Rua da Formosa, no Porto, a vistoriar, com mais dois mestres do mesmo «ofício», uma carteira roubada momentos antes a uma senhora. A carteira continha apenas 171 escudos e alguns documentos pessoais. O julgamento de Ângelo dos Santos Carmo, de 37 anos, sem qualquer profissão e já com cadastro, deverá ter lugar ainda hoje no Tribunal de Polícia daquela cidade. Quanto aos seus dois companheiros de aventuras conseguiram escapar aos agentes.

Passagem de nível vitimou 64 pessoas

O presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Henrique da Mata, revelou que o ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, autorizou a construção naquela cidade do viaduto de Santo António. O empreendimento, orçamentado em cerca de 90 mil contos, terá a compaticipação de 70 por cento do Estado, através do Fundo Especial de Transportes Terrestres, e estará concluído em meados de 1985. Com o projecto de Eduardo Beirão Reis, o viaduto é composto por duas vias rodoviárias duplas e duas passagens para peões e substituirá a passagem de nível instalada no local e que nos últimos 40 anos já causou a morte de 64 pessoas.

Roubadas jóias e dinheiro no valor de 20 mil contos

Dois espanhóis envolvidos no assalto à residência de dirigente do CDS de Varzim

Foi a partir de uma pistola «Star», de calibre 22, longo, que os investigadores da 3.ª Brigada, da 4.ª Secção da Polícia Judiciária do Porto identificaram os autores do roubo de 20 mil contos (em jóias e dinheiro), ocorrido na Póvoa de Varzim na madrugada de 23 de Setembro último, e do qual foi vítima o eng. civil José João Campos Cunha, presidente da Comissão Concelhia do CDS e ex-administrador da Sopete. Foram eles Hipólito Barros Alonso, de 29 anos, natural de La Pandiella, em Oviedo, Espanha, mas sem morada certa, uma vez que andava evadido de uma cadeia espanhola, onde cumpria uma pena de seis anos de prisão, por roubo de automóveis, e Juan José Garcia Costa, de 26 anos, natural e residente em Vigo.

Trata-se, aliás, do duo que a GNR de Guimarães deteve na Penha, no dia 14 deste mês, conforme foi noticiado pelo «DL». Duo que tinha na sua posse uma quantidade apreciável de artigos, designadamente um punhal, uma faca de cozinha, chaves diversas, duas máquinas fotográficas, um rádio-gravador, material de campismo, peças de vestuário, carteiras e porta-notas e a tal pistola, a partir da qual os investigadores desenvolveram o seu trabalho.

Muito embora o processo esteja ainda em fase de instrução, conseguimos apurar que os dois espanhóis não actuaram sozinhos no roubo à casa do dirigente centrista, visto que há elementos que apontam para a participação de mais alguém, quer como operacional, quer como receptador. Como descrevemos na altura, quem roubou as jóias na residência do eng. José João Campos Cunha demonstrou conhecer bem os cantos à casa. Ora, é pouco provável que os dois espanhóis alguma vez lá tivessem estado antes. Que estiveram lá na madrugada de 23 de Setembro não há dúvida, agora com quem é que falta saber.

Do mesmo modo, está também por descobrir o paradeiro das jóias e de outros objectos de valor considerável, como relógios antigos, por exemplo. As investigações irão prosseguir, agora com os dois espanhóis detidos nas prisões privativas da PJ do Porto, esperando-se que a curto prazo os agentes ponham a claro toda a actividade desenvolvida pelo referido duo, pese embora o facto de o mesmo se mostrar renitente em colaborar com as autoridades portuguesas, o que se compreende se tivermos em conta que se trata de dois cadastrados com larga experiência no mundo do crime.

Recordando exigências ao Governo

CCP descontente com juros para prejuízos das inundações

A Confederação do Comércio Português exigiu do Governo a imediata revisão do despacho normativo do ministro das Finanças e do Plano que, desrespeitando as orientações definidas pelo Conselho de Ministros, não define quaisquer medidas concretas de apoio às empresas comerciais que sofreram prejuízos com as inundações de 19 de Novembro.

A exigência foi decidida durante uma reunião da CCP com representantes das associações de comerciantes das zonas afectadas. Particularmente contestado o facto de o despacho do ministro não contemplar a generalidade das propostas apresentadas pelos comerciantes. Pelo contrário, foram definidas «condições de acesso ao crédito bancário manifestamente ridículas».

A bonificação estabelecida pelo despacho contestado reduz o valor dos juros de 31 para 28 por cento e define prazos de amortização extremamente curtos. Tal é considerado pela CCP como «inaceitável, dado que o crédito não se destina à aquisição de mercadorias para «stocks», a fundo de maneio ou a obras de beneficiação dos estabelecimentos».

Pelo contrário, esclarece-se no comunicado da reunião, esse apoio financeiro destina-se «à reposição de mercadorias total ou parcialmente afectadas e à realização de obras indispensáveis à recuperação das instalações».

«Ou seja» – comenta a Confederação do Comércio – «o Ministério das Finanças atribui ao crédito de emergência condições que não são, efectivamente, de emergência, pois são praticamente iguais às condições correntes, o que apenas vai beneficiar a Banca nacionalizada».

A CCP aproveita, entretanto, para insistir nas propostas que apresentou ao Governo em 22 de Novembro e na sua satisfação integral. A redução da taxa corrente de juro, à semelhança do que aconteceu com as inundações de 67 e 69 e com o sismo dos Açores, é uma das reivindicações.

Os comerciantes pretendem ainda condições excepcionais de cômputo de juros e prazos de amortização e reembolso, além de isenções fiscais. Ainda neste domínio, batem-se pela prorrogação automática, por seis meses, do prazo de vencimento de obrigações fiscais, para-fiscais e financeiras.

«A Confederação do Comércio, consciente da gravidade da situação em que se encontram inúmeros comerciantes, não desistirá de instar o Governo e todos os seus membros até à adopção daquelas medidas» – afirma-se, ainda, no comunicado.

Marceneiro e soldador em apuros

Roubaram um automóvel e acabaram na "marquesa"

Após dia e meio de «passeio» em carro roubado, o marceneiro Fernando Pinto Martins, de 20 anos, residente na rua Guerra Junqueiro, 85, em S. Mamede de Infesta, e o soldador Adelino Gonçalves da Costa, de 21 anos, Rua Ponte da Pedra, 542, em Gueifães, Maia, acabaram numa «marquesa» do Hospital de S. João, devido aos ferimentos sofridos no embate da viatura contra um muro. A agravar a situação, ainda foram detidos pela GNR da Maia e ontem o Fernando Pinto Martins, já pernoitou na Cadeia de Custoias.

O automóvel em causa foi furtado a António Alves de Castro, morador na Rua Almirante Leote do Rego, no Porto, que o tinha estacionado perto da sua casa, na véspera de Natal. O despiste verificou-se em Vermoim, ao princípio da madrugada de ontem, tendo os ocupantes – em número de três – abandonado a viatura sinistrada e solicitado o auxílio dos Bombeiros Voluntários de Moreira da Maia.

De referir que um deles – um tal Vítor, mais conhecido por «O Catalão» – recusou tratamento e desapareceu sem deixar rasto. Entretanto, os detidos foram levados à presença de um magistrado dos Juízos de Instrução Criminal que manteve a prisão de Fernando Pinto Martins (autor do roubo) e mandou Adelino Gonçalves em liberdade condicional.

Livro de Zambujal: o primeiro dos 10 mais vendidos

«Histórias do Fim da Rua», de Mário Zambujal, foi o livro que mais se vendeu nas livrarias portuguesas na quadra de Natal.

A esta conclusão permite chegar o inquérito realizado pela ANOP e hoje divulgado por aquela agência noticiosa.

Há três semanas que o livro de Zambujal está à cabeça dos «dez mais» nas livrarias.

«O Nome da Rosa», do italiano Umberto Eco, está em segundo lugar, substituindo «Fado Alexandrino», de Lobo Antunes, que durante duas semanas esteve em segundo lugar, e agora passou a ocupar o terceiro.

«O Deus das Moscas», o único romance de escritor este ano laureado com o Prémio Nobel traduzido para português, entrou esta semana na lista dos «dez mais», ocupando o quarto lugar. Editado na década de 60 por uma editora portuguesa, o romance de William Golding há muito que se esgotara, tendo agora sido reeditado pela mesma editora na tradução de Luís de Sousa Rebelo.

«Diário XIII», de Miguel Torga, está em quinto lugar; «Adivinhas de Pedro e Inês», de Agustina Bessa Luís, em sexto; «Para Sempre», de Vergílio Ferreira, em sétimo; «Crónica de uma Morte Anunciada», de Garcia Marquez, em oitavo; «Como a Água que Corre», de Marguerite Yourcenar, em nono e «A Amante do Tenente Francês», de John Fowles, em décimo lugar.

Saíram da lista dos «tops» a «Balada da Praia dos Cães», de José Cardoso Pires e «Memórias», de Raul Brandão.

Tentativa de despedimentos na Cruz Vermelha Portuguesa

O presidente da Cruz Vermelha Portuguesa (CVP) pretende despedir 17 trabalhadores contratados a prazo. O Sindicato da Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul, que denuncia esta situação, diz que o coronel Duarte Cabarrão pretende ainda despedir mais algumas dezenas de trabalhadores. E acrescenta que «a degradação da situação na CVP, a diminuição das taxas de ocupação, a colocação em lugares superiores de gente que da vida e gestão hospitalar nada entende» põe em risco não só os contratados a prazo, mas «toddos os postos de trabalho».

O sindicato denuncia as ilegalidades cometidas pelo presidente da CVP, sublinhando que «todos os trabalhadores que, estando considerados a prazo não tenham assinado qualquer contrato, bem como os que estejam há três ou mais anos a trabalhar, não podem ser despedidos sem justa causa, provada em processo disciplinar».

Relativamente a muitos trabalhadores, diz um comunicado do sindicato, «a CVP não os inscreveu, como está obrigada por lei, quer na Caixa de Previdência quer no Fundo de Desemprego, sendo responsável por todos os danos causados aos trabalhadores por essa sua prática fraudulenta».

O que foi notícia em 1983

O "caso" dos bidões de dioxina de Seveso

Fernand Parizot (France-Presse)

No dia 10 de Setembro de 1982, por volta do meio-dia, um semi-reboque vindo da Itália atravessa a fronteira francesa em Vintimille. O motorista declarou a mercadoria: «resíduos hidrogenados aromatizados». O seu documento de trânsito foi devidamente carimbado e o veículo arrancou, acompanhado por um pesado automóvel preto. Final do prelúdio.

Seis meses depois, rebenta o «caso» dos 41 bidões em que viajava a dioxina de Seveso. O assunto andará nas primeiras páginas dos jornais europeus durante perto de dois meses.

O artigo sensacional de 25 de Março de 1983 da revista «Sciences et Vie» apresentou uma revelação inquietante: os resíduos «hidrogenados aromatizados» provinham da fábrica de Seveso e continham um total de 200 quilos de dioxina. No dia 10 de Julho de 1976, uma nuvem tóxica carregada de dioxina escapou-se em Seveso da fábrica «Icmesa», propriedade do grupo suíço «Hoffmann--Laroche». Toda a região foi evacuada, centenas de pessoas foram atingidas por doenças de pele e morreram milhares de animais.

Mas havia ainda na fábrica uma certa quantidade de dioxina, de que as autoridades pretenderam desembaraçar-se por qualquer preço. Parece que o importante não era o destino final dos resíduos, desde que saíssem da Itália.

Os resíduos são carregados num camião pertencente a uma sociedade de transportes francesa, e para garantir que o carregamento saía realmente da Itália o senador italiano Luigi Noe, responsável do «bureau especial de Seveso» encarregado de solucionar o contencioso da catástrofe, escolta ele próprio de automóvel o camião até Menton, para lá da fronteira italiana.

O veículo chega três dias depois a Saint-Quentin, perto da fronteira belga. Os bidões ficam arrumados durante algum tempo no armazém em ruínas pertencente à sociedade «Spelidec», cujo gerente, Bernard Paringaux, ao recusar-se a revelar o seu destino final, vai tornar-se, bem contra a sua vontade, a vedeta da actualidade na Primavera de 1983.

A «dioxinidade» instala-se

Quando é dado o alarme por «Sciences et Vie», as autoridades desconhecem o que aconteceu aos bidões de dioxina. «Hoffmann-Laroche», «Mannessmann-Itália» – filial de um grupo alemão ocidental que estabeleceu o contrato de transporte – e o próprio Paringaux afirmam, sem qualquer outra indicação, que «os resíduos foram colocados em local seguro», numa lixeira controlada, com todas as garantias de segurança e com o acordo das autoridades interessadas. O ministro do Meio-Ambiente francês, Huguette Bouchardeau, ela própria, não sabe mais.

Bernard Paringaux, um indivíduo complexo, classificado como «corruptível» por uns mas respeitado por outros que lembram o seu passado de resistente, recusa-se a dizer mais ao juiz de Saint-Quentin, que o mandou prender. Especialista reputado no tratamento de resíduos, mantém-se mudo na sua cela durante perto de dois meses, refugiando-se, diz ele, por detrás da «palavra dada» e declarando-se «vítima de uma carta de prego».

Entretanto, a «dioxinite» instalou-se. Julga-se descobrir a dioxina em todas as lixeiras de França, «crê-se de boa fonte» que entrou na RFA, ou foi mesmo para lá da «cortina de ferro», para a RDA, ou para a URSS, ou talvez esteja na Bélgica ou na Suíça.

Os boatos explicam mesmo que a dioxina foi queimada em Londres. Os governos europeus, todos eles à procura dos misteriosos bidões, trocam comunicados pouco brandos num clima de escândalo. O presidente François Mitterrand indigna-se: «é demais».

Estão na posse de um talhante

O «suspense» termina em 19 de Maio. Paringaux decidiu-se subitamente a falar. «Os bidões, disse, estão apenas a alguns quilómetros de Saint-Quentin, em Anguilcourt-Le-Sart, no armazém de um antigo talhante.

O gerente da Spelidec não tinha podido encontrar uma solução legal para armazenar os resíduos portadores do nome infamante «Seveso». Tendo caído no pânico perante a ideia de que a polícia poderia descobri-los na sua posse, mandara-os apressadamente para a aldeia natal de um dos seus empregados.

Acorre-se durante a noite ao local indicado, e encontram-se ali, realmente, expostos ao vento, mal abrigados, os 41 bidões intactos. São carregados em camiões que desaparecem no escuro mas sob os «flashes» dos repórteres fotográficos.

O périplo dos 41 bidões de Seveso terá tido o mérito de levar Huguette Bouchardeau, ministro francês do Meio-Ambiente, a criar um regulamento da profissão de tratador de resíduos. Mas no plano europeu não foi ainda decidido nada: os ministros do Meio-Ambiente da CEE, após duas reuniões infrutíferas, separaram-se sem chegar a acordo.

Transportar os resíduos tóxicos (30 milhões de toneladas são produzidas anualmente na CEE) de um país para o outro, na Europa Ocidental continua a ser mais fácil, segundo parece, do que fazer entrar barras de ouro na Suíça.

Terceiro Mundo sem perspectivas de recuperação económica

Alain Navarro (France-Presse)

Para o Terceiro Mundo, o ano 1983 ficará sendo o ano do choque da dívida. Sucessivamente, dezenas de países da América Latina, de África e da Ásia dobraram o joelho e viram-se na necessidade de tomar «remédios» de consequências duras para os mais pobres dos pobres.

700 000 milhões de dólares: este é o montante da dívida do Terceiro Mundo, que preocupa profundamente os financeiros ocidentais, mas que perde significado perante as cenas de pilhagem no Brasil, ou perante a expulsão de dois milhões de naturais do Ghana por parte da Nigéria. E, comenta Mamudu Ture, ministro da Economia do Senegal, «não é preciso esperar que haja motins num país para dizer que os povos sofrem».

Os preços que pulam continuamente, os produtos racionados, as fábricas fechadas, a queda do nível de vida: a dívida está por detrás disso tudo.

E nenhuma estatística financeira do mundo será capaz de ter em conta as situações dramáticas que ameaçam o equilíbrio das nações jovens e também comprometem a recuperação que desponta no mundo rico.

Quando no Verão de 1982 rebentou a crise mexicana, a pergunta central nas capitais do mundo rico era se a estabilidade do sistema financeiro internacional não estava em perigo. O «krach» não aconteceu, porque foram lançadas bóias de salvação com o aumento – aliás difícil – dos recursos do Fundo Monetário Internacionai (FMI). Mas o preço a pagar pelos países devedores revelou-se muito pesado, para não dizer exorbitante.

28 000 milhões de dólares em compromissos com o FMI

Para os países mais pobres, salienta o presidente do Banco Mundial, Alden Clausen, a recessão tem «efeitos de crise cardíaca. O restabelecimento será lento, a convalescença muito dispendiosa e, certamente, lesões haverá que nunca cicatrizarão».

Certos números mostram o descalabro, das finanças do Terceiro Mundo em 1983. Trinta e quatro países precisaram do benefício de uma ajuda do FMI a título de acordos de confirmação (stand-by) e de acordos alargados. No total, esses compromissos atingiram 28 000 milhões de dólares, o montante mais elevado desde a fundação daquele organismo internacional, em 1946.

Incapazes de liquidar as suas dívidas, 17 desses países viram-se na necessidade, ainda por cima, de obterem dos países ocidentais credores adiamentos consideráveis de pagamentos, no âmbito do «Clube de Paris». Em 1982, o número de países que utilizaram tal recurso foi três vezes menor. Até ao começo dos anos 80, os países que recorriam a este procedente humilhante era apenas, em média, de um em cada período de 18 meses.

Paralelamente, foram obrigados a estender a mão aos bancos internacionais, que se mostraram duros nas negociações para novas disposições quanto às suas dívidas, embora ainda há pouco tempo esses bancos não se tivessem feito rogar para conceder os seus créditos. Foi mesmo preciso pressões do FMI e dos Governos para que os banqueiros aceitassem a realização – como com o Brasil, o México, e também Marrocos – de operações de salvação.

Com a inclusão dos «empréstimos Jumbo» estabelecidos a favor de países (como o Brasil) cuja falência teria arrastado o desmoronamento do sistema financeiro internacional, os empréstimos obtidos por 66 países em desenvolvimento (não membros da OPEP) nos mercados internacionais atingiram apenas 22 000 milhões de dólares em 1983, o que constitui uma queda de metade em dois anos contra 100 000 milhões de dólares levantados pelos 24 países industrializados da OCDE.

Para os cinquenta países classificados como os mais deserdados do mundo (principalmente na África a sul do Sara), o ano 1983 enterrou as esperanças de um maior auxílio multinacional.

A «AID, filial do Banco Mundial especializada nos empréstimos sem juros a longo prazo, disporá apenas – na melhor das hipóteses –, para os próximos três anos, de um orçamento de 12 000 milhões de dólares, praticamente o mais fraco desde a sua criação em 1960. As contas não estão ainda fechadas, porque os Estados Unidos, únicos contra os 32 outros países contribuintes, acham que este montante ainda é demasiado elevado.

América Latina: Crise sem precedentes

Jacques de Larosiere, director-geral do FMI, disse neste fim de ano que a crise da dívida não deverá apresentar «no seu conjunto aspectos insolúveis» a médio prazo «desde que os países em desenvolvimento continuem os seus esforços de ajustamento».

Em linguagem clara, o ajustamento significa a austeridade aceite ou imposta aos países à beira da falência, em troca de um balão de oxigénio financeiro.

Como exemplo, Jacques de Larosiere citou o México, que optou pela «coragem e esforço» para se livrar da falência. Mas acontece que os países da América Latina (330 000 milhões de dólares de dívida no total) enfrentam uma crise sem precedentes desde a grande depressão de 1930, com uma nova baixa de 3,3 por cento do Produto Interno Bruto, em 1983, segundo a Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina (CEPAL).

A curto prazo, declarou Enrique Iglesas, secretário da CEPAL, não há perspectivas de recuperação e as medidas de austeridade «atingiram os limites do tolerável nos planos social e político».

Dívida e seca atacam África

No continente africano (90 000 milhões de dólares de dívida no total), o caos generalizou-se. Tanto mais que o problema da dívida conjuga-se dramaticamente com a mais grave seca que a África tem conhecido nestes últimos dez anos. Segundo Edouard Saouma, director-geral da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), há neste momento 25 países onde a fome – a autêntica fome – se tornou um mal crónico.

Os especialistas internacionais do FMI e da OCDE pensam agora que a recuperação, no mundo industrializado, dará lugar a um aumento das exportações dos países do Terceiro Mundo, permitindo-lhes emergir pouco a pouco da crise, graças portanto, a um maior dispêndio por parte dos países industrializados. Mas como será possível escapar a este círculo vicioso: é uma pergunta que continua a não ter resposta.

COMPACTO HI-FI 3-1N-1 RÁDIO-GRAVADOR-G. Disco apenas 29.990.00
☎ 2761631
BEPALIZ
R. Capitão Leitão, 47-A ALMADA

REVEILLON
ADEGA DO CEDRO
FADOS ● BAILE
MANUEL ROCHA
Teresinha ● António Agostinho
Adão de Sousa ● Carlos Garcia
Marcação de mesas pelo telef. 92 46579
Jantar às 20 H ● Ceia às 2 H ● Cacau às 4 H
Ambiente rigorosamente seleccionado
Trav. do Freixo, 5 ● Algueirão Velho
(junto às Bombas de gasolina)

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO NORTE

membro da FIET

PROPOSTA

«O Conselho Geral do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Norte, reunido em 20/12 para analisar a situação das negociações do CCT;

— Considerando a forma como decorreu a discussão do clausulado e da tabela salarial e o desacerto das posições dos dois Sindicatos quanto à questão da redução do âmbito do CCT;

— Considerando ter já sido, presumivelmente, assinado unilateralmente pelo Sindicato do Sul o novo Contrato com essa condição gravosa;

— Considerando, por outro lado, que não devem os trabalhadores de seguros do Norte ser prejudicados, na oportunidade da necessária actualização contratual, pela secessão dentro da estrutura federativa, por força duma cedência, numa questão de princípio por uma parte da Federação,

decide

1 — Transmitir ao Sindicato do Sul a sua preocupação pela situação criada e mostrar a sua disposição de serem ultrapassados os possíveis mal-entendidos;

2 — Mandatar a Direcção para, recorrendo a todas as fórmulas jurídicas que possam responder ao caso presente, continuar as negociações, recusando ceder na cláusula 117;

3 — Alertar as associações patronais para as consequências da aplicação de 2 contratos (o de 81 e o de 84) na Classe de Seguros e nas empresas seguradoras, por motivo duma cláusula de grande significado sindical e mínimo do ponto de vista da empresa e do ponto de vista económico;

4 — Convidar, nesse sentido, as associações à voluntária aplicação das condições do novo Contrato, mesmo antes de concluído, formalmente o processo negocial com o Sindicato do Norte.»

Porto, 20/12/83.

24 horas

«Mirages» abatidos em Angola

Dois aviões do tipo «Mirage», de uma esquadrilha de doze, da aviação sul-africana, foram abatidos, no passado dia 25 do corrente, pela defesa antiaérea das Forças Armadas angolanas, no momento em que efectuavam acções de bombardeamento contra o Município da Cahama, informou o Ministério da Defesa da RPA. Ainda segundo a mesma fonte, as Forças Armadas angolanas travaram, ontem, violentos combates contra as forças terrestres e aéreas dos invadores sul-acricanos, nas áreas da Cahama e Cuvelai.

Roubaram dois canhões

Foram roubados dois canhões de 30 mm na noite de 22 de Dezembro na zona de Frete do aeroporto de Roissy. Os dois canhões deviam seguir no dia seguinte para Espanha, soube-se hoje de fonte bem informada. O roubo foi leavado a cabo por dois homens que tinham ocultado a cara com máscaras reproduzindo o rosto do presidente François Mitterrand. Os dois homens dominaram o vigilante que guardavam o armazém onde se encontravam os dois canhões e levaram as caixas contendo as duas armas em peças soltas.

Holandeses contra as armas nucleares

Cinco mil pessoas, segundo a Polícia, oito mil, segundo os organizadores, manifestaram-se ontem contra a eventual instalação de armas nucleares, frente à base nuclear de Haverterberg (Nordeste da Holanda). Os manifestantes reuniram-se em Steenwijk, correspondendo ao apelo de um movimento pacifista dessa localidade, de onde partiram a pé para a Base de Haverterberg, a cinco quilómetros. Várias pessoas usaram da palavra, posto o que os manifestantes desfilaram em Steenwijk, à luz de archotes.

Paquistão transformado em «praça de armas»

«Os Estados Unidos transformaram o Paquistão na principal praça de armas para a condução da guerra não – declarada contra o Afeganistão democrático», escreve o jornal soviético «Krasnaia Zverda» («Estrela Vermelha»), na sua edição de domingo. O jornal assinala que, no território paquistanês, foram criados cerca de 100 acampamentos e bases especiais, em que instrutores norte-americanos, egípcios e paquistaneses ensinam a ciência de assassinar.

Edição falsa do «Estrela Vermelha»

Os militares soviéticos estão indignados pela circulação na Europa Ocidental,, Afeganistão e alguns países socialistas de uma falsa edição do «Estrela Vermelha», o seu órgão oficial, comentaram hoje fontes do Kremlin. Há alguns dias, um número falso do jornal, exigia a retiradas das tropas soviéticas do Afeganistão e, segundo fontes próximas do Kremlin, a intenção dos falsários era «pretender fazer crer outra vez na existência de ilusórias discrepâncias entre os militares e os políticos soviéticos».

Prisões no Uruguai

Cerca de 80 pessoas foram presas em Montevideu, no dia de Natal, quando manifestavam o seu apoio ao director de uma estação de rádio cujas emissões foram suspensas pelo governo, soube-se hoje de fontes bem informadas na capital uruguaia. Várias centenas de manifestantes tinham-se reunido diante do local onde o director da estação de rádio «CX-30», José German Araújo, realiza uma greve da fome. A Polícia não anunciou as detenções.

Terroristas perdoados em Granada

O governador-geral de Granada, «sir» Paul Scoon, indultou quatro terroristas de extrema-direita condenados à morte pelo regime anterior, devido à colocação de uma bomba, em 1980, que matou três pessoas. Os quatro homens saíram da prisão há dois meses, quando as tropas dos Estados Unidos invadiram o país, mas dois deles foram recapturados. Quando foi anunciado o perdão, ainda se ignorava o paradeiro dos outros dois. Os terroristas agora perdoados por Paul Scoon colocaram a bomba numa manifestação, com o intuito de matar os dez principais dirigentes do governo socialista de Maurice Bishop.

Rizzoli com residência fixa

Angelo Rizzoli, de 40 anos, presidente director-geral do grupo editor Rizzoli-Corriere Della Sera, encontra-se com rsidência fixa desde 2.ª-feira, em Milão, em consequência da decisão dos juízes encarregados do inquérito à falência do grupo, anuncia a agência italiana ANSA.

Bruno Kreisky na Líbia

O antigo chanceler austríaco Bruno Kreisky, seguiu ontem para a Líbia, onde se deve avistar com o coronel Muamar Kadafi, soube-se em Viena. O ex-chanceler, que é um dos vice-presidentes da Internacional Socialista, debaterá com Kadafi assuntos relacionados com a situação actual no Médio Oriente. Não foi dada qualquer precisão sobre a duração da estadia de Bruno Kreisky na Líbia.

Vinte e cinco quilos de cocaína

Cerca de 25 quilos de cocaína foram descobertos por acaso num receptáculo de guarda de bagagens da estação de caminho de ferro de Bayonne (sudoeste de França), anunciou fonte policial. A droga estava repartida por 43 embrulhos colocados numa mala, contendo no total 24,475 kgs de cocaína, num valor total de de 2,4 milhões de dólares (cerca de 320 mil contos), precisaram. Esta verba é multiplicada por dez na revenda, contas redondas.

Explosão de gás em Paris

Um edifício antigo de três andares situado no centro de Paris, cujos inquilinos são, na sua maioria, trabalhadores imigrados, foi devastado hoje de manhã por uma explosão de gás, que provocou a morte de uma mulher, a qual ficou sepultada sob os escombros. A deflagração produziu-se no terceiro e último andar do prédio e provocou a derrocada dos outros pisos e de uma parte da fachada.

Ex-chefe da Polícia argentina admite participação em 5 mil "desaparecimentos"

O ex-chefe da Polícia da província argentina de Buenos Aires, general Ramon Camps, admitiu ter participado no desaparecimento de 5000 pessoas durante a luta contra a guerrilha, em declarações a um jornalista espanhol que hoje foram conhecidas em Buenos Aires.

Em reportagem, por telefone, para uma Rádio desta capital, o jornalista Santiago Aroca afirma que, na sua entrevista com o chefe de Polícia, este afirmou que «os jornalistas, os psicólogos e os sociólogos são, maioritariamente, subversivos».

O mais impressionante em Camps, relata Aroca, «foi a frieza com que me expunha as coisas» e a «forma como admitia ter participado em cenas muito controversas da guerra suja» (contra a guerrilha).

Citou, como exemplo, que, ao referir-se às crianças desaparecidas, «ele disse-me que não se podia deixar educar as crianças pelos pais, porque estes eram guerrilheiros e era muito mais prático evitar que nasça um futuro guerrilheiro que matá-lo logo».

Para o jornalista espanhol, a franqueza das suas declarações «provavelmente deveu-se ao facto de as eleições (de 30 de Outubro, que consagraram Raul Alfonsin como residente) não se passada, indicaram ontem meios judiciais de Buenos Aires.

Por outro lado, os cinco homens são acusados do sequestro, com extorsão, do banqueiro uruguaio Carlos David Koldosky e do homem de negócios argentino Fernando Combal, por cujas libertações reclamavam mais de dois milhões de dólares, recordaram as mesmas fontes.

Luís Martinez, Ruben Fulano, Leandro Sunchez Reisse, Amália Matinez e Mariana Bosch de Sunchez Reisse foram detidos e condenados no cantão de Zurique, quando tentavam apoderar-se de um dos resgates.

Nessa ocasião, Luís Martinez confessou que tinha participado em cerca de 160 assassínios políticos, a partir da altura em que passou a desempenhar as funções de «interrogador» de suspeitos. Os presumíveis guerrilheiros eram injectados com tranquilizantes e lançados ao mar, disse Luís Martinez, de acordo com as mesmas fontes judiciais.

Segundo estas, os cinco acusados indicaram que, se forem extraditados para a Argentina, serão «duramente castigados», por terem participado numa organização secreta da Polícia, que se encarregava de sequestrar homens de negócios para obter resgates.

O jornalista espanhol conclui que, «ao terminar a entrevista, cheguei à conclusão de que era um nazi (...) exactamente igual a muitos dos que fugiram da Argentina para evitar responsabilidades».

Argentinos presos na Suíça

A justiça da Argentina irá pedir a extradição de cinco cidadãos argentinos presos na Suíça, para investigar os seus laços com os grupos paramilitares que lutaram contra a guerrilha na década terem ainda realizado», na altura da entrevista.

Segundo Aroca, Camps afirma que os psicólogos «lavavam o cérebro das pessoas não subversivas para as tornar subversivas» e os jornalistas «davam um apoio importante à subversão, porque, embora não empunhando armas, davam notícias que não deviam ser difundidas».

O jornalista espanhol diz que lhe perguntou o que era um subversivo e que Camps não lhe «soube explicar» com precisão.

Aroca afirma possuir as fitas magnéticas gravadas em que o militar admite ter participado no desaparecimento de 5000 pessoas.

Mais um achado macabro

Mais dez cadáveres, três dos quais de crianças, enterrados sob os nomes «N. N.», foram hoje descobertos em Buenos Aires.

Os dez cadáveres foram encontrados na presença do juiz Júlio Piaggio, numa fossa comum no cemitério «Rafael Calcada».

A diligência judicial foi efectuada esta tarde após a denúncia interposta pelo secretário do governo, Narciso Vasques.

Com o juiz estavam o governador civil da zona «Rafael Calcada», Félix Flores, médicos legistas e autoridades políticas.

Yasser Arafat vai avistar-se com o rei da Arábia Saudita

— Encontro com Mubarak vai a debate no CEOLP

O presidente do Comité Executivo da OLP Yasser Arafat, deslocar-se-á durante esta semana a Ryad, na Arábia Saudita, para se encontrar com o rei Fahd, indicou à France Presse o porta-voz da OLP, Ahmed Abdel Rahmane, em Sana lémene do Norte.

O porta-voz acrescentou que Arafat se não deslocou no sábado passado ao reino saudita, devido a uma «forte tempestade» que se abateu sobre o porto saudita de Djeddah, quando o «ferry-boat» que transportava o chefe da OLP se encontrava ao largo.

Abdel Rahmane indicou além disso, que o chefe da OLP foi recebido ontem à noite, pelo presidente norte-iemenita, Ali Abdallah Saleh, que, declarou em substância, lhe comunicou o apoio do seu país à luta do povo palestiniano para restaurar os seus direitos legítimos usurpados.

Retomando o recente encontro no Cairo entre Arafat e o presidente Mubarak, o porta-voz indicou que Arafat sublinhou ao chefe de Estado egípcio a «discórdia e a desunião que conhecem os países árabes» devido ao abrandamento dos seus laços com o Egipto.

Segundo Abdel Rahmane, o chefe da OLP exprimiu igualmente o seu reconhecimento ao presidente Mubarak pelos «esforços desenvolvidos pelo Cairo para garantir a partida de Arafat de Tripoli».

«A formação de um Governo no exílio não foi tratada durante o encontro Mubarak-Arafat», precisou Abdel Rahmane.

Comentando as reacções de descontentamento expressas por diferentes instâncias palestinianas após esse encontro, o porta-voz declarou: «Os nossos irmãos palestinianos poderiam ter esperado antes de lançarem juízos prematuros». ««Deveriam ter convocado uma reunião a nível superior a fim de constatar o verdadeiro alcance dessa visita», considerou.

34 elementos do CPV criticam Arafat

Trinta e quatro dos 48 membros do Conselho Nacional Palestiniano (CNP, Parlamento no exílio) estabelecidos na Jordânia condenaram o encontro entre Yasser Arafat e o presidente egípcio Mubarak.

Num comunicado publicado em Amã e dirigido a Khaled El Fahum, presidente do CNP, os 34 signatários indicam que a visita de Arafat ao Egipto constitui uma «violação das decisões do Conselho Nacional Palestiniano» e um «acto nocivo para a unidade da OLP e a sua independência.»

«Yasser Arafat será levado a dar conta aos principais dirigentes palestinianos da sua «decisão pessoal» de se encontrar com o presidente egípcio, declarou por sua vez, em Argel, Abu Jihad, comandante-chefe adjunto das forças palestinianas.

Abu Jihad indicou que «a decisão pessoal» de Arafat, de se encontrar na semana passada no Cairo com o chefe de Estado egípcio será examinada pelo Comité Central do Tatah e depois eplo Comité Executivo da OLP, durante uma série de reuniões que estas duas instâncias terão nos próximos dias em Tunis.

Cessar-fogo no Líbano durou uma hora

O cessar-fogo proclamado ontem à tarde nos arredores, Sul de Beirute foi violado apenas uma hora depois de ter entrado em vigor, indicou a Rádio oficial libanesa.

Segundo a emissora, o cessar-fogo foi quebrado «em todas as frentes».

De facto recomeçou o tiroteiro próximo do campo de refugiados palestinianos de Chatila, na periferia, Sul de Beirute, entre o Exército libanês e as forças antigovernamentais chiitas.

Segundo os habitantes, estão a ser utilizadas metralhadoras pesadas e ouvem-se, intermitentemente, explosões de granadas de morteiro. Os disparos atingem o limite Sul da zona marginal de Mazraa, no Centro de Beirute-Ocidental, ao pé do quartel-general francês.

Também eram assinalados disparos intermitentes entre o Exército e a milícia druza, na montanha de Suk El Gharb, a Sudeste de Beirute.

As autoridades libanesas e as várias facções anunciado no fim-de-semana passada um projecto de acordo de que o principal autor é o emissário saudita, Rafic Hariri. Tal projecto deveria permitir criar zonas tampão entre os beligerantes, nos «pontos quentes» da montanha, de Beirute e da parte Sul do Chuf.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Inte inci

A intervenção do secretá Comunista da União Soviética sente dos trabalhos do plenário PCUS, incidiu sobre a política e empreendida nos últimos mes trabalhos do plenário foi tam nomeações para as instância tido. Todos os observadores considerar que se registou a as do PCUS considerados próxim ral.

No seu discurso, Andropov faz um balanço positivo da política interna seguida há mais de um ano sob a sua direcção, destacando a gestão e a disciplina do trabalho. «A aplicação de algumas medidas destinadas a aperfeiçoar a nossa gestão económica, para melhorar a organização, reforçar a disciplina do trabalho e do plano começou no país este ano», recordou o secretário geral.

«Num lapso de tempo relativamente curto» – prossegue o relatório – «estas medidas contribuiram de diversas formas para melhorar a situação num certo número de sectores, aumentar a iniciativa e a responsabilidade dos quadros, a sua crença nas suas próprias forças bem como para aumentar a actividade criadora das massas».

«Uma mudança para melhor»

Segundo Andropov, estas iniciativas deram já os seus frutos: o povo começou a trabalhar em melhores condições, as taxas de crescimento económico aumentaram, ao passo que os coeficientes de qualidade estão também a subir «um pouco».

No entanto, o secretário geral do PCUS mostrou-se particularmente severo para com a falta de qualidade na produção que «conduz a um descontentamento entre a população», citando, os artigos que ficaram por vender devido a defeitos: 500 mil televisores, 115 mil rádios, 250 mil aparelhos fotográficos, 500 mil relógios e 160 mil frigoríficos.

«Chegou a hora não só de falar de penúria de bens, mas também de falar das pessoas que estão por detrás dessas penúrias», sublinhou o dirigente soviético.

Andropov lembrou ainda aos membros do comité central a importância que atribui às iniciativas recentemente

Agressões

O ministro angolano da Defesa, num comunicado divulgado, domingo, alerta, uma vez mais, a opinião pública nacional e internacional, de que as acções bélicas do Exército racista sul-africano contra Angola crescem dia após dia, atingindo grandes proporções.

Assim, no dia 24/12/83, a aviação sul-africana realizou bombardeamentos contra as vilas de Canhama, Cassinga, Cuvelai e Mulondo, desde as 8.45 até às 13.15, no período da manhã e das 18 às 24 horas e 5, da noite.

Plenário do Comité Central do PCUS

tervenção do ausente Andropov cidiu sobre a gestão económica

secretário geral do Partido viética, Yuri Andropov, au- lenário do comité central do olítica de gestão económica s meses. O primeiro dia de foi também marcado por stâncias dirigentes do Par- vadoressão unânimes em ou a ascenção de membros próximos do secretário ge-

Os dirigentes considerados próximos de Andropov e que foram ontem nomeados para instâncias superiores do PCUS. Da esquerda para a direita: Vitaly Vorotnykov, titular do secretariado político; Viktor Tchebrikov, Presidente da KGB e suplente do secretariado político; Egor Ligatchev, secretário do comité central (NP/UPI/«DL»)

lançadas, como a lei sobre os colectivos do trabalho e as resoluções sobre sobre o reforço da disciplina e o desenvolvimento da organização do trabalho em brigadas.

Mas, mais uma vez, ao optimismo manifestado pelo seu discurso, o secretário geral do Partido Comunista da União Soviética contrapôs algumas insuficiências.

O desenvolvimento da construção, apontado como um dos objectivos já alcançados, deve ser melhorado. Dirigindo-se à gestão administrativa, o dirigente soviético acentuou «do que precisamos não de explicações mas sim de melhorias reais do estado das coisas», Tudo isto levou Andropov a afirmar que está confirmada a justeza da linha que foi elaborada e que «uma mudança para melhor pode dar-se na economia nacional».

Aumento da produção

Sob o lema «quanto mais rica for a URSS, tanto melhor viverão os soviéticos», o «Pravda» sintetizava ontem uma das linhas de força da política económica de Andropov.

No seu relatório, o dirigente soviético defendeu um novo aumento da produtividade do trabalho: «a comissão política do C.C. do PCUS de defendeu uma proposta atribuindo uma nova tarefa ao Partido, aos sindicatos e ao colectivo de trabalho a tarefa de aumentar de um por cento, em relação ao plano, a produtividade do trabalho, e de baixar de mais 0,5 por cento os custos de produção».

Por isso, espera-se que a próxima sessão do Soviete Supremo, que se inicia na quinta-feira, aprove, com força de lei, os novos métodos de planeamento económico sobre «disciplina laboral» e «ordem pública», assim como as relativas a uma mudança de sistema do ensino.

Este corpo de leis sintetizam, também, outra preocupação dos actuais dirigentes do Kremlin. A economia e a «elevação do nível cultural e ideológico» dos soviéticos foram, desde o princípio, estreitamento relacionadas pelos partidários de Andropov.

O relatório do secretário-geral do PCUS reflecte, ainda, os esforços feitos nesse sentido. O balanço do ano de gestão, recordou Andropov, é também positivo no que respeita à elevação do nível de vida dos cidadãos que é o «principal objectivo sociopolítico dos nossos planos». Andropov felicitou-se, nomeadamente, com o aumento constante dos rendimentos da população, do desenvolvimento da construção de habitações e dos esforços desenvolvidos no domínio da saúde e da cultura.

No entanto, o dirigente soviético ressalvaria dois pontos: as realizações no domínio económico não afectam o domínio da defesa X — «tudo o que é necessário está previsto para manter ao nível adequado a capacidade de defesa do País» —, e as dificuldades sentidas para a elaboração do plano de 1984, devido aos «problemas conhecidos da economia nacional, mas também à qualidade da própria planificação».

Promoções em destaque

Apesar de ausente, por «causas temporárias» de que pediu desculpa aos membros do comité central, Andropov viu «subir» na estrutura do partido dirigentes considerados próximos das suas posições.

Três novas nomeações para o «Politburo», instância suprema do Partido Comunista da União Soviética, que recebe dois membros efectivos e um suplente, e uma para o comité central, marcaram, neste capítulo, a primeira sessão do plenário.

Entre estas quatro novas nomeações, três delas abrangem dirigentes «andropovianos». Vitaly Vorotnykov, de 57 anos, é o novo titular do Secretariado político para que fora nomeado membro suplente há apenas seis meses. Vorotnykov é presidente do Conselho de Ministros da Federação da Rússia e a sua ascensão nas instâncias de direcção introduz, segundo analistas ocidentais em Moscovo, um novo elemento para uma eventual sucessão de Andropov. Assim, aos já «designados» «delfins políticos», Gorbatchev e Romanov juntar-se-ía Vitaly Vorotnykov.

O novo suplente do Secretariado político, Viktor Tchebrikov, de 60 anos, é o presidente do KGB, os serviços policiais que Yuri Andropov dirigiu durante 15 anos.

Por seu lado, Egor Ligatchev, de 63 anos, chefe do departamento de quadros do comité central, é promovido a secretário do mesmo órgão, e tem um percurso convergente, desde os anos 60, ao do actual secretário geral do PCUS.

Só Mikhail Solomentsev, de 70 anos, presidente da Comissão de Controlo do Partido e novo membro permanente do Secretariado político, depois de ser suplente desde Novembro de 1971, não passa por ser especialmente ligado a Andropov. O seu lugar no «Politburo» é-lhe devido por inerência desde que substituiu Arvid Pelche, falecido em Maio último, na chefia da comissão de controlo.

Na sequência destas nomeações, o Secretariado político conta com 13 membros com direito de voto e seis suplentes. O Secretariado tem, agora, 11 titulares.

Politburo do PCUS

Yuri Andropov, secretário-geral, 69 anos; Konstantin Tchernenko, 72 anos; Gueidar Aliev, 60 anos; Vladimir Chtcherbistky, 65 anos; Mikhail Gorbatchev, 52 anos; Viktor Grichine, 69 anos; Andrei Gromyko, 74 anos, ministro dos Negócios Estrangeiros; Dinmoukhamed Kounaev, 71 anos; Dmitri Oustinov, 75 anos, ministro da Defesa; Grigori Romanov, 60 anos; Nikolai Tikhonov, 78 anos, presidente do Conselho de Ministros; Vitali Vorotnikov, 57 anos; Mikhail Solomontsev, 70 anos.

Membros suplentes: Piotr Demitchev, 65 anos, ministro da Cultura; Vladimir Dolguikh, 59 anos; Vassili Kouznetsov, 82 anos; Boris Ponarev, 78 anos; Edouard Chenarnadze, 55 anos; Viktor Tchebrikov, 60 anos, presidente do KGB.

Governo de Angola alerta opinião pública

es da África do Sul aumentam de dia para dia

Segundo o comunicado, durante a noite, cerca das 23 horas do dia 24/12/83 até às 5 horas do dia 25/12/83, a artilharia do Exército sul-africano fez preparação artilheira contra Canhama.

Na Canhama, em Cassinga, no Mulondo, no Cuvelai, no Caiundo e tantas outras localidades há a registar dezenas de mortos e centenas de feridos entre pacíficos cidadãos angolanos.

O comunicado acrescenta, ainda, que tais acções, levadas a cabo pelo inimigo, desmentem, categoricamente, a informação sul-africana de que as suas tropas realizam, apenas, operações de âmbito limitado em território angolano contra a SWAPO.

O Ministério angolano da Defesa salienta, no seu comunicado, que os combatentes das FAPLA, defendem, firmemente, as suas posições e repelem as investidas do inimigo.

Invasores dizem que estão para ficar

As forças sul-africanas ficarão em Angola até conseguirem deter importantes concentrações da SWAPO que se preparam para infiltrar-se na Namíbia, declarou, ontem à noite, o chefe das forças sul-africanas, general Constand Viljoen.

O general anunciou, também, que as forças sul-africanas tinham, ontem, travado combates com cerca de 200 guerrilheiros da SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) na cidade angolana de Canhama (a uma centena de quilómetros a Norte da fronteira com a Namíbia) na província de Huila.

Na passada sexta-feira, o general Viljoen tinha reconhecido que as forças sul-africanas estavam mobilizadas numa «operação limitada» no Sul de Angola contra os combatentes da SWAPO, indicou, ontem, que as operações de reconhecimento tinham começado na primeira semana do mês de Dezembro.

Trata-se da mais importante operação deste tipo desde Agosto de 1982. A 15 de Dezembro, Angola tinha levado o caso para o Conselho de Segurança das Nações Unidas, apresentando uma queixa contra a presença de tropas sul-africanas no seu território e tinha obtido uma condenação da África do Sul a 21 de Dezembro.

Saúde de Antonov preocupa búlgaros

A Bulgária está preocupada com a vida de Serguey Antonov, preso em Roma por suspeita de colaboração com o guerrilheiro turco Ali Agca, no atentado de 1981 contra o Papa – anunciou a agência noticiosa BTA.

O director da BTA insistiu que Antonov deve ser posto em liberdade e manifestou-se contra o facto de o terem colocado sob prisão domiciliária.

O responsável pela agência oficial búlgara acrescentou que a inocência de Antonov está provada devendo por isso ser «imediatamente libertado».

Exprimiu a esperança de que as autoridades italianas tomem todas as medidas necessárias para proteger a vida do cidadão búlgaro, merecendo os préstimos do seu país para o que for necessário fazer nesse sentido.

Antonov, de 36 anos, foi detido em 25 de Novembro de 1982 em consequência das declarações do turco Mehmet Ali Agca, que o acusou de cumplicidade na tentativa de assassínio, em 13 de Maio de 1981, na praça de São Pedro, em Roma, de João Paulo II.

Agca, na sua acusação, mencionou que Antonov fora encarregado de o auxiliar no atentado pelos serviços secretos búlgaros.

As autoridades italianas converteram recentemente a situação de Antonov em detenção domiciliária devido às contradições de Ali Agca sobre a alegada cumplicidade do búlgaro.

Até o "whisky" congelou

Vaga de frio nos EUA já matou 180 pessoas

Morreram mais de 180 pessoas nos Estados Unidos por causa da vaga de frio sem precendentes que se abateu há uma dezena de dias sobre o país.

Segundo os meterelogistas, esta queda de mercúrio bateu alguns recoredes e em 100 cidades dos Estados Unidos o frio é o mais intenso desde que se começou a registar as temperaturas.

Cerca de 40 dos 50 Estados da União Soviética estão sob temperaturas «polares»: chegou mesmo a cair neve na costa da Califórnia do Sul e na Louisiana, banhada pelas águas do golfo do México.

A maioria das mortes foram causadas directamente pelo frio e pelas suas consequências directas.

O recorde continua a ser detido pela vila de Wisdom, no Montana, onde, na véspera do Natal, o termómetro desceu até aos 50 graus negativos congelando o whisky das garrafas deixadas tradicionalmente na rua para os homens da limpeza municipal.

tempo de antena do PCP

X Congresso do PCP

na RTP·1

dia 28 quarta-feira

DEPOIS DO TELEJORNAL

tempo de antena do PCP

entrevista com Octávio Pato

na Radiodifusão Portuguesa antena 1

DEPOIS DO JORNAL DA TARDE (cerca das 13,30)

FIXE:
o camarim bar-restaur.
Oferece-lhe
UM REVEILLON NOVO
com
SAMUEL
e JOSÉ JORGE LETRIA
a propósito:
já marcou a sua mesa?
(não se atrase)

Patente ao público
trabalhos de
ROGÉRIO RIBEIRO

RUA HELIODORO SALGADO, 47 A
1100 LISBOA - TELF. 84 02 42

FESTA DE FIM DE ANO
31 DEZEMBRO
às 21,30h
1383
de VIRGÍLIO MARTINHO
encenação JOAQUIM BENITE
CANTO e CASTRO — HENRIQUETA MAYA — ANTÓNIO ASSUNÇÃO
JOSÉ MARTINS — FERNANDO LOURO — TERESA GAFEIRA

o melhor SHOW de sempre!
HERMAN JOSÉ — CARLOS MENDES
ANTÓNIO VICTORINO DE ALMEIDA
CARLOS PAREDES • PEDRO OSÓRIO • SAMUEL
JOAQUIM PESSOA • ESMERALDA AMOEDO
JOÃO FERNANDO e LUÍSA BASTO
MARIA AMÉLIA PROENÇA • FRANCISCO NAIA
CHICO GERALDO • CARLOS PAULO
MIGUEL SILVA • JOSÉ FARIA E COMP.a
CONJUNTO ÁGUA DURA
A Actriz Brasileira MARIA BARRETO LEITE
o conjunto cabo-verdeano CRETCHEU

MAIS DE UMA CENTENA DE PRÉMIOS
15 dias na União Soviética no 1.º de Maio (Moscovo, Leninegrado, Kiev e Minsk) — Viagem a Londres para 3 pessoas Fim de Semana no Algarve para 2 pessoas — Jogo de Maples Gravador e muitos outros — Colaboração especial da Associação Portugal-URSS — AGÊNCIA ABREU — BEPALIZ MÓVEIS SAUL LOPES

SERVIÇO DE CEIAS

GRUPO DE CAMPOLIDE (COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA)
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE—TEL. 2752175-2756567

Caminhos de Ferro Portugueses — Informaçao

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO

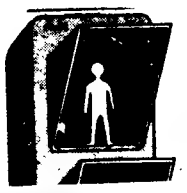
Até às 17 horas do dia 24 de Janeiro de 1984, estes Caminhos-de-Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Bifurcação de Lares.

A anuidade mínima a oferecer é de 30 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 5 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

— **Bifurcação de Lares**
— **Serviço Comercial da Região Centro — Lisboa (Santa Apolónia) —**
— **Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA**

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP, Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Bifurcação de Lares».



NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Procure um técnico credenciado para a instalação dos seus aparelhos a gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

CHEQUE-TREM
Conta aberta na C.P.

O CHEQUE-TREM é um novo meio de pagamento que permite a aquisição sucessiva de serviços ferroviários. Apresenta-se em duas modalidades, nominativos e de Empresa, e com dois valores — 12.500$00 e 17.500$0 — beneficiando o comprador de uma redução de 15% no acto da compra.
O CHEQUE-TREM é um novo título de transporte, com validade ilimitada, que pode adquirir todos os tipos de bilhetes para 1.ª e 2.ª classes para comboios normais e rápidos, suplementos, reservas, despacho de automóveis e cobranças em trânsito. Não é válido, no entanto, para comboios transvias, nem nas áreas de utilização do passe social.
O CHEQUE-TREM já entrou em circulação e encontra-o em qualquer estação da CP ou nas Agências de Viagens.

15% de redução imediata

caminhos de ferro · caminhos de futuro

Envie este cupão para
CP-Caminhos de Ferro Portugueses, EP - Departamento Comercial Estação de Sta. Apolónia 1196 LISBOA CODEX
Queiram enviar-me o folheto «CHEQUE-TREM - Conta Aberta na CP»
Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Código Postal _____

Amanhã

Pessoal da Carris concentra-se junto ao Ministério dos Transportes

Na sequência de várias acções com que os sindicatos têm procurado obter da comissão administrativa da Carris a apresentação de uma contraproposta terminou a 28 de Novembro último e, segundo um comunicado divulgado pela Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru), «para o atraso verificado, desculpa-se a C.A. com a falta de orientações tutelares, enquanto o Ministério se comprometeu, já a semana passada, a dar orientações à C.A., no que aliás dizia estar dependente do Conselho de Ministros.

«Incompetência ou boicote declarado – sublinha a Festru – o facto é que já lá vai um mês e os trabalhadores, numa situação em que as suas condições de vida se degradam rapidamente cada dia que passa, não podem mais suportar esta gravosa situação».

Anteriormente, cerca de uma centena de delegados sindicais da Carris concentraram-se no passado dia 22 do corrente mês junto à Secretaria de Estado dos Transportes e se na sequência da acção de amanhã o Governo não der uma resposta positiva, os trabalhadores, de acordo com a comissão executiva da Festru, «irão continuar a luta e aprofundá-la a curto prazo».

Greve na TAP

A direcção do SITAVA confirmou a realização amanhã de uma greve de 24 horas na TAP, visando exigir o início das negociações da tabela salarial e enquadramentos «que o CG se comprometera a fazer em 1 de Janeiro de 1983».

A paralisação, em que estarão envolvidos todos os sectores do pessoal de terra, designadamente operacionais, afectará «toda a operação da empresa».

Esta forma de luta visa ainda exigir a revogação dos últimos actos de gestão do CG que aprovaram aumentos de 100 contos praticamente isentos de impostos para os directores gerais e o fim das desigualdades no tratamento dos diversos grupos profissionais.

Um comunicado divulgado pelo SITAVA sublinha que «os trabalhadores não têm qualquer responsabilidade, pois tendo sido demonstrado ao CG e ao Governo total disponibilidade para o diálogo, nos últimos dias apenas se efectuou uma reunião com o CG, em que este se mostrou totalmente incapaz ou desinteressado em contribuir para a resolução do conflito».

Gráficos anunciam greve para o dia 13

A Federação dos Sindicatos Gráficos acusou a associação patronal das indústrias gráficas e de transformação de papel de pretender retirar regalias consagradas contratualmente aos 22 mil trabalhadores e decidiu convocar uma greve para o dia 13 de Janeiro.

Em comunicado, a Federação dos Sindicatos da Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa acusa a Associação das Indústrias Gráficas e de Transformação de Papel de recusar negociar a revisão do contrato colectivo de Trabalho vertical (CCTV) com as organizações sindicais representativas do sector, sem que aceitem previamente a retirada de importantes direitos e regalias.

O patronato – acrescenta – violou o acordo que recentemente realizou com os trabalhadores em conciliação e que estabelecia a entrega de uma contraproposta de CCTV até 9 de Dezembro e o início das negociações até dia 13.

A Federação anuncia que perante aquela situação os sindicatos do sector convocaram uma greve nacional da Gráfica e Transformação de Papel para o dia 13 de Janeiro, a efectuar no segundo período de trabalho.

Os sindicalistas decidiram promover acções de rua de esclarecimento da população sobre as razões da luta dos trabalhadores do sector e acções nas empresas de pressão sobre as respectivas entidades patronais – revelou a Federação.

Os sindicatos resolveram concretizar outras medidas de luta a curto prazo caso o patronato ou o Ministério do Trabalho não adoptem uma posição que permita uma solução justa do processo de revisão do CCTV.

Metalurgia

PRT será "solução real"?

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia e Metalomecânica afirma que está «inteiramente nas mãos do Ministério do Trabalho a responsabilidade de provar que a PRT que pretende elaborar é uma solução real para a saída do impasse negocial a que se chegou quanto ao CCTV para o sector».

A CNS da metalurgia, que enviou ao MT uma nova proposta «como contributo pra a elaboração da PRT», reafirma «que a solução do conflito deverá ser encontrada dando início, de facto, à concliliação que o Ministério do Trabalho nunca chegou a promover».

Gentes e paisagem

Continuação da pág. 2

mal caiadas e pardas, por caiar e escurinhas, vinhedos da beira d'água, hortas, cerrados pelas encostas encaracolados entre paredes tortas e singelas de pedra solta e cinzenta, moroiços, barrancos, arrebaldes, oiteiros, silvedos pelos brarrancos, faias, incensos, loireiros, giestas, matas de criptoméria pelos arrebaldes e a empenacharem os oiteiros, desgarrados por aqui, por ali, alguma acácia sombria, algum pinheiro sorumbático, às vezes um castanheiro meditativo, um álamo majestoso que nem um rei, cabeços no alto, no interior da ilha, carecas, manchados, listados de cedros, urzes, azevinhos, a Montanha ao fundo, e tudo, naquela terra negra, pintalgada pelos verdes de tonalidades diversas, esfragalhados pelas ventanias, das árvores e dos arbustos, dos cedros, urzes, azevinhos a diluírem-se ao longe, tudo, dominado pelo manto de linho branco da Montanha gigante, um sorriso loiro de frescura, alegria, festa. Apetece ir por aí, mesmo com as pernas trôpegas, ti Joaquim, tenho que dar um salto ò botequim, gasto do Manuel Tanjana, havera de gastar do Jonin Pombinha, é de mais agrados e parece que vende mais em conta, o Manuel Tanjana é aquela cara de pau e enterra bem a unha, mas o Jonin Pombinha tá lá pr'àquelas bandas, um esticão pràs minhas forças, o Manuel Tanjana fica-me mais a jeito, que isto de comerciantes tamos entendidos, querem é puxar pra dentro, o que nã puxa c'ũa não puxa co a outra, qu'eu nos mês tempos, quando tinha de meu pra vender, também fazia a minha deligência, nã vamos dizer ũa coisa e ser outra, nem se pode comprar, aquilo era o mê rico trabalho, o mê rico suor, o mê rico sangue plantado e tirado das minhas terras, penei por essas Calafonas o que o Diabo deixou de penar debaixo da barba alheia, prás poder mercar, é verdade que metia homes de fora, homes e mulheres, pagava-les e trabalhava cọ eles, e munto mais que eles, enquanto que esses mês senhores desses comerciantes, o sê trabalho, o sê suor a ponta dum corno, é tar ali à sombra, comprar por dois e vender por vinte, ou trinta, ou quarenta, ou cem, ou duzentos, venha a nós e enche-te barriga, mas vamos dindo inté ò botequim do Manuel Tanjana.

Ti Joaquim entra em casa pela saquinha das compras, de retalhos, nem se recorda de quem lha fez, algũa dessas mulheres que vinham por i, deixa-me ver. falta-me pão, queijo, café, que mais?..., sabão, palhitos (1), pitróleo ainda tenho, ũa pitada d'açucre..., é isso, açucre, pão, queijo, café, sabão, palhitos... cma que me esquece nã sei o quê..., palhitos... ah! tabaco, dois ou três picadilhos que tou quase sem tabaco nenhum, também se nã fumasse, e ti Joaquim vai, as pernas a tremer amparadas ao bordão de cana da Índia, guarda-o atrás da porta da cozinha.

Gente no botequim, gente que entra, se avia, sai, mulheres, crianças, Manuel Tanjana a todos atende de dente trincado e falas escassas, o que é que queres? (aos próprios velhos trata por tu), aí vai, custa tanto, credo! tás doido?! (até os meninos igualmente lhe pagam com o tratamento de tu), se nã queres, nã levas, nã falta quem queira. É assim e nunca lhe escasseia freguesia. Melhor fornecido que qualquer dos concorrentes do ramo nestas cercanias, joga a cartada do pagamento a pronto, nos seus princípios não podia, fossava como os demais, adiantou-se, para se adiantar até deixava a família roer fome, agora pode, mercadoria chegada, factura recebida, cheque para fora, na volta do correio, para as firmas fornecedoras do Faial, de Lisboa, do Porto, e as firmas fornecedoras do Faial, de Lisboa, do Porto, um cliente daqueles, é pedido feito pedido atendido, e com descontos consideráveis, as novidades de cada estação chegam-lhe mais cedo, tem sempre de tudo, o que está à vista, nas prateleiras por dentro do balcão, arrumado de baixo do balcão, amontoado pelo soalho, loiças, vidrarias, ferragens, tintas, latas e latinhas, e frascos e frasquinhos com coisas várias é apenas uma amostra, o grosso armazena-o em casa, lojas do rés do chão e salas de primeiro andar atafulhadas, cheiinhas que nem um ovo, se nos outros se não encontra encontra-se no Manuel Tanjana, vem povo de todos os sítios, mesmo da vila, as pessoas reclamam, preços de levar coiro e cabelo, reclamam mas compram, pagam, vão-se, os velhos, os desocupados demoram-se, sentados pelos caixotes emborcados rente à parede, pelas sacas de farinha e de açúcar amontoadas a um canto, temperam a farinha e temperam o açúcar com o calor dos rabos e o perfume dos peidos, os que não encontram onde se sentar encostados, de pé, pelo lado de fora, contra as pontas do balcão, contra a porta da direita, fechada. Hoje, homens na força da vida, novos, se entram é só por um picadilho, um maço de cigarros feitos, um trago de aguardente, não páram, deita aí que tou com pressa, há munto que fazer por esses campos depois deste temporal, e vem pescadores, dá-me arame e anzóis dos crongos que vamos pró Canal, os velhos falam, falam e fumam, oxalá que apanhem e a gente se console c'o caldinho dũa abrótea, ti Joaquim não se vai consolar com nenhum caldinho de nenhum peixe, nã le posso chegar, e, tantos dias apoitado, em casa, na sala-de-dentro, por trás da janela da empena, fechada, a tramelar consigo e com as paredes, desenferruja a língua, intromete-se nas conversas, olhos que não despega de uma das prateleiras, umas coisas diferentes, vistosas, coloridas, que estão ali, de pouco se fala que não seja do temporal, um destroço, todos concordam, por essas quintas (2), o vento deu com quase todas as laranjas no chão, eles andam nũa azáfema àjuntar nelas, nã sei pra quê, verdes que tão nem os porcos as querem, e que tivessem maduras, fazer dinheiro nelas nem um dez réis, todos têm pra si, não há quem as merque, ainda se fosse milho, mas, graças a Deus, os milhos já foram todos arrecolhidos, mas laranjas... ninguém morre por nã comer laranjas, e ti Joaquim sem despegar os olhos daquela prateleira, daquelas coisas vistosas, coloridas, não vê bem, o que será?, embrulha tabaco na mortalha de casca de milho, acende um cigarro mais, não se aguenta, aquele bicho abelhudo a roer-lhe as entranhas, pergunta, o que é aquilo que tens acolá?, Manuel Tanjana, o fumo do «Triunfo» a pingar-lhe da ponta do nariz narigudo, o quê, ti Joaquim?, ti Joaquim aponta, aquilo, naquela prateleira, Manuel Tanjana deita o rabo da pedra do olho, ah! aquilo!

– São brinquedos, bonecas, automóveis, aviões, armas de guerra, barquinhos... tralha pró Natal – e escarninho, como quem, a despachar, deixa-me da mão – Queres comprar, ti Joaquim?

– Tou velho pra brincar e – num remoque – pra brincares comigo. – E mais uma, duas, três fumaças pensativas, o nevoeiro do fumo dependura-se-lhe na cara com a barba de muitos dias por fazer, bamboleia-se-lhe diante dos olhos rajados de vermelho, – Hão-de ser baratos.

– E são. – Manuel Tanjana, difícil acreditar, não é home pra mexer um dendo, quanto mais as pernas, a não ser por negócio pelo menos provável, com aquela velhada, de mais a mais com ti Joaquim, a gente sabe-o, não há negõcio, nem provável nem improvável para além daquelas miudezas que não valem um caracol que costuma comprar, aproxima-se da prateleira apontada, traz nas unhas compridas e negras de sujidade (as unhas nã se fizeram pra cortar e limpar, fizeram-se pr'àgarrar o que venha às unhas), traz um automovelzinho verde, brilhante, não terá nem quatro dedos de comprido, uma bonecaça bonita, cabelos loiros, olhos azuis, faces gorduchas e rosadas, lábios carnudos e encarnados, chucha nos lábios, vestidos de seda azul no corpo anafadinho, pernas papudinhas, peúgos finos, sapatinhos de pelica branca nos pezinhos, nem que seja tal e qual um nené de carne e osso, Manuel Tanjana explica, os velhos arregalam os olhos, explica com falas abundantes, tá pra cair algum santo do altar abaixo, – Este carrinho custa quinhentos escudos, é o brinquedo mais barato, esta boneca, ũa coisa linda, co este dentinho assim, abre os olhos, fecha os olhos, diz mãe, diz pai, chora, custa, não é munto, custa só oito contos, é o brinquedo mais caro que tenho pra vender.

– Os velhos espantam-se, são palavras a mais, para Manuel Tanjana são palavras a mais, e onde é que se viu por estas beiradas um brinquedo daqueles por tanto dinheiro? já o automovelzinho... no nosso tempo... Ti Joaquim engole uma fumaça grossa.

– Baratos! Dizes que são baratos!

– E nã são? Nos papéis que da firma me mandaram pra escolher, vinham de duzentos contos, e pra riba de duzentos contos.

– Duzentos contos! Pra riba de duzentos contos! – Os velhos nem querem acreditar, Manuel Tanjana cma que deixou de ser o Manuel Tanjana, cma que perdeu o juízo co aqueles brinquedos. Ti Joaquim Picanço – E já vi coisas dessas por esses mundos por onde andei, eram montras e montras cheias de brinquedos um dinheirão, viradas pra rua, com muintas luzes, tã coisa linda, mas nesta terrinha – vomita a fumaça grossa que engoliu – terás quem tos compre?

Manuel Tanjana, a boca arreganhada, a língua a sair-lhe da boca arreganhada, a beata do «Triunfo» colada, negra, à baba dos lábios, no canto esquerdo da boca arreganhada, os olhos olhando, nas mãos encardidas, com deleite, os dois brinquedos.

– Ara se tenho! Hás-de ver, ti Joaquim. Nã me fica nem um por vender. E se ficar nã se perdem. Mas nã fica. Esses canadianos...

A velhada bem sabe que dizer, ti Joaquim cala-se, longamente, uma fumaça, outra, o nevoeiro do fumo envolve-lhe, denso, a testa lívida.

– E tu, mal vamos em Novembro, já co essa tarecada pró Natal.

– Ti Joaquim, quem mais avança mais alcança.

– Entrementes, vás lançando a rede. – Manuel Tanjana arruma, com cuidados femininos, os briquedos na prateleira.

Espanta-se, nem quer acreditar, nem sabe que dizer, pasma, escancara a boca, escancara os olhos de pasmo e de espanto aquela velhada, haverá quem alguma vez tenha ouvido falar tanto, com tanta vivacidade, e visto com tantos desvelos Manuel Tanjana?

E a velhada toda, e ti Joaquim Picanço, o Natal do nosso tempo, a gente alembra-se, uns figuinhos passados do Algarve, os Pireiras mandavam vir, vinham em ceiras, vendiam-nos no botequim, a gente mercava ũa cerrilha, seis vinténs, ia um calzinho d'angelica, fazia-se em casa, vínhamos, se vínhamos, à Missa do Galo, descalços por esses caminhos de lama e de pedra, bem bom se trazíamos ũas albarquinhas de coiro de porco nos pés sem meias... Tempo correndo, vamos dindo, ti Joaquim sentava-se no caixote ao lado da porta da entrada, aberta só por metade, o queixo apoiado no punho do bordão de cana da Índia, levanta-se, este caruncho,

– Vende-me aí...

Manuel Tanjana, já com aquela cara de pau que Deus lhe deu, pesa-lhe meio quartinho de açucar, uma nisquinha de sabão, com a mesma faca com que cortou o sabão corta um bocadinho de queijo, pesa-o, ti Joaquim arruma as mercas, também um pacotinho de café, na saquinha de retalhos, Manuel Tanjana, de novo a rilhar as palavras.

– E tabaco?

– Ah! Esquecia-me. Três picadilhos «Marítimos». Assenta tudo no rol **pra pagar na fim do mês, quando me derem o dinheirinho da Casa do Povo**.

Ti Joaquim Picanço mete-se na volta de casa, as pernas trôpegas amparadas ao bordão, este Manuel Tanjana tá longe de saber que a vida é ũa caminhada de penares por ũa canadinha munto longa, munto estreita, munto ruim e cheia de portais, que a gente nã dá um passo que nã tenha um portal pela frente pra passar, até que no fim... Mas ainda o sol, o azul do céu, o azul do mar, ganhoas de asas brancas no céu azul...

(a) Palhitos – Fósforos.

(b) Quinta – No Pico, pomar, só ou com predominância de laranjeiras.

Folhetim artístico

Continuação da pág. 3

não o podemos ignorar; e que outros o incensassem apressadamente, ignorando que aquele ortugal também o queremos esquecer», afirma o seu autor, e muito acertadamente o faz – como eu faço votos para que assim seja. Mas é? Oh Rosa do Adro, mísera e mesquinha que muito tempo depois de morta continuou a ser rainha!...

Malhoa como «desejo e programa» do seu Portugal foi tema de outro artigo que analisou bem as opiniões da crítica oitocentista que lhe apontava, ou exigia dele, um caminho conveniente, enquanto o pintor ia evoluindo entre trabalhos e lazeres rústicos e (talvez) «do homem para Deus» – até, acrescente-se, à Sra. da Consolação de Chão de Couce, motivo de regozijo popular e coroação dum Malhoa sem paganismo, em ano já de morte.

Integrar o pintor na pintura paisagística portuguesa foi outro tema de artigo (que se destinava ao abortado colóquio sobre a Cidade e as Serras), e vem desde o romantismo a longa viagem, com Roquemont, Barbison e António Nobre ao fim do século, a aconselhar, de Paris, o paisagismo português. Nesse sistema internacionalizado, Maloa teve um papel nacional carismático sem comparação com seus émulos, franceses por exemplo, por força das condições da arte e da sociedade portuguesa. Por isso, o autor do texto (António Rodrigues) pode e deve escrever: «Malhoa fez então o retrato involuntário da mentalidade da burguesia da cidade, a quem a sua pintura restituía um imaginário feito da memória saudosa duma vivência rural, a que ela estava ligada pelo sentimento e pela bolsa».

Entender isto, em duplo processo antropológico, relativo à Cidade e às Serras. é dar o sentido necessário às exposições Malhoa (muito importante, nisso, o retrato – de quem?), e responder utilmente ao seu **«para quê?»**

DESPORTO

Desporto: mitos e símbolos

Fernando Mota
ou o tema da juventude

Manuel Sérgio

Quando Wagner foi interpretado, pela vez primeira, em Paris, uma pateada monstra invadiu a sala. Todos os espectadores o repudiaram. Todos, menos um – Baudelaire. Só este poeta ergueu a luva branca. Luva que ainda se distingue, no meio da conduta intempestiva de três centenas de velhos avessos a qualquer mudança... na música e não só!...

Não direi que o Fernando Mota, novo director-técnico nacional de atletismo, sofra hoje qualquer contestação apaixonada (nem sou eu, pobre de mim, um Baudelaire). Mesmo nos que dele possam discordar percebe-se a tonalidade discreta das suas interrogações. Mas o que eu não tenho quaisquer dúvidas é que o Fernando Mota, se o deixarem e sem perder a maturidade cultural e cívica, que o distingue, tem a coragem e o valor suficientes para restituir ao atletismo nacional, no seu todo, um rosto de sadia fé no Futuro. E também admito que os instalados e os comodistas se sintam incomodados com o desmontar das suas certezas, levado a cabo por uma das inteligências mais jovens, que encontrei em toda a minha vida.

O que pretendo eu dizer com a expressão «uma das inteligências mais jovens»? Isto só: é inegável e inconfundível o seu talento para entrar profundamente em consonância com as **linhas-mestras** de um desporto portador de novidade histórica. O dr. Fernando Mota (podem crer que não exagero) é um **grito de fé** no desporto, entendido este como centro inexplorado de invenção do Futuro. **Planear — Projectar — Reformar:** constituem a espinha dorsal de todo o seu trabalho. Mas comanda-o sempre um **projecto-esperança** onde, pelo desporto, procura alcançar a liberdade, o sentido da vida e a força da solidariedade.

Tenho na minha frente a entrevista por ele concedida ao «Jornal de Notícias», em 4 do mês corrente. A prosa do novo director técnico nacional de atletismo, depois de revelar planos ambiciosos e a decisão de perseguir reformas profundas, termina com uma provocação: **É preciso fazer renascer a esperança.** Mas oiçamos os planos em que se afadiga: **Começando pela alta competição, já que é o expoente máximo, ou a cúpula, o ex-libris da modalidade, esta tem que ser integrada num processo de articulação que vai da formação, da detecção de talentos e passa pela média competição, pela selecção nacional!... É conveniente que se trate de um processo dialéctico de interinfluências! Portanto, não é só a alta competição pela alta competição!.** E prosseguiu: **Temos agora duas metas importantes esta época. A Prioridade um são os Campeonatos do Mundo de Cross, em Março, na cidade de Nova Iorque; e os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em Agosto do próximo ano. A prioridade depois serão os Europeus de pista coberta e o Westathletic, em Junho; e um «quadrangular», em Madrid, nos dias 8 e 9 de Setembro, com a Finlândia, a Polónia e a Espanha.**

Mas não se ficou por aqui. Disse muito mais o director técnico nacional. A que não chegaria o espaço que me é destinado, neste Jornal. Falou nas provas de Inverno, empenhando as Associações ao longo do País, na realização deste género de competições. Sublinhou a necessidade de acertarmos o passo pela Europa, não só no que tange a nova calendarização das provas, mas também dando atenção às diversas disciplinas de que o atletismo se compõe, não nos quedando com certo ar de fatalidade, por meia-dúzia de «fundistas», na realidade de alta craveira internacional. E referiu-se ainda ao desporto escolar, tecendo críticas que representam, por certo, o início de um diálogo, com os responsáveis por este sector pedagógico. De facto, Fernando Mota disse muito.

Servindo-me da terminologia althusseriana, que distingue a **leitura literal** da **leitura sintomal** (ou seja, o que descobrimos num texto, de forma explícita e apressada, e o que o texto diz, de forma implicita e sistemática) – o que aquela entrevista me revelou, acima de tudo, é que há falta de gente **jovem,** no desporto português. Jovem, com força congregadora das vontades disponíveis e necessárias; jovem, capaz de fazer do seu projecto uma ideia-força; jovem, olhando, com feição futurante, todo o desporto português; jovem, como Fernando Mota o sabe ser!

Termino, com uma palavra de aplauso, para a actual direcção da Federação Portuguesa de Atletismo, há anos já empenhada na construção de um atletismo aberto ao progresso harmonioso e justo. Com a escolha de Fernando Mota, também esta direcção manifesta uma indisfarçável opção pela juventude, ao conferir a um **jovem** de espírito eminentemente criador e crítico, papel de tamanho relevo, no atletismo nacional. E também ela saberá levantar a luva branca, se acaso um dia se escutar a pateada dos que se desgostam (embrulhados, com narcísica elegância, no mais impenetrável egoísmo) com qualquer caso de... movimento!

Platini soma e segue

Michel Platini, centro-campista da Juventus de Turim (Itália) e capitão da selecção francesa de futebol, foi eleito Bola de Ouro 1983 pelo semanário «France-Football», após um referendo efectuado junto de jornalistas especializados de 26 países. Platini sucede, assim, ao italiano Paolo Rossi, laureado em 1982.

Michel Platini, que recebeu 110 pontos, foi citado 23 vezes (18 vezes para o primeiro lugar e 5 vezes para o segundo). Seguem-se-lhe nas posições imediatas: Kenny Dalglish, Alan Simonsen, Gordon Strachan e Felix Magath. Apenas três jornalistas (Bélgica, Portugal e RDA) não citaram o nome de Platini.

A classificação do referendo Bola de Ouro – «France-Football» 1983 é a seguinte:

1.°, Michel Platini (França, Juventus), 110 pontos; 2.°, Kenny Dalglish (Escócia, Liverpool), 26; 3.°, Alan Simonsen (Dinamarca, Vejle), 25; 4.°, Gordon Strachan (Escócia, Aberdeen), 24; 5.°, Felix Magath (RFA, Hamburgo), 20.

Vêm a seguir: Renat Dassaev (URSS, Spartak Moscovo) e Jean-Marie Pfaff (Bélgica, Bayern Munique), 15 pontos, Jesper Olsen (Dinamarca, Ajax) e Karl-Heinz Rummenigge (RFA, Bayern Munique), 14 pontos, Brian Robson (Inglaterra, Manch. United), 13 pontos, e Alain Giresse (França, Bordéus), 10 pontos.

O melhor amador

A atleta checa Jarmila Kratochvilova, que detém os recordes do mundo dos 400 e 800 metros, foi designada o melhor desportista europeu amador de 1983 pela agência polaca de imprensa PAP, na sequência de uma sondagem que realiza todos os anos, desde há 26 anos, junto dos principais agentes de imprensa europeus.

Kratochvilova qualificou-se à frente do nadador alemão-federal Michel Gross e da soviética Tamara Bykova, detentora do recorde do mundo do salto em altura (2,04 metros).

Sessenta desportistas de 21 países foram citados pelas 22 agências participantes.

O palmarés de 1983 é o seguinte:

1.°, Jarmila Kratochvilova (Che, atletismo), 177 pontos; 2.°, Michel Gross (RFA, natação, 149; 3.°, Tamara Bykova (URSS, atletismo), 97; 4.°, Dimitri Bilozertchev (URSS, ginástica), 87;

Os melhores na URSS

À recordista mundial do salto em altura, Tamara Bykova, foi considerada a melhor atleta soviética do ano pela Imprensa desportiva da URSS.

A lista dos dez melhores desportistas de 1983 na União Soviética é a seguinte: Tamara Bykova – atletismo; Dimitri Bilozertche – ginástica; Vladimir Salnikov – natação; Garry Kasparov – xadrez; Natalia Yourtchenko – ginástica; Yuri Vardanian – halterofilismo; Vladislav Tretyak – hóquei no gelo; Anatoli Starostine – pentatlo moderno; Fiodor Cherenkov – futebol; Serguei Litvinov – atletismo.

Desporto africano

O atleta marroquino Said Aquita foi eleito o desportista africano do ano após, a votação efectuada pela agência France-Presse e pela Rádio France Internacional.

Said substitui o futebolista argelino Salah Assad que, em 1982, recebeu o flash de ouro africano.

A classificação dos dez melhores desportistas africanos de 1983 é a seguinte:
1.° Said Aquita – Marrocos – atletismo; 2.° Ajay Agbebaku – Nigéria – atletismo; 3.° Mahmoud Al Khatib – Egipto – futebol; 4.° Sherif Nour – Egipto – natação; 5.° John Mugabi – Uganda – pugilismo; 6.° Kebedf Balcan – Etiópia – atletismo; 7.° Bekele Debele – Etiópia – atletismo; 8.° Opoku Ntis – Gana – futebol; 9.° Amadou Diaba – Senegal – atletismo; 10.° Nawal El Moutawakil – Marrocos – atletismo; 11.° Juma Ikangaa – Tânzania – atletismo.

Maradona: o regresso

Diego Armando Maradona, o «cérebro» argentino do FC Barcelona, voltará aos treinos com a equipa catalã em 3 de Janeiro, dia seguinte ao seu regresso da Argentina, declarou ontem, em Barcelona o treinador do clube, Cesar Luis Menotti.

O jogador argentino está agora completamente restabelecido dos ferimentos que lhe foram infligidos em final de Setembro em Barcelona pelo defensor do Atlético de Bilbau, Andoni Goicoechea, acrescentou Menotti.

Rantanen — o terceiro nórdico

Chama-se Tantanen, é finlandês e vem para o Estoril, o terceiro nórdico importado pelo futebol profissional português.

O seguidor de Stromberg e Manniche chegou ontem e apresenta-se com razoáveis credênciais, como sejam as suas 16 intrnacionalizações (sete pela selecção olímpica e nove pela de esperanças do seu país que bateu em Setembro passado, na Amora, o seleccionado nacional por 2-0.

Pelo País fora

●FUTEBOL NOS AÇORES

A Associação de Futebol de Ponta Delgada marcou para 31 de Dezembro a repetição do jogo entre o União de Nordeste e o Marítimo, referente à terceira jornada do campeonato de futebol da segunda divisão de Ponta Delgada.

O primeiro encontro realizado em 13 de Novembro, foi interrompido aos 75 minutos, com o resultado em 2-2, tendo o árbitro Jaime do Monte justificado a sua decisão com o facto de ter sido agredido pelo jogador do Marítimo, João Carreiro.

O processo de inquérito, instaurado pela Associação de Futebol de Ponta Delgada, foi mandado arquivar por falta de provas.

O próprio árbitro da partida, convocado por duas vezes para prestar declarações não compareceu, facto que originou a decisão de repetir o jogo.

* * *

Oito clubes vão disputar o campeonato de futebol de juvenis de São Miguel, que se inicia em Fevereiro de 1984.

Trata-se da primeira prova oficial daquela categoria organizada pela Associação de Futebol de Ponta Delgada.

Os clubes inscritos são: Mira Mar, União Micaelense, Benfica Águia, Operário, Santa Clara, Micaelense, Marítimo e Sporting Ideal.

COVILHÃ: ATLETISMO

A delegação do Inatel na Covilhã realiza dia 8 de Janeiro, uma prova de estrada, em atletismo, a disputar entre a Covilhã e o Fundão.

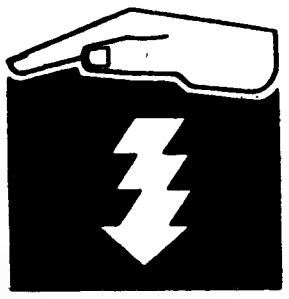
A prova qualificará atletas para o campeonato nacional da modalidade.

TÉNIS DE MESA: TORNEIO

Cerca de 300 praticantes de ténis de mesa participam, dia 14 de Janeiro, no sexto torneio cidade da Covilhã.

A prova, a decorrer no pavilhão do INATEL na Covilhã,é considerada uma das mais consagradas do calendário nacional da modalidade.

MICROSCÓPIO



S. Silvestre de Zurique: Oliveira em 7.°

O português Manuel de Oliveira classificou-se em sétimo lugar na corrida de São Silvestre disputada em Zurique, numa distância de 8km, de que saíu vencedor o suíço Pierre Deleze.

Manuel de Oliveira foi debitado em 24.01,56. O vencerod da prova, por seu turno, realizaou o percurso em 23.22,19, seguido pelo alemão ocidental Christoph Herle (23.34,94) e pelo britânico Barry Knight (23.49,59).

Taça Davis

Os australianos Paul McNamee/Mark Edmondson ganharam, em pares, a final da Taça Davis, ontem à noite, em Melbourne, ao baterem os suecos Anders Jarryd/Jans Simonsson por 6-4, 6-4, 6-2.

Futebol no Brasil

Argentina e Uruguai já confirmaram a participação no torneio que, em Junho de 1984, comemora os 70 anos da Confederação Brasileira de Futebol – disse o presidente da CBF, Guilite Coutinho.

Além destas selecções, foram convidadas as de Espanha, Itália, Alemanha Federal, Paraguai, Equador, Peru e França, que ainda não confirmaram a sua presença.

Liverpool continua como líder

O Liverpool, adversário do Benfica nos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus em Futebol, venceu o West Bromwich, no terreno deste, por 2-1, em jogo a contar para o Campeonato inglês da Primeira Divisão.

Com este resultado, o Liverpool mantém o comando da classificação do campeonato, com 40 pontos, mais três que o segundo classificado, o Manchester United que empatou, 1-1, no campo do Coventry.

TOTOBOLA a chave

1. Birmingham-Nottingham ... 2
2. Coventry-Manchester United X
3. Everton-Sunderland X

4. Ipswich-Wolverhampton ... 1
5. Leicester-Queens Park 1
6. Notts County-Luton 2

7. Stoke City-Norwich 1
8. Tottenham-Arsenal 2
9. Watford-Aston Villa 1

10. West Bromwich-Liverpool . 2
11 West Ham-Southampton ... 2
12. Cardiff-Swansea 1
13. Fulham-Derby Country X

O valor de cada prémio é de 13.541.066 escudos.

Previsões

Este poderá não ter totalistas ou, no máximo, terá três boletins com 13 resultados certos — indicam as previsões divulgadas pelas Apostas Mútuas Desportivas.

Neste concurso totalmente preenchido com jogos da Liga Inglesa de Futebol, prevêem-se entre 30 e 40 apostas com 12 resultados certos.

Caso não haja totalistas, as previsões apontam entre 550 e 650 boletins com 11 resultados correctos.

Polémica americana sobre violadores

Castração química divide opinião pública

A melhor punição para os violadores é a castração química, consideram diversos juízes americanos defensores do regresso à pena de Talião.

As críticas não se fizeram esperar, tanto junto das vítimas como nos meios judiciais e médicos, quando dois magistrados do Texas e da Califórnia em Fevereiro e Agosto passados, concederam a hipótese de escolha a dois réus: ou submeterem-se a uma castração química e cumprirem uma ligeira pena de prisão, ou serem condenados ao período máximo de detenção, 99 anos para pessoal reincidente.

Estas declarações provocaram na altura algumas interrogações. Contudo, o seu alcance foi atenuado consideravelmente pelo facto dos efeitos do Depo-Provera – o medicamento que devia ser injectado – desaparecerem assim que deixa de ser administrado, segundo o seu fabricante.

Em Novembro último, um juiz da Carolina do Sul foi mais além que os seus colegas: deu como opção, a três violadores, ou serem condenados à prisão perpétua ou a cinco anos de liberdade vigiada com castração, sem avançar mais pormenores.

Embora o magistrado tenha feito depois «marcha atrás» e falado unicamente da solução química, a dúvida que as suas declarações tinham deixado planar deu um safanão na apatia da opinião pública e suscitou um debate cerrado sobre este problema. Ainda não foi efectuada qualquer sondagem, mas o «homem da rua» parece estar mais ofuscado pela liberdade de que o condenado beneficiaria do que pela castração química, uma pena que lhe parece relativamente benigna relativamente ao crime perpetrado.

Oposição geral

Mais radicais ainda alguns americanos pensam mesmo que só uma verdadeira castração poderá ter um efeito dissuasor.

Os criminólogos preocupam-se sobretudo com o precedente constituído pelas penas «com desconto» pronunciadas paralelamente à castração. Por seu turno, as feministas põem em causa, acima de tudo, o medicamento e as suas possibilidades «curativas», sublinhando que a violação é, antes do mais, um acto de violência e que a poção não suprimirá a agressividade.

«Esse medicamento trata os sintomas, não as suas causas», declara também um responsável da Associação dos Advogados Americanos, que, aprofundando o seu raciocínio, pergunta se esses homens não irão agora passar a um escalão superior e tornar-se assassinos, para descarregarem a sua violência.

Curiosamente, o doutor Fred Berlin, co-director do Centro Johns Hopkins, de Baltimore – o estabelecimento encarregado de «tratar» os condenados – também reconhece que essa droga não tem qualquer efeito sobre as pulsões violentas dos seus pacientes. «Um violador age porque não tem respeito pelos outros, e não há qualquer medicação que lhe possa dar esse respeito», explica o doutor Berlin.

«A única vantagem do Depo-Provera, acrescenta, é que suprime o apetite sexual, mostrando assim aos condenados uma modificação do seu comportamento que torna o tratamento psicoterápico mais fácil».

Negócio rejeitado

Por agora, só dois condenados aceitaram o «negócio» proposto pelos seus juízes e foram tratados ambos na Clínica Hopkins, ao lado de 423 voluntários que se submetem a trabalhos de investigação sobre a castração química.

Contudo, se casos deste género tenderem para se tornar uma regra, a execução da sentença ver-se-á confrontada com a resistência do corpo médico, e não será certamente muito fácil de aplicar. Com efeito, os médicos formulam grandes reservas a respeito de tais práticas, que também qualificam de «anticonstitucionais» e, sobretudo, de «contrárias à sua ética profissional».

Por seu lado, os primeiros interessados – os condenados – têm reacções muito diversas. Dos três violadores da Carolina do Sul a quem o juiz deu a escolher entre as duas opções, no mês passado, um deles reservou a sua resposta para mais tarde, e outro disse logo que preferia cumprir a pena de prisão até ao fim. Só o último declarou que estava pronto a aceitar a castração, mas recorreu da sentença.

«Estar isolado e nem mesmo poder continuar a contribuir para o mundo, seja de que maneira for, parece-me ser mais perigoso que submeter-me a uma castração e ter de enfrentar talvez alguns problemas psicológicos», explicou Roscoe James Brown, numa entrevista na Televisão.

Outro violador reincidente, Joseph Franck Smith, de 30 anos, que podia ser condenado à prisão perpétua, toma Depo-Provera desde Agosto e indicou, também numa entrevista televisiva, que está muito satisfeito com o tratamento.

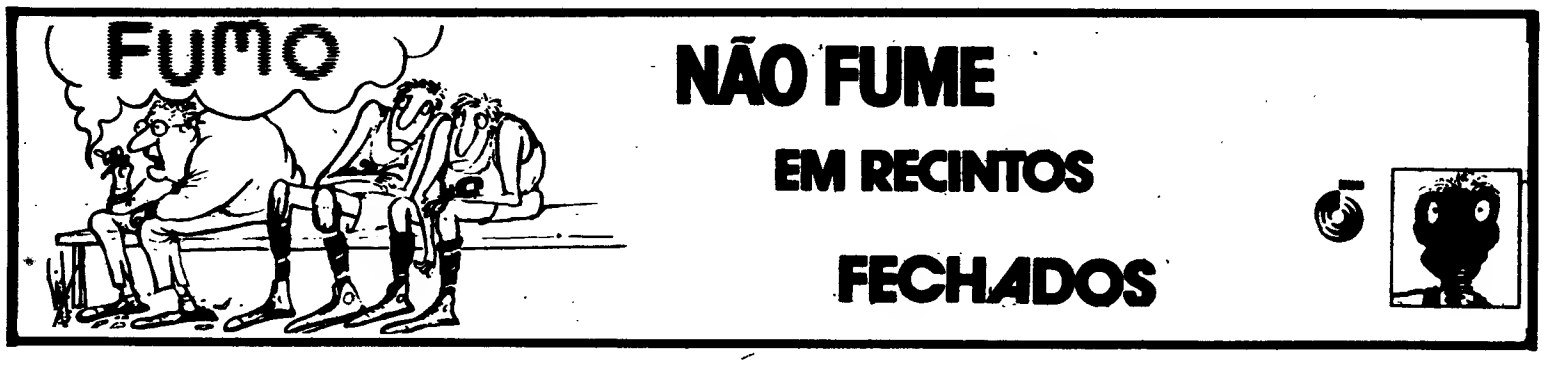
A sua boa vontade valeu-lhe estar livre e ter apenas de se apresentar regularmente, durante 10 anos, a um magistrado, e adverti-lo dos seus projectos de deslocação ou de viagem.

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

10

Continua



Notícias do cinema americano

Michael Cimino regressa Scorcese com problemas

O cineasta Michael Cimino, banido dos estúdios desde o malogro financeiro de «Heaven's Gate», vai finalmente sair do purgatório. A notícia, que circulava há vários meses, foi agora confirmada: Cimino dirigirá Dustin Hoffman em «The Yellow Jersey» (O Camisola Amarela), que terá como pano de fundo a volta à França em bicicleta.

Desconhece-se ainda se Hoffmann, que tinha triunfado o ano passado com «Tootsie», estará à frente do pelotão, mas a rodagem deve começar no próximo Verão, possivelmente em França.

Quanto a Clint Eastwood, regressou em força. O seu último filme, «Sudden Impact», quarto episódio da série dos «Dirty Harry», está a obter um enorme sucesso nos Estados Unidos, realizando mais de sete milhões de dólares no fim-de-semana a seguir à sua estreia.

É o primeiro filme da série que Eastwood, dirige, para além da interpretação · «Honky Tonk Man», o filme mais pessoal de Clint Eastwood, teve um acolhimento mediocre entre o público.

No que se refere aos prémios, o filme melodramático «Terms of Endearment», um dos grandes êxitos deste fim-de-ano, obteve quase todas as recompensas atribuídas pelos críticos de Los Angeles. Estes prémios são considerados como uma boa indicação do que poderão ser os óscares, que serão atribuídos na próxima Primavera.

«Terms of Endearment» ganhou nas seguintes categorias: melhor filme, melhor realizador para James Brooks (também melhor argumentista), melhor actriz para Shirley Maclaine e melhor segundo papel masculino para Jack Nicholson.

Por outro lado, os críticos designaram Robert Duval como o melhor actor pelo seu papel em «Tender Mercies», Linda Hunt como melhor actriz secundária pela sua interpretação em «O Ano de todos os Perigos». Finalmente, Sven Nykvist foi consagrado como o melhor operador pelo seu trabalho no filme de Igmar Bergman «Fanny e Alexandre».

Uma equipa que volta a reunir-se é a do filme «A Filha do Mineiro» («The Coal Miners Daughter»: o realizador Michael Apted e o argumentista Tommy Lee Jones vão rodar «Everybody's All-American», um filme que se passará nos meios do futebol americano.

Quanto ao filme fantástico, seria talvez mais simples fazer uma lista dos filmes que não são extraídos de um romance de Stephen King, especialista do género. Dois filmes adaptados de um dos seus livros acabam de estrear nos «écrans» americanos, «Dead Zone» e «Christine», nome de uma viatura com instintos assassinos.

A rodagem de «Firestarter» com George C.Scott e Louise Fletcher acabou agora e o produtor, Dino de Laurentis, está já a preparar toda uma série: citemos «The Cat», «Cycles of the Werwolf», que poderá ser dirigido por Werner Herzog «The General», e «Sometimes they Come Back». De facto, restam apenas dois romances de Stephen King, um escritor prolífico, cujos direitos ainda não foram adquiridos por Hollywood.

Martin Scorsese está com problemas para acabar o seu filme baseado no romance de Nikos Kasantzakis «The Last Temptation of Christ».

Os estúdios Paramount estariam dispostos a abandonar o navio, tendo então Scorsese que procurar dinheiro noutro sítio. Robert De Niro e Eric Roberts hipótese que Scorsese acabou por abandonar, preferindo um desconhecido, Aidan Quinn, o que terá explicado a reacção da Paramount. Meryl Streep, cujo filme «Silkwood» acaba de estrear nos EUA, declarou-se disposta a subir a um palco nova-iorquino no próximo ano, sem precisar em que peça.

«Silkwood», que marcava o regresso do Cineasta Mike Nichols após oito anos de ausência, foi acolhido pela crítica de maneira diversa. Baseado num «fait divers», o filme conta a história de Karen Silkwood (Meryl Streep), uma operária numa fábrica nuclear civil. Esta morre em 1974 em circunstâncias suspeitas, quando estaria prestes a entregar ao «New York Times» documentos comprometedores sobre as carências das medidas de segurança nesta fábrica.

Finalmente, o cineasta William Friedkin deve rodar na próxima Primavera «Sea Trial», que descreve as peregrinações angustiantes de um casal que alugou um veleiro no Mediterrâneo.

Um "golpe perfeito"

Tela de Picasso furtada em Nova Iorque

O roubo da tela «A Mulher» de Picasso, realizado em Nova Iorque em data ainda desconhecida, é considerado pelos especialistas como um «golpe perfeito», em condições de passar à história dos roubos célebres.

O quadro, propriedade do aristocrata espanhol marquês de Monreal, está avaliado num milhão de dólares, tendo sido roubado do apartamento que o seu proprietário possui em Manhattan.

O furto com efeito, só seria descoberto no passado dia 19 pela mulher de limpeza, que não comunicou de imediato o caso à Polícia, tendo aguardado até conseguir contactar com o proprietário. Desde que a informação chegou à Polícia, o sargento Donald Disken, da Brigada de Dectectives, visitou já por duas vezes o apartamento, mas não conseguiu encontrar respostas para várias interrogações fundamentais. Admitiu ainda que até agora, a Polícia nova-iorquina desconhece importantes pormenores do furto, não dispondo de pistas que conduzam aos seus autores.

A Polícia desconhece como é que os autores do roubo conseguiram chegar até ao apartamento, situado no edifício da Rua 57, um dos mais caros de Manhattan, que dispõe de cerca de 20 funcionários, entre pessoal da segurança e porteiros. Qualquer pessoa que pretenda entrar no edifício tem que passar por dois porteiros que só lhe facultam o acesso a algum apartamento depois de terem contactado previamente o inquilino.

A Polícia, para já, interroga o pessoal do edifício, mas até hoje não conseguiu apurar nada sobre a forma como os autores do roubo entraram.

Além desta interrogação sem resposta, a Polícia nova-iorquina desconhece também as ferramentas utilizadas pelos autores do roubo para abrirem um buraco na parede do apartamento a partir de uma dependência do edifício onde estão instalados controlos eléctricos. A este respeito, a Polícia interroga-se ainda sobre o facto de o ruído não ter sido detectado.

O que de imediato a Polícia soube, foi que os autores do roubo sabiam o que queriam, como disse o sargento Diskens, pois apesar de no apartamento se encontrarem outros objectos de grande valor, apenas se interessaram pelo quadro, que recortaram na moldura deixando esta pendurada na parede.

«A mulher» figura em poucos catálogos e existem poucas fotografias do quadro, pintado por Picasso em 1930.

Este é o segundo caso de roubo de quadros de Picasso com que a Polícia nova-iorquina tem de se defrontar no espaço de um mês.

O primeiro, de alguns desenhos do pintor espanhol, aconteceu há algumas semanas, e foi resolvido pela Polícia na sequência de um telefonema anónimo que indicou estarem as obras furtadas do Museu de Rochester, Nova Iorque, na Grand Central Station, a principal estação de caminhos -de-ferro da cidade.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A CINEMATECA PORTUGUESA e a FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN com o alto patrocínio da EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA apresentam

CICLO JOHN FORD

2.ª FASE: JANEIRO/FEVEREIRO DE 1984

Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian — Sala Dr. Félix Ribeiro da Cinemateca Portuguesa

CALENDÁRIO

JANEIRO DE 1984

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (Grande Auditório)

Dia 9, 2.ª-Feira, às 21h30 — THE GRAPES OF WRATH / 1940, c/ Henry Fonda, Jane Darwell, John Carradine

Dia 10, 3.ª-Feira, às 21h30 — THE LONG VOYAGE HOME / 1940 (Tormenta a Bordo), c/ Thomas Michell, John Wayne, Barry Fitzgerald

Dia 11, 4.ª-Feira, às 21h30 — SEX HYGIENE*** / 1941 e TOBACCO ROAD / 1941, c/ Charley Grapewin, Gene Tierney, Marjorie Rambeau, Dana Andrews

Dia 13, 6.ª-Feira, às 21h30 — HOW GREEN WAS MY VALLEY / 1941 (O Vale Era Verde), c/ Walter Pidgeon, Maureen O'Hara, Donald Crisp, Roddy McDowall

Dia 14, Sábado, às 15h30 — THE FUGITIVE / 1947 (O Fugitivo), c/ Henry Fonda, Dolores del Rio, Pedro Armendariz e MY DARLING CLEMENTINE / 1946 (A Paixão dos Fortes), c/ Henry Fonda, Linda Darnell, Victor Mature, Waltar Brennan

Dia 14, Sábado, às 21h30 — THE BATTLE OF MIDWAY*** / 1942, DECEMBER 7TH*** / 1943 e THEY WERE EXPENDABLE / 1945 (Homens para Queimar), c/ Robert Montgomery, John Wayne, Donna Reed — cópia legendada em Português

Dia 15, Domingo, às 15h30 — FORT APACHE / 1948 (Forte Apache), c/ John Wayne, Henry Fonda, Shirley Temple, George O'Brien, Victor McLaglen — cópia legendada em Português e THREE GODFATHERS / 1948 c/ John Wayne, Pedro Armendariz, Harry Carey, Jr.

Dia 15, Domingo, às 21h30 — SHE WORE A YELLOW RIBBON / 1949 (Os Dominadores), c/ John Wayne, Joanne Dru, Ben Johnson, Victor McLaglen, — cópia legendada em Francês

Dia 16, 2.ª-Feira, às 21h30 — WHEN WILLIE COMES MARCHING HOME / 1950 (O Azar dum Valente), c/ Dan Dailey, Corinne Calvet

Dia 17, 3.ª-Feira, às 21h30 — WAGON MASTER / 1950 (A Caravana Perdida), c/ Ben Johnson, Harry Carey, Jr., Joanne Dru

Dia 18, 4.ª-Feira, às 21h30 — RIO GRANDE / 1951 (Rio Grande), c/ John Wayne, Maureen O'Hara, Ben Johnson

Dia 20, 6.ª-Feira, às 21h30 — WHAT PRICE GLORY? / 1952 (O Preço da Glória), c/ James Cagney, Corinne Calvet, Dan Dailey

Dia 21, Sábado, às 15h30 — MOGANBO / 1953 (Mogambo), c/ Clark Gable, Ava Gardner, Grace Kelly e THE SUN SHINES BRIGHT / 1953 (O Sol Nasce para Todos), c/ Charles Winninger, Arleen Whelan, Stepin' Fetchit — cópia legendada em Francês

Dia 21, Sábado, às 21h30 — THE QUIET MAN / 1952 (O Homem Tranquilo), c/ John Wayne, Maureen O'Hara, Barry Fitzgerald, Victor McLaglen — cópia legendada em Espanhol

Dia 22, Domingo, às 15h30 — THE LONG GRAY LINE / 1955 (Uma Vida Inteira), c/ Tyrone Power, Maureen O'Hara, Donald Crisp

Dia 22, Domingo, às 21h30 — MISTER ROBERTS / 1956 (Mister Roberts), c/ Henry Fonda, James Cagney, Jack Lemmon

Dia 27, 6.ª-Feira, às 21h30 — THE SEARCHERS / 1956 (A Desaparecida), c/ John Wayne, Vera Miles, Jefrey Hunter, Natalie Wood

Dia 28, Sábado, às 15h30 — THE WINGS OF EAGLES / 1957 (A Águia Voa ao Sol), c/ John Wayne, Maureen O'Hara, Dan Dailey, Ward Bond e THE RISING OF THE MOON / 1957, c/ Noel Purcell, Cyril Cusak, Denis O'Dea

Dia 28, Sábado, às 21h30 — THE LAST HURRAH / 1958 (O Último Hurrah), c/ Spencer Tracy, Jeffrey Hunter, Dianne Foster

Dia 29, Domingo, às 15h30 — GIDEON OF SCOTLAND YARD / 1958 (Um Crime por Dia), c/ Jack Hawkins, Dianne Foster. Anna Massey e THE HORSE SOLDIERS / 1959 (Os Cavaleiros), c/ John Wayne, William Holden, Constance Towers

Dia 29, Domingo, às 21h30 — SERGEANT RUTLEDGE / 1960 (O Sargento Negro), c/ Woody Strode, Jeffrey Hunter, Constance Towers — cópia legendada em Português

Dia 30, 2.ª-Feira, às 21h30 — TWO RODE TOGETHER / 1961 (Terra Bruta), c/ James Stewart, Richard Widmark, Shiley Jones

Dia 31, 3.ª-Feira, às 21h30 — THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE / 1962 (O Homem que Matou Liberty Valance), c/ James Stewart, John Wayne, Vera Miles, Lee Marvin

FEVEREIRO DE 1984

Dia 1, 4.ª-Feira, às 21h30 — HOW THE WEST WAS WON / 1962 (A Conquista do Oeste), de John Ford, George Marshall e Henry Hathaway, c/ John Wayne, Carrol Baker (actores do episódio de Ford) — cópia legendada em Português

Dia 3, 6.ª-Feira, às 21h30 — DONOVAN'S REEF / 1963 (A Taberna do Irlandês), c/ John Wayne, Lee Marvin, Elizabeth Allen

Dia 4, Sábado, às 15h — CHESTY: A TRIBUTE TO A LEGEND*** / 1970, c/ John Wayne e CHEYENNE AUTUMN / 1964 (O Grande Combate), c/ Richard Widmark, Carrol Baker, James Stewart, Edward G. Robinson

Dia 4, Sábado, às 21h30 — DIRECTED BY JOHN FORD / 1971 — Um filme de Peter Bogdanovich e SEVEN WOMEN / 1966 (Sete Mulheres), c/ Anne Bancroft, Sue Lyon, Margaret Leighton, Anna Lee

JANEIRO DE 1984

CINEMATECA PORTUGUESA (Sala Dr. Félix Ribeiro)

Dia 16, 2.ª-Feira, às 18h — LIGHTNIN** / 1925, c/ Madge Bellamy, Edythe Chapman, J. Farrel McDonald

Dia 17, 3.ª-Feira, às 18h — KENTUCKY PRIDE* / 1925, c/ Henry B. Walthall, J. Farrell McDonald, Gertrude Astor

Dia 18, 4.ª-Feira, às 18h — THE SHAMROCK HANDICAP* / 1926, c/ Janet Gaynor, Leslie Fenton, J. Farrell McDonald

Dia 19, 5.ª-Feira, às 21h30 — RILEY THE COP* / 1928, c/ J. Farrell McDonald, Louise Fazenda e THE BRAT / 1931, c/ Sally O'Neil, Frank Albertson, Virginia Cherril

Dia 23, 2.ª-Feira, às 21h30 — ROOKIE OF THE YEAR** / 1955, c/ Pat Wayne, Vera Miles, Ward Bond e THE GROWLER STORY*** / 1957, c/ Ward Bond, Ken Curtis

Dia 24, 3.ª-Feira, às 21h30 — THE COLTER CRAVEN STORY** / 1960, c/ Ward Bond, Carleton Young, John Carradine, Anna Lee e FLASHING SPIKES** / 1962, c/ James Stewart, Jack Warden, Pat Wayne

— Os filmes que não têm indicação de legendagem são exibidos na versão original, sem legendas.
— Os filmes que não têm indicação do título em Português, são inéditos comercialmente no nosso país.
— Os filmes seguidos de um asterisco são **mudos.**
— Os filmes seguidos de dois asteriscos são obras originalmente realizadas para a **televisão.**
— Os filmes seguidos de três asteriscos são **documentários.**
— Programas sujeitos a alteração.
— Classificação dos espectáculos: Para maiores de 12 anos.
— A bilheteira da Fundação abre no dia 28 de Dezembro para venda avulso para todos os espectáculos e estará aberta todos os dias úteis das 13 às 20 horas e nos dias de espectáculo uma hora antes do início das sessões.
— A bilheteira da Cinemateca Portuguesa (Sala Dr. Félix Ribeiro) abre para venda ao público uma hora antes do início de cada espectáculo.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Festa maior

AGORA peço licença aos meus preclaros amigos para lhes não falar das misérias quotidianas da televisão — nem mesmo da TV nas vascas da agonia, quando a pobre Dina falava dos **afegãos** e dos «guerrilheiros da SWAPO que **luctam**...»

Há momentos em que, para cantar aleluias, importa não olhar para as solas dos sapatos nem reparar no hábito emprestado do vizinho. Assim aconteceu ontem, com aquilo que poderia ser uma noite de teatro normal, frequente às segundas-feiras, própria de uma televisão que tivesse em conta a proteína em vez da pastilha elástica.

«Olá e adeusinho» era o título da peça de Athol Fugard, dramaturgo da União Sul Africana, de quem Luís Miguel Cintra nos falou antes do espectáculo. Artista comprometido com a condição humana dos seus compatriotas, dos que habitam o seu lugar, importa marcar que «Olá e adeusinho» não se resume (embora fose já importante, se assim fosse) a ser uma obra à queima-roupa contra o «apartheid».

Não é, claro, uma obra fácil. Educar pela «porta larga», como diz um amigo meu, é a pior maneira de educar. Nesse erro tem insistido a RTP, quando se deixa ir a reboque da televisão comercial americana, responsável, na máxima medida, pelo embrutecimento do povo americano. A mediocridade é a margem do lucro mais desejada pelo poder medíocre, pois é a sua própria razão de ser e seu maior suporte.

O discurso alongado, aparentemente desconexo, como que perdida a noção das margens, possui a sua lógica interna que não constitui um dado adquirido, mas que se vai reconstituindo no fluir da nossa própria atenção. Algo semelhante a uma sinfonia em que o entrelaçamento dos discursos se torna luminoso à medida que vamos descobrindo as leis do seu universo. Em verdade, em verdade vos digo que nunca chegará a entender e amar os contos de **D. João,** de Mozart aquele que a todo o momento se viciar no Marco Paulo.

«Olá e adeusinho», quando digo que passa os limites daquele **apartheid,** quero significar que se refere a um território mais vasto. A peça de Fugard não denuncia apenas a destruição do humano no espaço limitado da África do Sul, denuncia-a em todos aqueles sítios onde essa destruição é uma rampa de lançamento do lucro.

Atenção, porém: Fugard não se fica por aí e dá um passo em frente: esclarece não apenas a destruição compulsiva do humano, mas, digamos assim, a sua assunção voluntária. Johny assume as muletas do pai, muito embora tenha as duas pernas intactas: a mutilação, aqui, foi mais fundo e mais longe, pois se instalou no interior da própria consciência. Já não é uma pessoa: é um reflexo em acção.

Na realidade, o poder doloso sabe que nenhuma mutilação lh e é útil, se não se registar a esse nível. Assim, utiliza todos os meios ao seu dispor para insinuar as muletas: a televisão, o cinema, os jornais, o medo, o tipo de relações no trabalho e na vida quotidiana, na escola, no seio da família, etc., etc.

O tema de Fugard desenrolou-se num ritmo impressionante, através de uma teia complexa que lentamente se apodera de nós, num produto dos mais conseguidos na história de toda a televisão portuguesa.

Antes de mais, dois grandes actores: Luís Miguel Cintra e Zita Duarte. A consciência do próprio teatro em acção, a procura do gesto exacto, da entoação rigorosa, do significado concebido na máxima amplitude. Para o espectador, quando o texto se aprofundava e a respiração se perdia no mergulho, ainda ficava o pasmo por tanto virtuosismo, por tanta ciência. Como quando, perante o grande pianista, o grande violinista, muitas vezes o sentido do fogo como que se deixa vencer pelo seu espectáculo, sendo no entanto inseparável dele.

Depois, aquela realização de Jaime Campos toda concebida para servir sempre e não se servir nunca. Mais do que uma realização: uma ascese. Nem uma vírgula a mais, nem uma vírgula a menos. Não há um movimento descuidado, não há um milímetro de espaço inculto. As câmaras, os actores, o envolvimento constituíram um corpo único. «Olá e adeusinho» foi uma autêntica tese de dourotamento defendida com o maior êxito. As palavras que Luís Miguel Cintra dedicou ao realizador e aos operadores são inteiramente merecidas.

Chagados aqui, o silêncio. Não falemos, caríssimos, do muito que a RTP podia fazer e não faz. Claro que temos excelentes actores, excelentes realizadores, excelentes técnicos — tão bons, tão, tão, que até conseguem superar os meios pobres que têm ao seu alcance e as deficientes condições de trabalho.

O teatro é vínculo educativo essencial. Assistido por milhões de espectadores, é imensa a sua rendibilidade quando transmitido pela TV. No entanto, a RTP praticamente aboliu o teatro das suas funções normais. Quando há teatro, é como se fosse festa. Tal como para os pobres, quando há pão...

Mas não falemos agora nisso. Ofereço o meu silêncio aos responsáveis lúcidos da RTP.

Hoje

Em Grande Reportagem, na RTP-1, poderemos ver um documentário sobre a ilha do Corvo, nos Açores

15.45 **Sessão da Tarde** » «Caravana para Vaccarès». Intérpretes: Charlotte Rampling, David Birney, Michael Lonsdale, Marcel Bozzufi, Michael Bryant, Manitas de Plata e Serge Marquand.
17.25 **100 Grandes Quadros** – «Ondas de Matsushima»
17.30 **Os Grandes Clássicos** – «Quebra-Nozes». Bailado por Claudette Sconarnec e Jean Quizerik.
18.00 **Sumário**
18.05 **Janela Mágica** – «O Esquadrão das Estrelas» e «Cláudio e Carolina».
19.00 **Tele-regiões**
19.30 **Artistas Portugueses** – Júlio Pomar, sabedoria do ver e do fazer.
20.00 **Telejornal**
20.30 **Direito de Antena** – Associação Portuguesa de Economistas.
20.30 **Telenovela** – «Pai Herói».
21.20 **«Das 9 às 5»**
21.45 **Grande Reportagem** – Açores, ilha do Corvo.
22.40 **Últimas Notícias**

RTP 2

Na RTP-2 exibe-se mais um episódio da série «A Família Bellamy»

19.32 **Desenhos Animados**
20.00 **Telejornal**
20.30 **Um Toque... de Música** – conjunto «Táxi».
20.55 **Os Açores e o Património** – Palácio Jácome Correia (III parte).
21.15 **«A Família Bellamy»** – realização: Christopher Hodson.
22.15 **Telenovela** – «Gabriela».
22.50 **Último Jornal**

Amanhã

RTP 1 RTP 2

12.00: Meio-Dia; **13.00**: Jornal da Tarde; **13.30**: Divulgação – actas cinematográficas; **14.00**: Série Musical – Rockline; **15.00**: Série Filmada – «E Não se Pode Exterminá-lo?»; **15.50**: Sessão da Tarde – com o filme «Tormenta ao Sol»; **17.00**: 100 Grandes Quadros; **17.10**: Bailado – «Silfide»; **18.00**: Sumário; **18.10**: Janela Mágica; **19.00**: Tele-regiões; **19.30**: Música – Três Tons; **19.50**: Vamos Jogar no Totobola; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Tempo de Antena – PCP; **21.00**: «Pai Herói»; **21.25**: Cinema Lumiar – com o filme «Há Falta de Homens»; **23.15**: Últimas Notícias.

19.30: Desenhos Animados; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Adégio; **21.00**: Estúdio Aberto; **21.30**: Século XX – Vietname; **22.30**: «Gabriela»; **23.00**: Último Jornal.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no processo de Afastamento da Presunção da Paternidade, pendente nesta Conservatória, em que é requerente Maria Paula Costa Almeida e Silva Gomes de Amorim, casada, moradora na Ladeira, Pindelo, Oliveira de Azeméis, e requerido LUÍS DE ALMEIDA GOMES DE AMORIM, casado, residente em parte incerta no Brasil, com última residência na Avenida de Roma, 23-1.º, esquerdo, em Lisboa, é este citado para, no prazo de OITO DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, deduzir oposição, nos termos do artigo 333.º do Código do Registo Civil, quer ao pedido de declaração de que André Gustavo de Almeida e Silva não beneficiou de posse de estado de filho, relativamente à requerente e ao requerido, quer ao pedido de concessão de benefício de assistência judiciária, formulados por aquela, pelos fundamentos constantes do duplicado da petição inicial do dito processo.

Oliveira de Azeméis, 12 de Dezembro de 1983.

O Conservador do Registo Civil,
MARIA HELENA DE ALMEIDA PINHO CASTELO BRANCO
O Secretário,
MARIA MADADLENA FRANÇA BASTOS

NO **REVEILLON** ALTIS

DOIS AMBIENTES À ESCOLHA PARA A SUA PASSAGEM DE ANO

GRILL D. FERNANDO SALA GIRASSOL

HERMAN JOSÉ E SIMONE DE OLIVEIRA

A grande artista de
TEATRO E DA CANÇÃO

Artista
CONSAGRADO

Fadista
MARINA ROSA

Ao órgão **MÁRIO SIMÕES** E JOSÉ CUSTÓDIO

CONJUNTO PENTAGRAMA

Faça já a sua reserva — tels: **53 44 96 – 56 24 91 – 53 66 15 – 55 41 18**

HOTEL ALTIS RUA CASTILHO, 11

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua

PREVENÇÃO RODOVIARIA PORTUGUESA

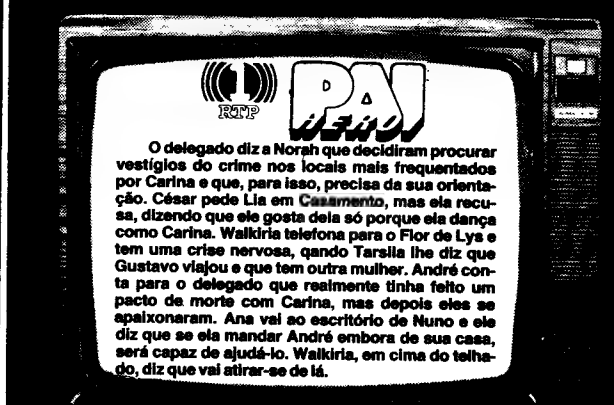
NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1 **Grande Reportagem (21.45)**

RTP 2 **«A Família Bellamy» (21.15)**



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Bailado

A Companhia Nacional de Bailado apresenta, no São Luiz, hoje as 18.30, nos dias 29 e 31, à mesma hora, e nos dias 28 e 30, às 21.30, o seu programa de Natal, constituído por «Paquita» (Petipa-/Minkus). «Variações Nostálgicas» (Armando Jorge-/Rachmaninoff) e «Baile dos Cadetes» (Lichine/J. Strauss). Duas estrelas do Bolchoi, Natália Arkipova e Leonide Nokonov interpretam os papéis principais de «Paquita» e o «pas-de-deux» de «Quebra-Nozes» (Petipa-/Thaikovsky).

Música

Realiza-se, amanhã, às 21 horas e 30, na Casa da Cultura das Caldas da Rainha, um concerto pelo grupo «Opus Ensemble», constituído por Anabela Chaves (viola), Olga Prats (piano), Bruno Pizzamiglio (oboé) e Alejandro Erlich-Oliva (contrabaixo).

Unanimemente elogiado pela crítica especializada, o «Opus Ensemble» é considerado um dos mais interessantes agrupamentos surgidos ultimamente no panorama musical português. Com uma formação instrumental pouco usual (oboé, viola, piano e contrabaixo), o conjunto abrange a cobertura de possibilidades estilísticas altamente diversificadas. Por meio de uma constante e rigorosa pesquisa musicológica, o «Opus Ensemble» contacta um amplo reportório original proveniente de diferentes épocas do pensamento musical, desde o século XVIII até aos nossos dias. Os quatro instrumentistas que o constituem são detentores de brilhantes currículos dentro e fora dos seus países de origen.

Desde a sua constituição, em 1980, o «Opus Ensemble» tem vindo a realizar estreias mundiais de obras especialmente dedicadas ao conjunto pelos compositores portugueses Constança Capdeville, Álvaro Salazar e Fernando Lopes-Graça, pelo compositor argentino José Luís Castiñeira de Dios, e pelo compositor italiano Guido Donati. Proximamente, o «Opus Ensemble» estreará obras compostas por José Luís Turina (Espanha), Vasco Martins (Cabo Verde) e Gerardo Gandini (Argentina) também dedicadas ao agrupamento.

No decorrer do ano de 1982, o conjunto começou a sua actividade discográfica, na qualidade de artista exclusivo EMI (His Master's Voice). O seu primeiro disco, editado em Portugal, em 1982, é posto à venda nos EUA, no ano seguinte, obteve enorme sucesso junto do público e da Imprensa especializada, tendo sido galardoado com o Prémio da Crítica 1982.

Para além dos bem sucedidos concertos em Portugal, o «Opus Ensemble» tem vindo a realizar uma crescente actividade internacional que, nomeadamente, inclui apresentações em Paris (Salle Debussy-Pleyel), Washington (Wolf Trap Festival), Boston (Isabella Gardner Museum), Newport (Belcourt Castle) e New York (Carnegie Recital Hall).

O «Opus Ensemble» realiza amanhã um concerto, nas Caldas da Rainha

Exposições

Uma exposição denominada «O Natal Entre Nós» está patente ao público no Mercado Ferreira Borges, no Porto, onde permanecerá até princípios de Janeiro.

O certame integra desenhos, colagens e outros trabalhos feitos por crianças de todos os graus de ensino das várias escolas da cidade.

Todos os trabalhos expostos incluem textos ou legendas onde as crianças resumem e descrevem o seu ponto de vista acerca do Natal em suas casas ou como gostariam que o Natal fosse.

O tema «Natal» proporciona, a todos os níveis e em todo o Mundo cristão, e até não-cristão, os mais variados movimentos culturais. Desde as épocas mais remotas do Cristianismo que assim é e, para não irmos mais longe, basta-nos lembrar o 1.º Presépio, original de Francisco de Assis, no humilde Convento da Úmbria.

De todos os temas ligados à religião cristã, é a Natividade, talvez, o mais usado pelos artistas, tanto da palavra como da pena, da paleta, do cinzel e do barro. Porque a mensagem que o nascimento de Jesus nos oferece é de paz, de concórdia, não pode ser ignorada, nem sequer pelos indiferentes ou ateus. E, na verdade, não o é, pois a «paz na Terra aos homens de boa vontade» estende-se a todos, sem distinções de qualquer espécie. Daí, artistas de todas as crenças e latitudes se debruçarem sobre a pequena gruta de Belém e dela tirarem inspiração para obras admiráveis ou, simplesmente, tocantes, mas sempre fruto de um sentir virado para a perfeita união entre os homens.

Nesta quadra, e dentro deste espírito, quis a Associação de Artesãos de Caldas da Rainha prestar homenagem ao Presépio português, de tão bela e antiga tradição, e a Machado de Castro, o seu maior cultor, com uma mostra de obras representando a Natividade, saídas das mãos e poder criativo dos artesãos caldenses. Sob a égide da Comissão Municipal de Turismo, o certame está patente no Posto de Turismo e pode ser visitado todos os dias, das 9 às 19 horas, até ao próximo dia 8 de Janeiro.

rádio

ANTENA UM

16.00: Batida de Limão; 17.00: Zghibz; 18.30; Informativo de Trânsito; **19.00:** Informação e música; **20.00:** Folhetim; – O Espaço é seu; **21.00:** A Voz da solidariedade; **21.30:** Viva a noite – Às 3.ªs feiras da Antena Um; **23.30:** ÚLTIMO JORNAL. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

PROGRAMA 2

15.00: Música sinfónica; **16.30:** Música de cravo; **17.00:** Grandes intérpretes; **18.05:** Culturando; **19.30:** Música em diálogo; **20.10** Música de câmara; **21.00:** Ciclos de história; **21.40:** Música de câmara; **22.25:** O gosto pela música; **22.55:** Ciclo Wagner; **01.00:** Fecho. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397 m)

14.00: Matinée; **17.00:** Rápido das cinco; **19.00:** Conta corrente; **20.30:** Quando o telefone toca (3 edições); **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Programas religiosos; **22.30:** 24.ª hora; **01.00:** O passageiro da note. Noticiário de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00:** O som da frente; **18.00: Círculo em FM; 19.00:** Em órbitra; **20.00:** Cinco estrelas; **21.00:** Jazzofone; **22.00:** Café concerto; **00.00:** Dois pontos. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

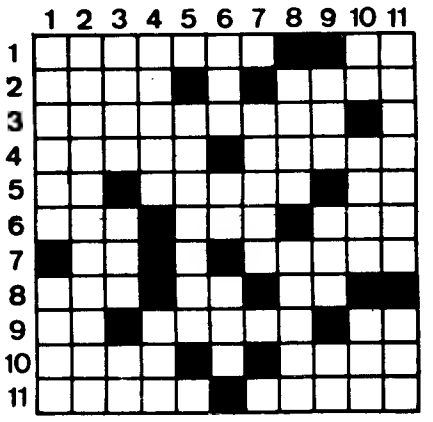
15.00: Clube da casa; **18.00:** Jornal das Regiões; **18.30:** Transissão do Terço; **19.00:** Programa da LAR; **19.50:** Bola Branca (2.ª edição); **20.00:** Horizonte; **21.00:** Hora de música; **22.00:** Ouvir e pensar; **22.30:** Máquinas ao vivo; **23.00:** Última hora; **23.55:** Meditando. Noticiários intercalares todas as horas.

REDE SUL DE FM

«..)): Duas vezes seis; **21.30:** Quando o telefone toca; **22.00:** Pentagrama.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 918



HORIZONTAIS:

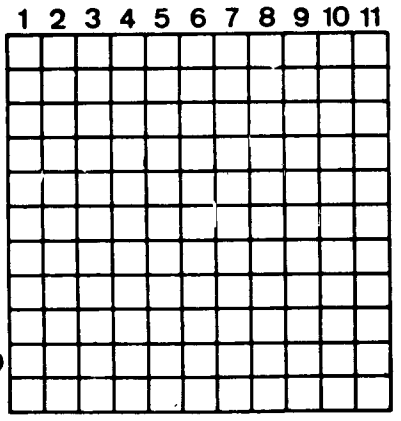
1 Rapariguita. Crómio (sq).
2 Chuva. Conjunção. Oportunidade.
3 Que cantam.
4 Inflamar. Duração ordinária da vida.
5 Concede. Grande sábio. Porco (inv.).
6 Organização das Nações Unidas. Cidade da Ucrânia. Vai para fora.
7 Hectograma. Ave trepadora.
8 Pequeno símio do Brasil. Basta. O sono das crianças.
9 Preposição latina que designa movimento. Inventam. Samário (sq).
10 Doméstica. Artigo definido. Tecido forte de linho ou algodão.
11 Restos mortais. Ser humano.

VERTICAIS:

1 Apanhado na caça. Rio de Setúbal.
2 Arranhados.
3 Lago da Suíça. Avante! Manuscrito.
4 Mordiscas. Freguesia do concelho de Esposende.
5 Insecto da ordem dos dípteros.
6 Unidade monetária do Japão. Bário (sq.). Ensejo.
7 Mitra de pontífice.
8 Terror. Desfalque.
9 Pega. Sadio. Unidade monetária da Alemanha.
10 Crómio (s.q.). Fazer doação. Feche as asas para descer mais depressa.
11 Enviava. Três mil em romano.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9770



HORIZONTAIS:

1 Dançar o samba. Queima.
2 Lavrais. Atraiçoas.
3 Definhas. Escavas.
4 Terreiros em frente ou em volta das igrejas. Apelido.
5 Autores. Estimadas.
6 Figura que simboliza o povo americano. Lavras.
7 Rádio (sq). Seguia.
8 Acariciaram. Boro (sq).
9 Tempo do verbo seguir. Combina.
10 Prefixo de negação. Vê. Unhas.
11 Atarias. Artigo definido.

VERTICAIS:

1 Caruma. República federativa e o maior Estado da América meridional.
2 Estéril. Apura.
3 Bates com o marrão. Prata (sq).
4 Bocado, porção que se mete na boca. Colarinho.
5 Pegas. Dá mios. Espera resposta.
6 Arara.
7 Magnete natural. Trono imperial da Etiópia.
8 Anel. Clima. Dás mios.
9 Balcões. Clima.
10 Fecharas as asas para descer mais depressa. Letra grega.
11 Cidade de Itália. Esmurras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 917

HORIZONTAIS:

1 Gatas. Âmago.
2 Avis. Quem.
3 Rios. Lena.
4 Rã. Avelã. Or.
5 Ás. Cl. Divã.
6 Casara.
7 Frases. DC.
8 If. Caã.
9 Ni. ANTES. DC.
10 Tormenta. EU.
11 Asi Tamisa.

VERTICAIS:

1 Garra. MINTA.
2 Avia. Fios.
3 Tio. Cf. Ri.
4 Assacariam.
5 Visa. Ne.
6 QUE. AS. TNT.
7 Au Remeta.
8 Meladas. Sam.
9 Ame
10 NOVIDADES.
11 Ocara. Caçuã.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9769

HORIZONTAIS:

1 SC. Casto. SM.
2 Eis. Traição.
3 Saio. Sitiar.
4 Tropa. Por.
5 Essa. Cui.
6 Coras. Tui.
7 Eiras. Al.
8 Cr. Chiara.
9 Voais. Res.
10 Ar. Orçaram.
11 Soasse. Amas.

VERTICAIS:

1 Sesta. Elvas.
2 Ciar. Cl. Oro.
3 Sio. Orça.
4 Operários.
5 At. Asas. Srs.
6 Srs. SS. Ce.
7 Taipa. Hiá.
8 Oito. Tai. Rã.
9 Circularam.
10 Saá. Ui! Rema.
11 Morai. Mas.

PROVÉRBIO: Antes eu minta que as novidades.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	100$20	106$20
ALEMANHA FED (marco)	47$50	48$60
ÁUSTRIA (xelim)	6$65	6$85
BÉLGICA (franco)	2$160	2$360
BRASIL (cruzeiro)	$060	$110
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	105$20	107$20
(notas de 5 a 1000)	105$70	107$70
DINAMARCA (coroa)	13$10	13$50
ESPANHA (peseta)	$791	$911
EUA (dólar –notas de 1 as 2)	131$20	133$20
(notas de 5 a 1000)	131$70	133$70
FINLÂNDIA (marka)	22$30	22$90
FRANÇA (franco)	15$50	16$20
HOLANDA (florim)	42$20	43$20
INGLATERRA (libra)	188$35	192$35
IRLANDA (libra)	147$95	151$95
ITÁLIA (lira)	$071	$081
JAPÃO (iene)	$533	$568
NORUEGA (coroa)	16$85	17$35
SUÉCIA (coroa)	16$25	16$85
SUÍÇA (franco)	59$60	60$70
VENEZUELA (bolívar)	8$00	9$00

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
O REGRESSO DA 7.ª COMPANHIA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 6 a.
FLASHDANCE
7.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 4 a.
O SUPER-RATO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
MALANDRICES CASEIRAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30 – Para Todos
O KRULL
Às 24
OS BOINAS VERDES

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24
MORTE AO SOL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O GRANDE DESAFIO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
O HOMEM DE RIO NEVADO

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
McQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Bilhetes à venda para a noite de 31/12
Revellion 83/84

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
74.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a.
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
O HOMEM DO RIO NEVADO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
KRULL

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
CLASSE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CAMPEÕES DO RING
Às 24
FORÇA DE INTERVENÇÃO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
O MISTÉRIO DA ILHA DOS MONSTROS

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– M. 12 a.
007, MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
CLASS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
BONDITIS, AGENTE SECRETO...

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 16 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS

Uma cena de «Guerra Conjugal» realizado por Joaquim Pedro de Andrade em exibição no Quarteto e Xenon.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 18 a.
OS VIAJANTES DA NOITE
de Amos Poe
Às 23.30 – M. 18 a.
EM NOME DO POVO ITALIANO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30 – M. 18 a.
O NEVOEIRO

SALA 3
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 23.30 – M. 18 a.
Rumos do Cinema
O FURACÃO

SALA 4
Às 14.15, 16, 18, 20 e 22
– M. 16 a.
GUERRA CONJUGAL
Às 23.30 – M. 18 a.
REBECA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
c/ Terence Hill e Bud Spencer

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. mén. 13 a.
CHAMAVAM-LHE GÉNIO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

SALA 3

Às 14.45, 18.15 e 21.15
– M. 6 a.
OS SAPATOS VERMELHOS

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS

7.ª ARTE 730715

Linha de Sintra

Av. República, a Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
– M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– M. 6 a.
KRULL

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
GUERRA CONJUGAL
Às 23.45
O HOMEM DE HOLLYWOOD

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 – «Os Supergénios», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
APOLO 70 – «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE – «O Pequeno Loerd», às 21.15 (13 anos)
MUNDIAL – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «As Devassas de Pigalle», sessões permanentes (18 anos)
PARIS – «A Fuga do Caça Soviético», às 21.30 (16 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Querido Fantoche», às 21.15 (6 anos)
PROMOTORA – «As Bonecas da Califórnia», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «As Deportadas do Campo Nazi», às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «Guerra Aberta», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «A Balada da Casa das Gatas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — Cine Plaza — «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA — Lido — «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «O dia da cobra», às 21.30 (18 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «O Filho do Dragão», às 21.30 (13 anos)
ERICEIRA — Cinestúdio — «Asas da noite», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «O Cowboy da meia-noite», às 21.15 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «Malícia», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS — Oeiras-cine — «A Marca dos Gigantes», às 21.15 (18 anos)
PAREDE — Royal-cine — «A Tempestade», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL — Cinelândia — «Fronteira da vergonha», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS — Impala — «Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS — Oxford — «A Luta pela Liberdade», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Victor, Victória, às 21.15 (13 anos)
ALMADA — Academia — «A Escolha de Sofia», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «O Implacável», às 21.15 (13 anos)
ALMADA — Cine-Estúdio — «Loucamente Apaixonado», às 21.30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA — Silcine — «Tootsie», às 21.30 (13 anos)

Porto

RAIONE – «O Sobe e Desce», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «O Archeiro de Fogo», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «5 Dias num Verão», às 21.45 (13 anos)
ÁGUIA – «O Super-Rato», às 21.30 (6 anos)
BATALHA – «Espiões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
BEBÉ – «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)
TERÇO – «Passagem do Condor», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Os Repetentes em Férias», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Os 101 Dalmatas», às 21.30 (6 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «O Arco e a Flecha», às 21.30 (6 anos)
LUMIERE-A – «Octopussy», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)
FOCO – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AL. D. AFONSO HENRIQUES – Esperança – Rua Carlos Mardel, 101 B (Tel. 882668); **ALCÂNTARA – Bairrão** – Rua Prior do Crato, 27 (Tel. 661321); **ANJOS (AO CINEMA ROXY) – Guerra** – Rua Andrade, 32-36 (Tel. 845513); **AV. ROMA (B.º S. MIGUEL) – São Miguel** – Pc. Francisco Morais, 1 (Tel 771469); **BAIXA – A. Morão, Lda** – Rua Assunção, 17-19 (Tel. 321289); **ENC. RESTELO – ESCOLA P. VICENTE – Belém** – Rua Tristão Vaz, 10-A (Tel. 612248); **ENCARNAÇÃO – Zira** – Pc das Casas Novas, Lt. 66 (Tel. 311216); **ESTADOS UNIDOS – Gasparinho** – Rua Dr. Gama Barros, 54 A (Tel. 890465); **GALINHEIRAS – CHARNECA – LUMIAR – São Bartolomeu** – Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790969); **LAPA – Central da Lapa** – Rua dos Navegantes, 10 (Te. 661734); **LUZ – 2.º CIRCULAR – J. Ribeiro** – Est. da Luz 199 A (Tel. 780969); **PICHELEIRA – Marluz** – Cç. Picheleira, 140 BC – Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **SÃO SEBASTIÃO – Sagres** – Av. Luís Bívar, 69-71 (Tel. 547213); **ALGÉS – Cabrita** – Parq. Residencial – Miraflores, Lt. 12 (Tel. 2101486); **ODIVELAS – Nabais Vicente** – Rua A Lt. 19 A, Loja – Urb. Codivel (Tel. 9816803); **PONTINHA – Curz Correia** – Est. Santo Elói, 41 A (Tel. 992453).

REFORÇO

ALFAMA – Arnall – Rua Escolas Gerais, 88 A; **ALTO SANTO AMARO – RIO SECO – Dilema** – Rua ALiança Operária, 49 AB (Tel. 636620); **ALVALADE – Sanex** – Av. da Igreja 31 C (Tel. 897505); **ARCO CEGO – Providência** – Rua D. Filipa Vilhena, 9C (Tel. 770324); **BENFICA – PORTAS BENFICA – Benfica** – Est. Benfica, 678 E (Tel. 702532); **CAMPO DE OURIQUE – Almeida** – Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726); **CORTES – R. NOVA PIEDADE – Confiança** – Pc das Flores, 59-60 (Tel. 670401); **LUMIAR – Nicolau** – Cç. Carriche, Lt. 4 Loja Esq. (Tel. 798727); **MADRE DEUS – Madre de Deus** – Rua da Margem, 15 B (Tel. 382470); **MARQUÊS DE POMBAL – Branco** – Av. Duque de Loulé, 61-65 (Tel. 545048); **PENHA FRANÇA – Carrondo** – Rua Padre Sena Freitas 10 A (Tel. 842518); **BRANDOA – Correia** – Est. Principal, Lt. 172 (Tel. 993148); **BURACA – Vaz Martins** – Rua António Ferro, 6-A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO – Nova** – Rua Açores, 11 A (Tel. 910305); **PRIOR VELHO – Matos** – Tr. Prioras, 2519939).

teatros

Lisboa

MARIA MATOS – «Annie», às 21 00 (6 anos)
COLISEU – O Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
ABC – «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel» às 21.30 (13 anos)
VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (12 anos)
MARIA VITÓRIA – «Quem Me Acaba o Resto!?», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
D. MARIA II – «Longa Viagem para a Noite», às 21.15 (12 anos)

Porto

COLISEU – Festival de Circo, às 21.30 (6 anos)
PALÁCIO DE CRISTAL – Circo Hamar, às 21.30 (6 anos)
CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP – «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Ao que Nós Chegámos», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Central – Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 932210). Permanente. **Melo** – P. D. João I, 9-B (T. 932756). Até às 22 horas. **DAMAIA – D. João V** – Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas. **QUELUZ – André** – Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas. **CACÉM – Rodrigues Garcia** – Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D (T. 9243693). Permanente. **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Est. Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente. **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas. **RIO DE MOURO – Riomouro** – Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas. **SINTRA – Gomes da Silva** – L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente. **COLARES – Abreja** – (T. 9290088).
CAMARATE – Batalha – R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas
MOSCAVIDE – Império – R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente. **SACAVÉM – Soares** – R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas. **LOURES – Saraiva** – Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

Outra banda

ALMADA – Galeno – R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Até às 22 horas. **COVA DA PIEDADE – Morgado** – R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente. **LARANJEIRO – Oliveira Sérgio** – R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas. **COSTA DE CAPARICA – Higiénica** – Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 22 horas. **SESIMBRA – Lopes** – R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). **BARREIRO – Central** – Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente. **AMORA – Nobre Guerreiro** – R. dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2216355). Até às 22 horas. **SEIXAL – Godinho** – L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas. **MONTIJO – S. Pedro** – Av. Camões, 16 (T. 2311133). **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (T. 239029). **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). **SETÚBAL – Lisboa** – R. dr. Paulo Borba – Permanente. **Cunha Pinheiro** – Est. Canarinha, 32 – Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duarte, Lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas. **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363) Até às 22 horas. **PORTO-SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Reb.º (T. 2421015). Até às 22 horas. **CARCAVELOS – Vilar** – Av. M. Conceição, Lote 8 (T. 2470777). Permanente. **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas. **MALVEIRA DA' SERRA – Luz** Até às 22 horas. **PAÇO DE ARCOS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente. **OEIRAS – Central** – R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas. **PAREDE – Mendes Junqueiro** – R. de Luanda, Lote 5 (T. 2477838). Permanente. **SASSOEIROS – Amaral Sembiano** – Qt.ª das Encostas – Até às 22 horas. **MADORNA – Madeira** – Até às 22 horas. **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. Maria – Carlos Anj. (T. 2682313) Até às 22 horas. **MONTE ESTORIL – Suíça** – Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas. **CASCAIS – Cascais** – R. Conde Monte Real – B.º Caixas (T. 282407) Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

VASQUES, R. das Condominhas, 794; **FÁTIMA**, R. de Oliveira Monteiro, 475; **CONTUMIL**, R. de Contumil, 540; **ALIANÇA**, R. da Conceição, 2. **BARROSA**, R. do Loureiro, 104.

DE DIA E TODA A NOITE

SÁ DA BANDEIRA, R. Sá da Bandeira, 236; **CANAVARRO**, R. da Restauração, 53; **ANTERO DE QUENTAL**, R. Antero de Quental, 520; **VAZ TEIXEIRA**, R. do Heroísmo, 56; **PRELADA**, R. Central de Francos, 316.

Coimbra

SÃO JOSÉ, Arcos do Jardim (T. 24697); **ROCHA**, R. do Brasil (T. 71526).

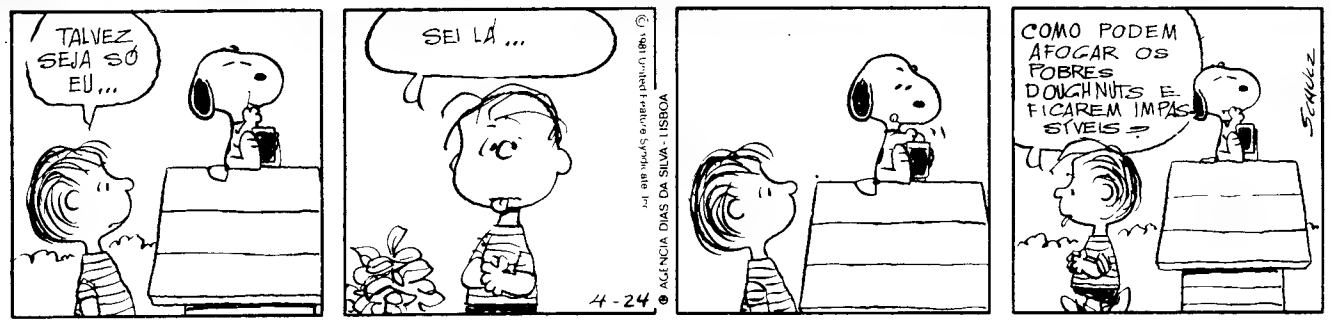
PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

8 58	3,8 m	2.21	1,7 m
21 45	3,5 m	15.15	1,5 m

Dia 28

10.11	3,7 m	3 38	1,7 m
22.55	3,6 m	16.26	1,5 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	7º
BRAGANÇA	5º
VILA REAL	6º
PORTO	13º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	12º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	12º
ÉVORA	11º
BEJA	9º
FARO	13º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	18º

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu limpo ou pouconubiado. Vento fraco soprando moderado de leste nas regiões do sul. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nas regiões do nordeste.

últimas

CERCA DE 1500 MULHERES da RFA, maltratadas pelos maridos, e três mil crianças que as acompanharam, passaram o Natal em albergues de feministas que as acolheram e apoiaram. Na RFA há três milhões de mulheres que são, diariamente, espancadas pelos maridos. Neste Natal «não ficou uma única cama livre» nos 150 albergues do país para mulheres e crianças maltratadas – revelou Paula Maeder, presidente de uma organização feminista.

UM DEFICIENTE FÍSICO sul-africano enganou as companhias de seguros inglesas durante 20 anos. George Frederick Benjamin, deficiente físico de nascença, recebeu cerca de 130 mil dólares dos Seguros por se segurar em companhias às quais recorria posteriormente por correio, dizendo que fora vítima de horríveis acidentes na África do Sul. Acompanhava as suas declarações com certificados médicos e recortes de jornais que noticiavam os falsos acidentes. O logro nunca foi descoberto até que Benjamin foi preso por roubo num grande armazém londrino e concenado a dois anos de prisão por burla. À data da prisão era proprietário de uma casa avaliada em 150 mil dólares e um carro de luxo.

VESTIR À MODA SEM PAGAR terá sido a motivação principal dos indivíduos que esta noite entraram por arrombamento no estabelecimento «Modas Ferlui» situado na Rua Campo de Ourique em Lisboa. Escolhidos com apurado critério, blusões, saias, casacos de cabedal e fazenda, foram levados sem passar pela caixa que deixou de registar o respectivo valor: 500 contos.

MORTO HÁ VÁRIOS DIAS até que os vizinhos estranhando o aparente desaparecimento alertaram as autoridades policiais. Aberta a porta após as formalidades legais o corpo de António Cardoso, de 53 anos, que vivia sozinho na Pontinha, periferia de Lisboa, estava já em adiantado estado de decomposição, facto que impediu apurar a causa da morte. Foi já removido para o Instituto de Medicina Legal onde a autópsia poderá orientar as futuras investigações e esclarecer da eventual existência de crime.

APÓS ACESA DISCUSSÃO com Henrique José Marques Vieira, junto da residência deste, na Rua de Viterbo de Campos, em Gaia, o serralheiro José Maria Fernandes Pereira, de 31 anos, da Rua da Marinha, 382, na Madalena, foi atingido com uma facada na barriga, a qual motivou a sua condução ao hospital de Santo António, onde foi sujeito a uma intervenção cirúrgica, encontrando-se livre de perigo. O agressor e a participação da ocorrência, elaborada pela 10.ª esquadra da PSP, vai agora seguir os seus trâmites até chegar ao tribunal da comarca.

Morte sentida em todos os quadrantes

Funeral de Miró adiado por dificuldades burocráticas

O funeral do pintor espanhol Joan Miró, falecido no passado domingo em Palma de Maiorca, foi adiado para quinta-feira, devido a dificuldades burocráticas que a família está a enfrentar para transladar o corpo do catalão para Barcelona, onde pretendia ser enterrado.

O corpo de Joan Miró, que repousa actualmente em câmara- ardente no cemitério de Palma, será embalsamado e depois transportado de avião para Barcelona, cidade natal do pintor, sendo depois enterrado no cemitério de Montjuich, junto a seus pais.

Javier Solana, ministro espanhol da Cultura, representará o governo espanhol na cerimónia de enterro e no ofício religioso em memória do pintor, que decorrerá hoje à noite numa igreja de San Nicolas de Palma, em língua maiorquina, segundo a vontade de Miró. Um segundo ofício terá lugar na quinta-feira a meio do dia em Barcelona, após o enterro.

Entretanto, soube-se de fonte oficial que a morte de Miró se ficou a dever a uma «insuficiência cárdio-respiratória» e a uma extrema fraqueza da sístole (movimento de contracção do coração e das artérias).

Com a morte do pintor espanhol, são agora propriedade da Fundação Miró, de Barcelona, mais de oito mil obras. O artista tinha prometido ceder esta importante quantidade de telas, em troca da criação naquela cidade de um Centro de Estudo da Arte Contemporânea, inaugurado em 1971 pelo artista. As obras cedidas pelo pintor, que já se encontram expostas permanentemente na Fundação, compõem-se de cerca de cinco mil desenhos preparatórios, 140 pinturas, 150 esculturas e perto de três mil gravuras do artista.

Reacções à morte

A morte do pintor espanhol Joan Miró foi duramente sentida no mundo das artes.

O pintor catalão Salvador Dali (79 anos) declarou-se «muito pesaroso» pela morte do seu colega, segundo um dos seus próximos.

Para o romancista Camilo José Cela, o desaparecimento do pintor significou a perda de «um grande artista e de um grande amigo».

«Ele foi um dos heróis da pintura do século XX» — considerou o poeta Rafael Alberti. «Miró, juntamente com Picasso, contribuiu para mudar a pintura do nosso século.»

Em Londres, o director do Instituto de Artes Contemporâneas, Ronald Penrose, crítico de arte e biógrafo de Miró, classificou-o «como um dos maiores artistas» da actualidade.

Em Espanha, as declarações de homenagem à memória do pintor multiplicaram-se durante o dia de ontem.

O ministro da Cultura indicou que Miró levou para a arte o seu optimismo, o seu humor, a sua perpétua juventude e sua vitalidade criadora universal: Graças a ele, declarou nomeadamente o ministro, «as quintas, as mulheres da sua terra, os cães da aldeia, a lua, as estrelas, os pássaros, todas as personagens do seu universo, mundo mediterrânico, espalharam-se por todos os cantos do planeta».

Para o escritor Vicente Aleixandre, Prémio Nobel da Literatura, Miró foi «o pintor mais imaginativo das artes plásticas do século XX». «Quando comecei a fazer poemas, Miró foi um dos pintores da modernidade que mais tive em vista e mais admirei», precisou Vicente Aleixandre, que era amigo pessoal de Miró

O poeta Jorge Guillén expressou igualmente a sua admiração por esse «grande artista».

O historiador Javier Tussel considerou por seu turno que Miró se contava, com Salvador Dali e Pablo Picasso entre os três grandes da vanguarda pictural espanhola. «Não conheci Picasso, mas conheci Dali e Miró, e é sem qualquer dúvida este último o mais afável e o mais directo (...) o mais humano e o mais espontâneo», acrescentou.

Miró na Imprensa

O vermelho apareceu na primeira página do jornal «Le Monde», pela primeira vez na história deste jornal, graças à reprodução do quadro «Mulher Frente ao Sol», publicada em homenagem a Miró.

A conferência de redacção, convocada pouco antes das oito horas da manhã, considerou que excepcionalmente uma ilustração com o vermelho como cor de acompanhamento permitiria, como afirma André Fermigier, no seu artigo sobre a obra do pintor espanhol, mostrar a «frescura desarmante» da sua pintura e simbolizaria bem o «Miro-mundo» que ele tinha criado ao «olhar o seu pincel no inconsciente».

A Imprensa espanhola por seu turno prestou uma vibrante homenagem ao «grande génio surrealista» Joan Miró, falecido no dia de Natal aos 90 anos de idade, na sua residência de Son Abrines, perto de Palma de Maiorca.

«A figura de Miró situa-se entre as dos gigantes da vanguarda histórica que deram a sua contribuição fundamental à pintura contemporânea nas primeira três décadas do nosso século» afirma «El País».

Indo mais além desta constatação, «El País» salienta sobretudo a influência, que considera predominante, da obra de Miró sobre a pintura abstracta americana dos anos 40, «embora Miró não tenha optado pelo nova-iorquino» no momento da Segunda Guerra Mundial.

Para «Diário 16» «a sua arte é tipicamente do século XX (...) e a sua arte é, sobretudo «genial».

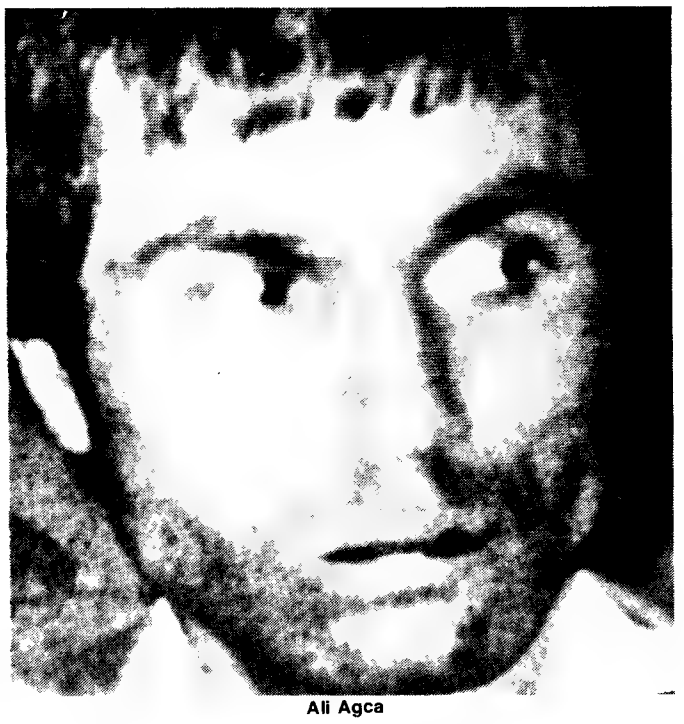
Encontro a sós de João Paulo II com Ali Agca

À hora de encerramento desta edição do «DL», aguardava-se a todo o momento a entrada do Papa João Paulo II numa sala rigorosamente isolada da prisão de Rebibbia, onde deverá encontrar-se a sós com o turco Ali Agca, que tentou assassiná-lo no dia 13 de Maio de 1981.

À entrada dos estabelecimento prisional, o Papa foi recebido pelo ministro italiano da Justiça, Mino Martinazzoli, e por uma pequena multidão de guardas e parentes de presos que o aplaudiram longamente.

Recorda-se que, depois de ter estado três dias entre a vida e a morte, um dos primeiros pensamentos de João Paulo II foi para o homem que o ferira gravemente: garantiu-lhe o seu perdão. Desta vez, o chefe da Igreja Católica deslocou-se à prisão de Rebibbia, em Roma, para conceder pessoalmente o seu perdão a Ali Agca.

Ninguém deverá assistir ao encontro, mas foram tomadas medidas de segurança muito severas pelas autoridades da prisão, que não subestimaram à apreciação do chefe da Polícia de Istambul, Sukru Balci: «Ali Agca tem uma fixa obsessiva contra o Papa».



Ali Agca

Todavia, segundo os capelões de Rebibbia, Ali Agca mudou muito, desde que foi impedido de fugir por uma religiosa e um polícia do Vaticano e preso na Praça de São Pedro.

Venda de tabaco tende a estagnar

«Estamos a entrar numa fase de estagnação do consumo de tabaco» – disse esta manhã ao «DL» um porta-voz da Tabaqueira Nacional, servindo-se de dados relativos aos últimos anos.

Segundo o dr. Araújo Lopes, o aumento da venda de cigarros portugueses previsto para este ano, em relação a 1982 foi de 2,6 por cento apenas. Em 82, relativamente a 81 o aumento tinha sido de 5,1%, enquanto no ano anterior se cifrara em 4,6%. «Agora a curva está a crescer muito lentamente» – conclui Araújo Lopes.

A estimativa das vendas deste ano é de 14 120 mil cigarros contra 13 766 600 em 1982.

A quebra na curva de crescimento está relacionada, segundo aquele porta-voz, com a perda de poder de compra dos consumidores. Não há, porém, nenhum estudo que fundamente esta ilacção conforme foi dito ao «DL». De acordo com Araújo Lopes, as campanhas antitabaco são muito recentes e por isso «é prematuro tirar delas qualquer conclusão».

Entretanto, tem vindo a aumentar a produção de tabaco em rama o que tem permitido uma gradual incorporação do tabaco nacional nos cigarros. Actualmente e de 11% a componente nacional. Em relação a produção de tabaco foi de 841,7 toneladas e este ano está estimada em 1900 toneladas.

A Tabaqueira fabrica 28 marcas e picados, e tem ao seu serviço 1514 trabalhadores permanente e 185 contratados a prazo para tarefas sazonais. Segundo dados da empresa, o encargo médio anual por trabalhador foi, em 1982, de 645,5 contos.

"Lei de Imprensa" rectificação

Os depoimentos publicados na nossa edição de ontem sobre a discussão do anteprojecto da Lei de Imprensa, assinados pelo advogado e consultor jurídico do Sindicato dos Jornalistas, Serra Pereira, e pelo juíz Adélio André saíram trocados.

Os títulos da responsabilidade da redacção estão correctos, mas os textos não são os correspondentes.

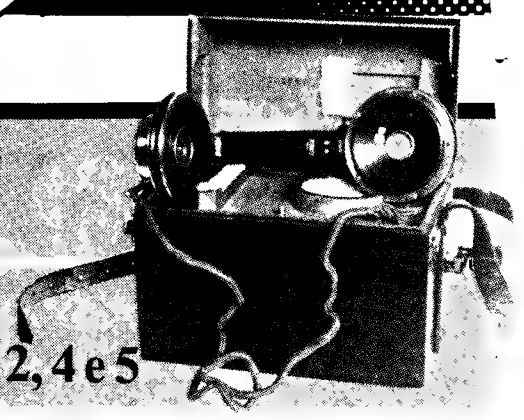
Por esta desagradável ocorrência pedimos desculpas não só aos nossos leitores, mas também, e sobretudo, aos drs. Serra Pereira e Adélio André, que tiveram a amabilidade de colaborar com o «Diário de Lisboa» na sua iniciativa relacionada com a discussão sobre o projecto Almeida Santos.

SAI NA ÚLTIMA TERÇA-FEIRA DE CADA MÊS

TERÇA-FEIRA, 27 DE DEZEMBRO DE 1983

INFORMÁTICA

As comunicações e o desenvolvimento



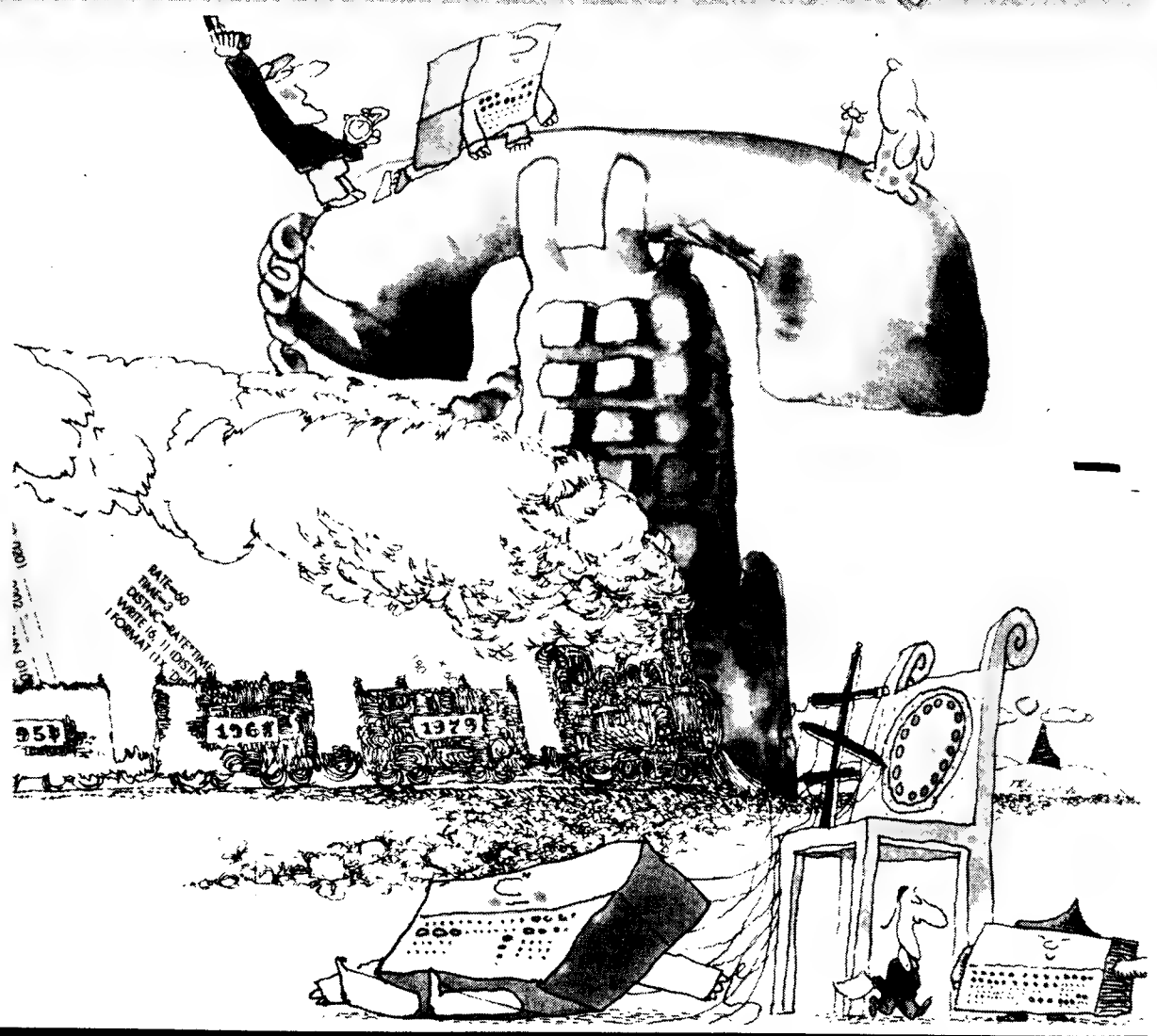
Um simpósio que "valeu a pena"

Pág. 2, 4 e 5

O computador explicado por quem sabe a quem ignora tudo sobre ele

- o "DL-Informática" inicia publicação de album de divulgação

pág.9



Uma ficção natalícia

A manhã dos pães quentes e o Natal do comPAItador

Pág.12

A agonia e o êxtase de quem compra o seu primeiro computador

Pág.8

A informatização da actividade bancária

Terminais de "guichet" e bancos ao domicílio

Pág. 6 e 7

AS COMUNICAÇÕES E O DESENVOLVIMENTO

SIMPÓSIO NACIONAL

Afirmou o secretário de Estado das Comunicações no encerramento dos trabalhos

Conclusões das diferentes sessões "não cairão em saco roto"

«Creio traduzir o sentimento de todos ao dizer que valeu a pena», afirmou o secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro, na sessão de encerramento do primeiro Simpósio sobre «As Comunicações e o Desenvolvimento», com que terminaram no nosso país as comemorações do Ano Mundial das Comunicações. Durante quatro dias, de 14 a 17 deste mês, centenas de especialistas ligados às empresas operadoras, à indústria e ao ensino e investigação passaram a pente fino a situação do sector em Portugal e procuraram soluções para os problemas mais graves que travam o seu desenvolvimento. Nas páginas que se seguem damos conta das passagens mais significativas do discurso de Raul Junqueiro no fecho dos trabalhos, assim como do essencial das recomendações aprovadas no simpósio.

Durante alguns dias e pela primeira vez trabalhámos em conjunto, fizemos ouvir as nossas opiniões, debatemos os problemas, tecemos as críticas que entendemos, formulámos propostas e propusemos medidas.

Pela primeira vez operadores e industriais, investigadores e técnicos, utilizadores e prestadores de serviços, reuniram-se para **falar alto** nas comunicações.

Pela primeira vez todos os parceiros das comunicações, civis e militares, da comunicação social è educação, da medicina à informática, da electrónica à telemática, da banca à Universidade, reuniram-se para analisar o presente e discutir o futuro.

Pela primeira vez as Comunicações Portuguesas tiveram a oportunidade de reflectir sobre os seus problemas, de forma a colocarem-se eficazmente ao serviço do País.

O Senhor Presidente da Comissão Técnica acabou de revelar as conclusões finais, as recomendações que são feitas ao Governo.

Posso assegurar-vos que elas não cairão em saco roto. As recomendações do Simpósio constituirão uma base de trabalho indispensável à aferição das políticas que têm sido seguidas e àquelas que irão ser implementadas a curto, médio e longo prazo.

De qualquer modo, o Simpósio demonstrou, em linhas gerais, o acerto das políticas que têm vindo a ser praticadas no sector e, no essencial, os grandes objectivos que nos propusémos atingir, nomeadamente:

– a melhoria de qualidade de serviços existentes.

– a introdução de novos serviços adequados ao desenvolvimento do País.

– as mudanças tecnológicas.

Durante o próximo ano e correspondendo à necessidade de reformular as estruturas e preparar o futuro, as comunicações serão desenvolvidas:

– No plano interno

Visando, no curto prazo, a satisfação das necessidades, fundamentais ainda sentidas pelos cidadãos e agentes económicos, por forma a constituirem-se como factor indispensável ao progresso, ao desenvolvimento e ao bem-estar das populações.

– No plano externo

Visando assegurar as condições que lhe forem exigidas, tendo em vista o êxito da política nacional de integração europeia, importante contributo para o objectivo da redução da dependência externa.

Apoiar o turismo, vocacionar Portugal como centro nevrálgico das comunicações internacionais com a correspondente captação de divisas; substituir as importações, viabilizando a indústria nacional, permitindo o seu redimensionamento e consequente acréscimo na competitividade externa; são linhas de orientação-chave que, conjuntamente com a necessidade de incrementar a produtividade dos recursos financeiros, materiais e humanos, no quadro da manutenção de exploração financeira equilibrada, orientarão toda a actividade a desenvolver no sector.

Neste sentido são de realçar as seguintes medidas de política:

No âmbito institucional

– Reorganização do sector das comunicações.

Estudo e implementação de novo modelo para o sector empresarial de Estado e empresas participadas no sector.

Estudo e implementação de órgão de tutela de apoio directo ao Governo.

– Reforço de intervenção das Autarquias no planeamento e exploração dos serviços de comunicações.

No domínio postal

– Introdução de novos serviços que facultem a utilização intensiva das infra-estruturas imobilizadas e que correspondam à capacidade de transporte e distribuição do sector – Correio Electrónico (Serviço Público de Telecópia), Correio Acelerado Nacional e Internacional (EXPRESS MAIL) e POST-EXPRESSO.

– Desenvolvimento dos serviços financeiros postais.

Incremento das cobranças periódicas a grandes utentes, dinamização da caixa económica postal, lançamento do serviço de cheques postais.

– Redefinição dos tipos de estabelecimentos postais e adopção de novas soluções (estações itinerantes, estações móveis) que assegurem a prestação dos serviços com economicidade de meios.

– Progressiva motorização da distribuição rural apoiada na instalação de receptáculos postais de correio individual.

– Contentorização da rede primária e secundária de distribuição.

– Continuação do projecto de automatização de tratamento de correspondência – Centro de Coimbra.

No domínio das telecomunicações prosseguiremos em 1984 os programas e medidas de expansão e renovação, nomeadamente:

– Prosseguimento do programa de reestruturação da rede interurbana.

– Projecto da «estação nodal do Porto» e das «estações interurbanas terminais» a ela associadas.

– Prosseguimento do programa de automatização do sistema nacional de telecomunicações, e de incremento do acesso automático à rede internacional.

Progressiva digitalização da rede de transmissão e preparação de medidas para a introdução da comutação digital, inseridas no programa de alteração da estrutura tecnológica da rede telefónica nacional.

– Entrada em exploração da rede pública comutada de dados – TELEPAC e lançamento do Serviço Público de Comunicação de Dados.

– Tomada de decisão sobre o lançamento de outros novos serviços públicos de comunicações, nomeadamente, TELETEX, TELEFAX, SERVIÇO MÓVEL TERRESTRE, VIDEO CONFERÊNCIA E SERVIÇO PÚBLICO DE CHAMADA DE PESSOAS.

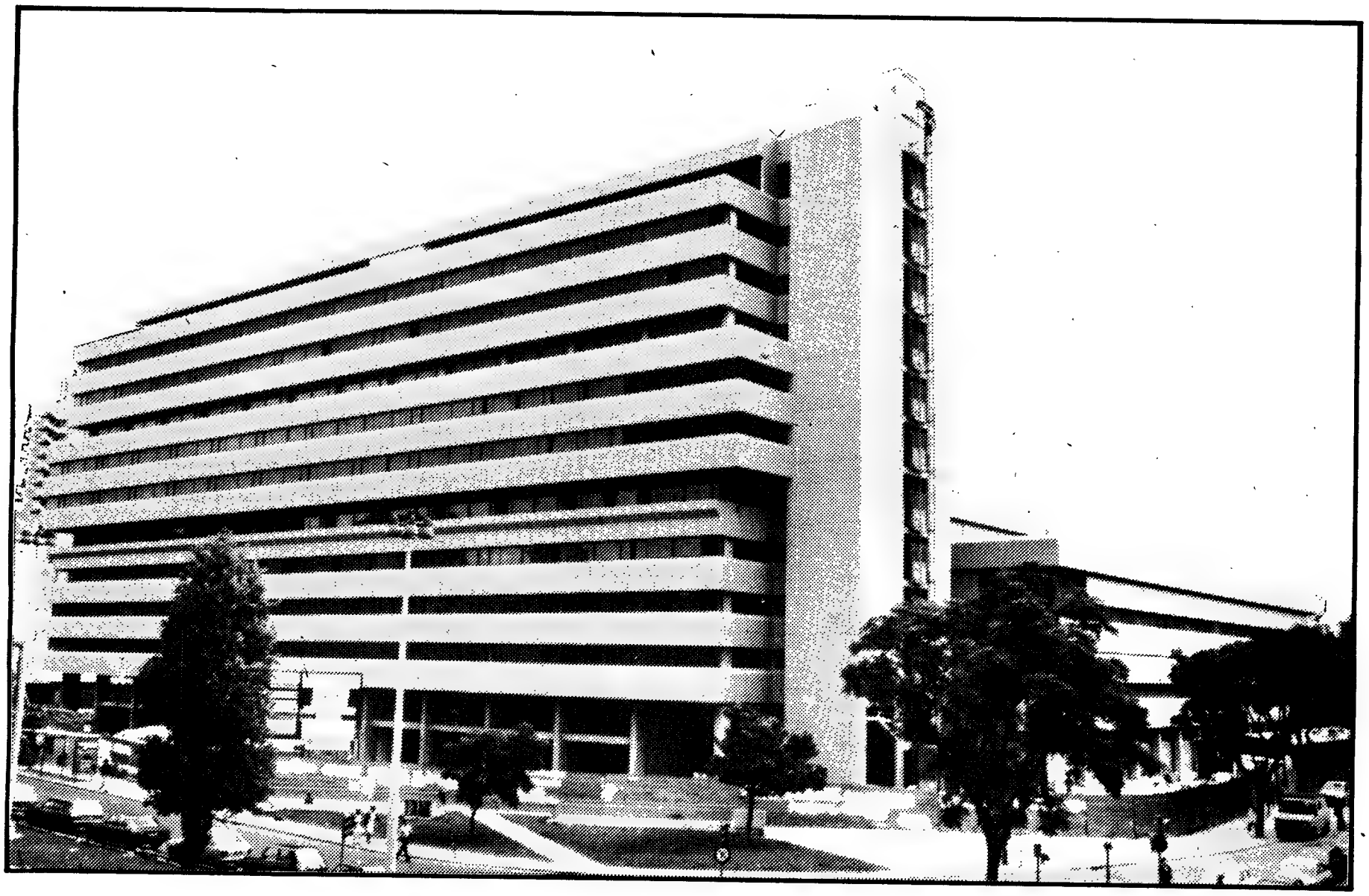
– Melhoria progressiva do serviço móvel marítimo visando a total cobertura nacional.

– Apoio à indústria nacional de electrónica e telecomunicações através da celebração de contratos de desenvolvimento e de contratos-programa entre as empresas operadoras de comunicações e a indústria nacional, com vista ao fornecimento de novos equipamentos a introduzir na rede ou à implementação de novos sistemas tecnológicos. O recurso à importação será restringido aos equipamentos necessariamente estratégicos, em casos pontuais, e uma vez verificada a total impossibilidade de os mesmos serem fornecidos a nível interno.

– Apoio à investigação nacional.

Standard Eléctrica

CENTRO DE TELECOMUNICAÇÕES DAS PICOAS



A Standard Eléctrica em colaboração com a Secretaria de Estado das Comunicações e com os CTT/TLP, contribuiu de modo relevante para a realização mais importante no domínio das telecomunicações do nosso país — o Centro de Telecomunicações das Picoas, em Lisboa.

Para este complexo, a Standard Eléctrica fabricou e instalou:

★ **1.º andar da Estação Interurbana de Trânsito (EIUT) de saída, de Lisboa, com a capacidade de 4763 circuitos.**
★ **Bastidores de sinalização multifrequência (MFC).**
★ **Equipamento de medida de tráfego (EMT) com 30 000 pontos de medida.**
★ **Estação telefónica internacional de Lisboa, sistema CCITT-R2, com a capacidade inicial instalada de 300 circuitos de entrada.**
★ **Central Pentomat (PPCA) 1000 T com a capacidade instalada de 800 extensões, ampliável até 2000.**
★ **Sistema de Transmissão FDM com 9000 canais.**

Nesta acção, a Standard Eléctrica dedicou:

★ **26 500 horas de trabalho de engenharia**
★ **565 000 horas de trabalho de fabricação**
★ **76 000 horas de trabalho de instalação**

promovendo incorporações nacionais superiores a 85% para o equipamento de comutação telefónica e superior a 65% para o equipamento de transmissão.
Com esta realização, a Standard Eléctrica demonstra uma vez mais a sua capacidade de resposta no reapetrechamento das telecomunicações nacionais a qualquer nível de exigência tecnológica.

SISTEMA

Standard Eléctrica, s.a.r.l.
uma associada portuguesa da ITT

AS COMUNICAÇÕES E O DESENVOLVIMENTO
SIMPÓSIO NACIONAL

Seis recomendações para seis meses

As recomendações elaboradas pela Comissão Técnica do Simpósio, a partir das intervenções e dos debates realizados nas sessões técnicas, respondem a uma sugestão do secretário de Estado das Comunicações, que, no início dos trabalhos, pedira que deles saísse uma proposta de seis medidas para seis meses. São essas recomendações, acompanhadas de largas passagens dos respectivos preâmbulos que a seguir reproduzimos.

Recursos Humanos

Quando se tem presente o carácter vital da Revolução Tecnológica já iniciada e se pretende equacionar as principais medidas para um sector tão decisivo como é o das Comunicações, há que encarar com seriedade redobrada, com real pragmatismo e com capacidade de realização, o problema da formação e reciclagem dos recursos humanos, sem comprometer o cumprimento dos objectivos do sector. **Naturalmente** não diminuindo também os recursos humanos que trabalham no sector.

Com efeito, é da aposta na formação da «massa cinzenta» nacional que se joga, em parte muito significativa, o sucesso no desafio de não perder a 3.ª Revolução Industrial, como já é de consenso apelidar as transformações actuais no campo das Comunicações.

Com a consciência que se tem, por um lado, que não podemos ser autónomos em matéria de novas tecnologias, mas, por outro, de que na transferência das novas tecnologias se tem de assegurar a devida endogeneização pelos técnicos portugueses, reforça-se a necessidade de implementar um programa de formação específico para o sector(...)

Assim, recomenda-se ao Governo que:

Patrocine a implementação de um programa de formação de técnicos no sector, incluindo aspectos de reciclagem e formação permanente, o qual deverá passar pela cooperação estreita entre os parceiros do sector, tendo em atenção, nomeadamente, todas as potencialidades que felizmente já existem neste, com incidência nas áreas de ensino técnico profissional e de base, nas de ensino superior pré e pós graduado e contemplando a engenharia, a economia e a gestão, próprias do sector.

Tecnologia das Comunicações

O funcionamento do sector nacional das Comunicações apoia-se numa rede física de telecomunicações, cuja especificação, programação, operação, manutenção, ampliação e evolução tecnológica, exige a definição atempada de grandes linhas programáticas, a serem seguidas de forma integrada por todo o sector.

A questão em análise será abordada nestas conclusões segundo três linhas dominantes, nomeadamente comutação, transmissão, gestão e manutenção.

A problemática da comutação telefónica é particularmente sensível no momento presente, dada a tremenda evolução tecnológica que resultou da conjunção da tecnologia da transmissão digital com a engenharia de computadores, de onde resultou o que é vulgarmente designado por comutação electrónica digital.

As decisões que urge tomar neste contexto deverão conciliar dois aspectos aparentemente divergentes no contexto da realidade actual do sector, nomeadamente:

As vantagens que, do ponto de vista das operadoras, advêm da introdução, a curto prazo, da nova tecnologia, em pontos da rede em que tal introdução é plenamente justificada pelos estudos de planeamento já realizados, e que traduzem economias significativas, tanto no investimento como nos custos de exploração, e ainda na potencial melhoria da qualidade e diversidade dos serviços oferecidos(...)

Importa porém não adiar no curto prazo, em nome do longo prazo, a definição possível de estratégias nacionais no domínio da transmissão, gestão e manutenção da rede.

No que se prende com a transmissão, é urgente proceder à definição do Plano Nacional de Transmissão, na sequência de estudos já efectuados pelas operadoras e que, no seguimento, se estabeleça, com o comprometimento dos diversos intervenientes, um programa de transição das redes para a nova situação, devidamente calendarizado, e de acordo com um programa de investimento plurianual adequado (...)

No que se prende com a gestão e manutenção da rede, há que definir uma estratégia coordenada no sector, visando a evolução quantitativa e qualitativa das condições de diagnóstico e manutenção do actual equipamento electromecânico, bem como da introdução generalizada de equipamento de monitorização da rede, em ordem à viabilização progressiva de uma prática de gestão global desta.

Assim recomendamos ao Governo que:

Se proceda à tomada de decisões relativas às fases de introdução da comutação digital na rede, tendo em atenção a salvaguarda da intervenção nacional neste domínio.

Se proceda à definição de um plano nacional de transmissão.

Se proceda à implementação de uma prática de gestão técnica global da rede actual, apoiada na aplicação generalizada de equipamento electrónico nacional

Correios

O Sector de Correio, caracteriza-se pela imposição de um Serviço Público de Comunicações que lhe exige infra-estruturas de grande extensão, aplicação de mão-de-obra intensiva e apertado condicionamento tarifário. A debilidade da estrutura económica do País, acarreta uma baixa utilização dos Serviços Postais, ou seja: baixa produtividade e custos unitários elevados (...)

Não obstante as infra-estruturas exigidas ao Correio serem em grande parte responsáveis pela sua situação deficitária, é também verdade que a poderosa rede de atendimento e distribuição, com a qual nenhuma outra entidade poderá competir sem investimentos incomportáveis, permite massificar a utilização dos Serviços Financeiros Postais e de novos serviços, mormente dos serviços de comunicações que se alimentam dos avanços da Informática e das Telecomunicações (...)

Recomendamos portanto ao Governo que:

Autorize os CTT a implementar o serviço de cheques postais

Estratégia industrial

A existência de uma Indústria de Telecomunicações em Portugal constitui recurso precioso que importa consolidar nesta época de profunda renovação do tecido tecnológico das Sociedades Modernas (...)

Há assim que definir, a curto prazo, uma política nacional de aquisição de telecomunicações que favoreça o estabelecimento de condições para esse desenvolvimento e para a reconversão tecnológica da indústria do sector (...)

Isto corresponderá ao abandono da situação incongruente de dotações orçamentais anuais, incompatíveis com as necessidades dos projectos integrados do sector a favor da adopção de planos de investimento plurianuais, ainda que sujeitos a pequenos ajustes de conjuntura e da realização dos objectivos definidos aos Operadores e à Indústria (...)

Há que decidir se o Portugal dos anos 90 quer ser um país capaz de oferecer apenas uma Indústria de montagem de equipamento electrónico, um país de mão-de-obra intelectual altamente qualificada ou somente um país de tecnologia intermédia – charneira activa entre os países industrializados e os subdesenvolvidos. (...)

Assim, e dadas as condições que o sector hoje detém de promover e assumir em Portugal e a Tecnologia da Informação; dado o interesse que sobre tal tecnologia têm manifestado as Operadoras, a Indústria e a I&D:

Recomendamos ao sector (Operadoras, Centros de Investigação e Indústrial):

Que assuma a condução activa e coordenada das tecnologias das Telecomunicações (nomeadamente nas áreas de comutação, transmissão, equipamentos, terminais e novos serviços);

Que assuma a nível nacional as tecnologias da Informação.

Recomendamos ao Governo:

Que acelere, com a participação efectiva dos restantes parceiros do sector, a tomada de decisões quanto aos novos tipos de equipamento a adoptar, de forma a permitir a sua produção pela indústria.

Que lance de imediato um projecto nacional de tecnologia de informação que obrigue, à partida, à cooperação institucional entre os diversos parceiros sectoriais acima referidos, visando o desenvolvimento a curto prazo de um escritório electrónico modelo e a sua eventual adopção a médio prazo, em larga escala, nas estruturas estatais e públicas em Portugal.

Impacto Social e Económico

Foi bem patente durante este Simpósio a firme vontade manifestada por todas as instituições envolvidas no Sector das Comunicações, a começar pelo próprio primeiro-ministro na sessão inaugural, de apostar na melhoria da qualidade e alargamento dos serviços prestados pelo Sector ao país, tendo em atenção o seu profundo impacto no dia a dia das realidades sociais e económicas portuguesas (...).

Continua na pág. 8

LATINA

Comunicar cada vez melhor

CENTREL

A CENTREL fabricou e instalou o equipamento das novas Estações Interurbanas de PICOAS, destinadas a melhor servir o público utente dos CTT, TLP e Rádio Marconi. O equipamento correspondente a estas 3 Estações — EIUT de Entrada, EIUT de saída e EIUZ — foi fabricado na fábrica da CENTREL em Cabo Ruivo, ocupando uma força de trabalho de 1.200 pessoas durante cerca de 10 meses.
Resultante da intima colaboração entre os CTT/TLP e a CENTREL, as novas Estações Interurbanas de PICOAS são mais um importante passo na modernização da Rede Nacional de Telecomunicações.

CENTREL
AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L.

Av. Infante D. Henrique, 333 — 1800 LISBOA Telef: 31 31 71, 33 10 51 (9 linhas) Telex: 12190 CAEPCR P

AS COMUNICAÇÕES E O DESENVOLVIMENTO

As relações entre as comunicações e a informática

SIMPOSIO NACIONAL

O documento que a seguir se transcreve é da responsabilidade da Comissão Técnica do primeiro Workshop Nacional sobre Engenharia das Telecomunicações e dos Computadores, realizado em Sesimbra entre 7 e 9 de Novembro e foi apresentado na sessão dedicada ao tema «Comunicações e Informática», do Simpósio «As comunicações e o desenvolvimento».

As relações telecomunicações-informática sob o ponto de vista das telecomunicações

Do ponto de vista das telecomunicações, as suas relações com a informática limitam-se, no presente, a duas linhas de força.

A primeira, endógena, prende-se com o próprio processo informático das empresas do sector, sejam elas Operadoras ou Indústria.

A seguynda, exógena, prende-se com a penetração e expansão das telecomunicações – seja em termos de serviços ou de equipamentos – no âmbito do próprio mercado informático nacional.

O processo endógeno da utilização da informática no sector das telecomunicações será objecto de análise mais detalhada na secção 6 deste documento.

Quanto ao processo exógeno, é de salientar a recente dinâmica das telecomunicações nacionais que vem procurando fornecer serviços – a rede Telepac – e equipamento – como por exemplo MODEMS – com o fito de permitir uma expansão qualitativa e quantitativa das redes informáticas nacionais. Contudo, foi conclusão do conjunto, dos técnicos, que o lançamento de serviços telemáticos, tem de ser cuidadosamente preparado pelas operadoras.

É preciso ter em conta que os serviços telemáticos têm uma dinâmica própria, completamente diferente a nível de projecto, planeamento «marketing» e apoio a clientes dos restantes serviços prestados pelos CTT-/TLP.

Este facto é patente na reconhecida falta de informação dos clientes sobre o modo de se ligar à TELEPAC facilidades do serviço e perspectivas de utilização da Rede Nacional de Dados.

A especificidade da Rede de Dados torna necessário uma grande interacção entre o cliente e as administrações de telecomunicações, que passa por uma definição clara e atempada de toda a organização do serviço (tarifas, regulamentos, pontos de contacto, consultoria, etc.)

O papel da indústria portuguesa no contexto dos novos serviços, foi também uma preocupação expressa pelos técnicos.

No caso da TELEPAC, o equipamento de comutação e gestão foi comprado no mercado internacional por razões que se prendem com a necessidade de aprendizagem, complexidade do sistema e urgência na implementação da rede.

A indústria foi contudo chamada a colaborar na realização dos «modems», tendo a colaboração decorrido de forma satisfatória.

Em futuros serviços, como o TELETEX, é crível que, desde que, fosse dado o tempo de preparação indispensável, seria possível o desenvolvimento de algum equipamento nacional.

As relações entre os novos serviços e as instituições de desenvolvimento e investigação nacional, foram também debatidas. Para além destas últimas, contribuirem com vantagens mútuas para a formação de utilizadores, foram focados os aspectos relativos a projectos específicos.

Em particular, foi referida a problemática das redes locais de computadores, onde existe um esforço considerável de desenvolvimento nacional, que poderia ter benefícios para as operadoras, se integrada numa óptica de equipamento terminal, interligado à Rede de Dados.

Um esforço conjunto de desenvolvimento e o lançamento de experiências comuns, poderiam conduzir a uma abordagem do problema da automatização de escritórios e postos de atendimento, com soluções bem adaptadas ao mercado nacional.

Em resumo, parece-nos que são consenso do conjunto dos técnicos, as seguintes linhas de acção:

Incentivar o desenvolvimento de novos serviços telemáticos quando correspondem a uma necessidade do mercado, permitindo optimizar as actividades dos utilizadores e contribuindo para a dinamização da indústria e dos conhecimentos técnicos nacionais.

Sem prejuízo da disponibilidade de novos serviços em tempo útil, é desejável que a indústria e os centros da IED sejam atempadamente informados dos projectos de lançamento de novos serviços. É evidente, que para obter resultados positivos desta colaboração, devem as referidas instituições iniciar trabalho conjunto, nas respectivas áreas funcionais, tão cedo quanto o âmbito do projecto o permitir.

O carácter específico inovador dos novos serviços telemáticos, obriga a uma óptica de projecto integrado, coordenada por uma única entidade que assegure o desenvolvimento coerente e paralelo das diversas facetas do serviço. Tal já foi esboçado na TELEPAC, embora de futuro deva ter uma óptica muito mais global.

A metodologia tradicional de implementação fragmentada, conduzirá à desarticulação de acções com contrapartidas críticas na formação dos utilizadores, nas possibilidades de desenvolvimento racional e, na tardia disponibilidade de serviços, assim como na inerente falta de rentabilidade.

O facto talvez mais saliente a apontar neste domínio é a fraca oferta dos serviços de comunicação de dados por parte das Operadoras de Telecomunicações no passado e no presente, bem como a pouca informação ainda disponível sobre a rede Telepac.

As consequências deste estado de coises são gravosas para o País pois as soluções informáticas realizadas, não aproveitam as infra-estruturas existentes, nem utilizam ou desenvolvem a competência nacional no sector.

As Relações Telecomunicações-Informática sob o Ponto de Vista da Informática

Urge promover a interpenetração dos sectores das comunicações e informática, em prol de uma maior eficiência e produtividade dos meios materiais e humanos presentemente postos à disposição do sector informático nacional.

A interpenetração entre a informática e as comunicações, fenómeno cuja dinâmica e potencial transformador é já bem conhecido nas sociedades industrializadas, está ainda por ocorrer em Portugal. Devem portanto ser definidas estratégias sectoriais que fomentem o seu desenvolvimento mútuo.

Um exemplo que ficou claro no debate sobre «Redes Privadas», ocorrido durante o Workshop diz respeito à situação das redes informáticas dos Departamentos Estatais, da Banca, dos Seguros, da Defesa e do Sector Público e dos servicos de comunicações de dados oferecidos pelas Operadoras, os quais poderão e deverão ser optimizadas com benefícios potenciais para todos.

O Ambiente Informático Nacional

O ambiente informático actual em Portugal é caracterizado por uma colonização mental sobre os profissionais de informática, exercido pelos grandes fabricantes mundiais de equipamento informático.

Assim, o parque informático encontra-se repleto de grandes máquinas, com equipas numerosas, com vista à resolução de grandes e complexos problemas informáticos, segundo uma filosofia corrente nos finais da década de 60.

Infelizmente os grandes e complexos problemas informáticos deste país continuam à espera de soluções compatíveis com a realidade cultural e organizacional e, portanto, necessariamente incompatíveis com as soluções informáticas correntemente apresentadas, de características autocráticas e centralizadoras, tão opostas ao fenómeno social de vulgarização da informática corrente já em tantos países.

As características distorcidas

Continua na pág. 7

Serga

OFERECEMOS

uma actividade assente em elevados e perigosos padrões profissionais e deontológicos, expressos em eficácia e resultados demonstrados.

FAZEMOS

- Organização Administrativa
- Organização, Reestruturação, Assessorias Contabilísticas e Fiscal
- Informática: Estudos de Hardware e Software e Actividades de Exploração
- Formação nas áreas de Contabilidade e Gestão
- Estudos de Constituição de Sociedades Mistas, particularmente países de expressão portuguesa
- Estudos, Análise de Projectos e Saneamento Económico-Financeiro
- Inspecção e Fiscalização de Contas
- Auditoria
- Planeamento e Consultoria de Gestão

DISPOMOS

de uma equipa de técnicos de formação pluridisciplinar entre os quais os especialistas que o problema específico da sua empresa exija.

APOIAMOS

em Portugal e países de expressão oficial portuguesa, pequenas, médias e grandes empresas, privadas, públicas, mistas, bancos e seguradoras.
Temos, no nosso domínio, assessoria especializada a vários ministérios. Cooperamos activamente na solução de pequenos e grandes problemas e... obtemos resultados.

Serga

AUDITORIA, ORGANIZAÇÃO E ESTUDOS ECONÓMICO-FINANCEIROS, S. A. R. L

Administração e Serviços Centrais
Av. [illegible] 27-8.º-4 Telefs. 53 02 [illegible] - 53 05 62 - 53 07 27
Telex 18585 SERGA P
1000 LISBOA PORTUGAL

Departamentos
Contabilidade, Organização e Informática ● Auditoria ● Estudos Económicos e Financeiros
Av. da República, 27-8.º-75 Telefs. 54 54 79 - 54 54 85 - 54 65 59
Telex 64139 SERGAP P

Escritórios a nível de sub-depósito
PORTUGAL, REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE e REPÚBLICA DE CABO VERDE

A informatização da actividade bancária

Dos distribuidores automáticos de notas aos "bancos ao domicílio"

Depois de no último «DL-Informática» termos abordado a utilização crescente dos cartões magnéticos e dos cartões com memória para diversos fins, falamos hoje da aplicação destes cartões nos terminais ponto de venda e nos terminais de «guichet» dos bancos. Trata-se da rápida evolução que se está a registar ao nível da automatização da actividade bancária, a caminho dos serviços bancários ao domicílio pela generalização dos sistemas electrónicos de transferência de fundos.

Os sistemas de transferência electrónica de fundos são tributários da existência de uma rede de telecomunicações adequada, que permita aos bancos comunicar «em directo» entre si e ainda com os grandes clientes (comerciantes e outros). Essencialmente em virtude da extrema atomização do sistema bancário americano, os Estados Unidos instalaram, desde o início, terminais electrónicos a funcionar em directo (distribuidores de notas, «guichets» automático de banco, terminais de venda). Na maioria dos países europeus, quando informatizaram a sua contabilidade interna e as operações interbancárias de compensação, os bancos optaram pelo funcionamento «em diferido», sendo os pormenores das transações registados em cassetes ou discos levados no final do dia — por vezes através de portadores — ciclistas — à sede do banco.

Ora, a distinção entre funcionamento em directo e funcionamento em diferido tornou-se em grande parte inútil, graças a uma nova técnica que levantou todos os obstáculos à organização de uma rede de telecomunicações adequada, para as transferências electrónicas de fundos. Trata-se do sistema de «transmissão por pacotes» que implica a fragmentação das mensagens em quantidades discretas, «empacotadas» separadamente com informações de controlo e enviadas através da rede, sob a forma de entidades distintas, os «pacotes». Estes seguem todos o mesmo percurso e são entregues ao destinatário, segundo a ordem que se quiser, seja qual for a ordem por que circularam. A vantagem deste método reside no facto de possibilitar a imbricação dos «pacotes» provenientes de fontes diferentes, quando da sua circulação através da rede, de modo que esta possa suportar a carga do tráfego optimal do ponto de vista da eficácia da transmissão.

Ao utilizar linhas especializadas cada vez que o volume de tráfego o justifique e de redes de «transmissão por pacotes» nos outros casos, poderia pôr-se de pé um sistema de transferência de fundos totalmente electrónico, abrangendo todas as agências. Logo que a operação fosse registada electronicamente, tão próximo quanto possível junto do cliente que tomou essa iniciativa, os dados pormenorizados correspondentes poderiam circular automaticamente no interior de todo o sistema bancário, de modo a que a transferência entre as duas contas em causa fosse efectuada instantaneamente. Os obstáculos à concretização de um sistema deste género não são técnicos, mas institucionais. Existe já um certo número de ligações electrónicas limitadas entre bancos, tanto no plano nacional como internacional e os bancos só têm que alargar a utilização do computador à recepção directa das operações provenientes de outros bancos. À medida que o tráfego electrónico se intensificar, particularmente em virtude da limitação da circulação física dos cheques, a supressão dos obstáculos às comunicações directas impor-se-á de modo mais urgente.

Terminais de caixa e caixas automáticas

A introdução de terminais electrónicos servidos pelos empregados dos «guichets» constitui uma das etapas mais importantes da passagem a um sistema inteiramente electrónico de transferência de fundos. Mesmo segundo as estimativas mais optimistas, será ainda necessário um certo tempo antes que todos os particulares estejam dispostos a utilizar terminais que funcionem com um cartão (sem intervenção de um funcionário) na totalidade das suas operações bancárias correntes; entretanto, é indispensável intensificar a produtividade do pessoal bancário que está em contacto directo com a clientela. Calcula-se que cerca de 22 por cento dos 400 000 «guichets» que os bancos europeus mantinham à disposição do público em 1979 estavam já automatizados. Com efeito, até à data, o ênfase foi posto, na Europa, na automatização das tarefas de retaguarda do «guichet», mas prevê-se que o número de terminais de «guichet» passe de 88 200 em 1979 para 343 000 em 1990, número que implica uma conversão quase total da globalidade dos «guichets».

Deste modo, os terminais deveriam constituir a rubrica mais importante do investimento dos bancos europeus em equipamento de automatização, com um total de 3,3 mil milhões de dólares (aos preços de 1979), enquanto que 2,8 e 2,7 mil milhões de dólares seriam consagrados respectivamente aos grandes computadores e aos computadores de dimensão mais modesta.

A única diferença sensível entre um terminal de «guichet» e um «guichet» automático, reside no facto do segundo funcionar sem a intervenção de um funcionário. Se é certo que se utiliza o termo de «guichet automático de banco» para designar certas máquinas automáticas muito simples que só fornecem um número limitado de serviços, um verdadeiro «guichet», automático pode não apenas distribuir notas de banco, encomendar uma nova caderneta de cheques e dar informações simples sobre o saldo bancário, mas ainda solicitar e revelar um extracto detalhado de conta, receber depósitos e títulos de pagamento e, sobretudo, efectuar transferências entre contas de um mesmo cliente, ou de dois clientes diferentes. Outra vantagem particularmente útil dos terminais de «guichet» e dos «guichets» automáticos: são capazes de contar dinheiro em notas ou moedas à medida em que são depositadas e ler indicações pormenorizadas inscritas nos cheques que lhes sejam entregues.

No final de 1980, 40 000 distribuidores de notas de banco e «guichets» automáticos tinham sido colocados em todo o mundo, segundo um cálculo efectuado. A «parte de leão» cabia aos Estados Unidos e Japão; calcula-se que o primeiro daqueles países dispunha no final de 1982 de 38 000 «guichets» automáticos, ou seja, uma progressão de 42 por cento no decorrer daquele ano. Os países europeus, só dispunham em 1979 de 6 300 «guichets» automáticos, incluindo os simples distribuidores de notas de banco. O Reino Unido, a França e a Suécia, com respectivamente 2 200, 1 870 e 740 aparelhos, representavam 76 por cento desse total.

Terminais de venda

Todavia, o objectivo da transferência electrónica de fundos não é apenas o de suprimir os lugares dos empregados dos «guichets» mas permitir igualmente aos comerciantes obterem o pagamento imediato dos bens e serviços prestados, graças a terminais que funcionam por meio de cartões e que seriam instalados nos locais de venda, podendo garantir instantaneamente a transferência de fundos da conta bancária do cliente para a do vendedor. Os sistemas de terminais de venda estão a ser experimentados nos Estados Unidos desde 1974, sem nunca se terem tornado totalmente operacionais. Com efeito, só foram utilizados para verificar a provisão dos cheques e autorizar o pagamento por cartão de crédito (fora das operações de contabilidade interna e de controlo dos stocks, a saber, as principais funções que interessam aos comerciantes que investem neste material relativamente caro).

Mais recentemente, experiências-piloto foram realizadas na Europa e mais particularmente em França, por iniciativa de retalhistas importantes e de bancos. Ainda neste caso, nos ensaios efectuados na Europa, utilizou-se de um modo geral o funcionamento em diferido, enquanto que os sistemas utilizados nos Estados Unidos fizeram a sua maioria apelo ao funcionamento em directo (que implica necessariamente o estabelecimento em comum de instalações entre bancos concorrentes, não tendo os comerciantes, evidentemente, interesse em dispor em cada caixa de vários terminais que sirvam os diferentes bancos).

Um dos pomos de discórdia na exploração dos terminais de venda consiste no problema da repartição do seu custo entre os bancos e os retalhistas, o que explica, em parte, a lentidão da difusão deste equipamento. Os sistemas electrónicos de pagamento não apresentam quaisquer vantagens para os consumidores, excepto na medida em que permitam reduzir a extensão das filas de espera nas caixas e os riscos de roubo, ao permitirem que cada um transporte menos dinheiro líquido consigo. Pelo contrário, têm o inconveniente dos débitos imediatos nas contas, e do sacador não beneficiar mais do prazo de vários dias, necessário ao tratamento de um cheque ou ao estabelecimento do extracto mensal pela sociedade que emite o cartão de crédito.

O «banco domiciliário»

A mais recente das possibilidades abertas pelos sistemas de transferência electrónica de fundos, é o que se denomina de «banco domiciliário» — fórmula que permite aos clientes efectuarem, graças aos sistemas «videotex» interactivos, as suas operações bancárias correntes (e as suas compras por correspondência) sem usar dinheiro ou saírem de casa.

Com a técnica aplicada na rede britânica de «videotex» Prestel (o sistema **Gateway**), cada assinante pode obter informações de uma base de dados, de um banco ou qualquer outro estabelecimento, passando por uma barreira de segurança colocada sob controlo do organismo que gere a base de dados. É somente com um meio de acesso deste género que os bancos poderão autorizar os assinantes a interrogarem os seus computadores. Este sistema está actualmente a ser ensaiado na Alemanha pela Verbraucherbank, em colaboração com a Deutsche Bundespost. Todavia, os dispositivos de segurança previstos são bastante complicados, só podendo o assinante ter acesso aos serviços do banco depois de ter composto:

o número da sua conta

um número de código confidencial de seis algarismos

três outros códigos de dez caractéres cada um, escolhidos por si mesmo

um código próprio de cada operação extraído de uma lista de números obtidos por meio de um algorítmo apenas conhecido do banco.

Outros sistemas começaram a ser ensaiados em diversos países da Europa a partir de 1982, enquanto estão em curso numerosas outras experiências nos Estados Unidos.

O carácter módico dos investimentos necessários à oferta de uma gama completa de serviços bancários ao domicílio, explica o interesse dos bancos pelos sistemas «videotex». Os observadores são de opinião que estas instalações conhecerão uma expansão bastante rápida, graças aos serviços de informação e às novas possibilidades que oferecem, no domínio da televisão e das distrações, a transmissão por sistema de cabos e de satélite. A rede de «videotex» permitirá a qualquer estabelecimento, bancário ou não prestar serviços financeiros associados de uma forma ou outra a serviços de caixa. O local de implantação das agências bancárias deixará de ter importância a partir do momento em que o sistema do «banco domiciliário» for aceite e se generalizar; é provável que o número de agências diminua mesmo, em consequência daquela expansão.

Reduzir os custos

O principal estímulo à maior automatização das operações bancárias é o interesse que os bancos têm em impedir o aumento dos seus encargos, uma vez que este sector sempre se caracterizou por uma forte intensidade de mão-de-obra.

Os bancos esperam que os sistemas de transferência electrónicos de fundos, que numa primeira fase implicam elevados custos fixos (em virtude da importância dos investimentos em material necessário ao arranque) sejam acompanhados de custos variáveis de fraca intensidade, logo que seja ultrapassado o período de arranque. Até à data, os custos médios das operações destes sistemas foram pesados, porque o volume óptimo de operações para que o material foi concebido, raramente foi atingido nas diversas experiências-piloto ensaiadas.

A importância do factor volume vai diminuir no futuro, sem dúvida. A descida dos preços do material electrónico e mais especialmente das instalações de tratamento da informação, terá uma incidência favorável nas previsões de custo, sobretudo na medida em que as funções actualmente garantidas por meios mecânicos possam ser automatizadas. Por exemplo, um processo que permita obter uma reprodução xerográfica da imagem, que aparecesse num dispositivo de afixação, transformaria o balanço económico dos terminais, enquanto que a adição de símbolos legíveis pela máquina nas notas de banco — o que já é feito em diversos países — permitiria uma rápida e pouco dispendiosa contagem dos maços de notas misturadas.

As economias que os sistemas de transferência electrónica de fundos poderiam, finalmente, permitir realizar relativamente aos métodos tradicionais de pagamento, são difíceis de avaliar, em virtude da falta de dados de observação. É verdade que os países onde sistemas de compensação centralizados, por exemplo, permitem tratar um grande número de cheques ao mesmo tempo, como sucede na Grã-Bretanha, têm menos a esperar desses sistemas do que países como a França, onde o tratamento dos cheques é muito mais dispendioso em virtude da dispersão das câmaras de compensação e do elevado número de bancos.

Todavia, o custo efectivo das transferências automatizadas não deveria variar grande coisa de país para país. Para saber se o levantamento de dinheiro num distribuidor automático de notas de banco ou num «guichet» automático é mais ou menos dispendioso do que um levanta-

Nestas três fotos vemos vários exe terminais domésticos tipo «Minitel». A -informática» no novo edifício dos C Desenvolvimento». Muitos terminais d telefones franceses, em lugar das lista alugar o seu, isso custar-lhe-á menos número do telefone que está ligado a França (normais e classificadas) e, segu «Ferreiras» que moram em Rennes. N observar na imagem – nomes, morada naquela cidade. Na foto do centro vê-se terminal aos armazéns «La Redoute» armazéns e no qual se encontram refe venda por correspondência, os dois pagamento no domicílio do cliente, pel vê-se um exemplo de acesso a banco Informática nas bibliotecas, em Portuga como os que se vêem na primeira pá operações de natureza bancária ao do

Os sistemas bancários nos países da OCDE

Os países da OCDE podem ser classificados em cinco categorias, segundo a natureza e o nível de desenvolvimento do seu sistema bancário.

1. O grupo mais importante — países escandinavos, Alemanha, Áustria, Bélgica, Luxemburgo, Holanda e Suíça — reúne os países em que uma percentagem muito importante da população possui conta bancária por força do depósito directo dos salários, e onde as transferências postais e de «giro» se tornaram meios de pagamento predominantes. Numerosos distribuidores automáticos de notas de banco foram instalados ou vão sê-lo, mas a necessidade de instalações de transferência electrónica de fundos para utilização da clientela é relativamente pouco urgente.

2. A França constitui, por si só, uma categoria. Também naquele país, a grande maioria da população possui conta bancária, mas é o cheque e não o sistema de «giro», que constitui o principal meio de pagamento. O choque tem assegurada por lei uma garantia de pagamento, e a sua utilização está consideravelmente desenvolvida, mesmo em operações de baixo montante. Por isso, não surpreende que a França seja o país da Europa onde, com um importante apoio dos poderes públicos, se desenvolvam os mais resolutos esforços para criar instalações de transferência electrónica de fundos.

3. Esta categoria agrupa os países onde o cheque se tornar o meio de pagamento mais corrente, mas onde a proporção da população com conta bancária é muito mais fraca do que nos países das categorias anteriores. É o caso do Reino Unido, Irlanda, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, países onde os trabalhadores industriais ainda são pagos em moeda corrente.

Hoje, regista-se uma forte tendência para aceitar o pagamento do salário por meio de lançamento em conta bancária ou por «giro»; se este esforço tiver êxito, é de esperar um aumento poderoso da utilização de cheques. Por esta razão, aqueles países estariam igualmente interessados em instalar o mais rapidamente possível instalações de transferência electrónica de fundos.

4. Nos quatro países mediterrânicos — Itália, Espanha, Portugal e Grécia — a maioria das operações são reguladas ainda em dinheiro, com o cheque e o «gico» pouco utilizados. Se o número de titulares de contas aumentar no decorrer dos próximos anos, estes países poderiam, sem grandes custos, introduzir instalações de transferência electrónica de fundos para uso de particulares, sem terem de passar pela fase dos pagamentos em moeda escriptural. Uma indicação neste sentido: o rápido aumento do número de portadores de cartões de crédito em Espanha, desde que um grande banco faz campanha a favor de um dos cartões internacionais mais conhecidos.

5. Os Estados Unidos são, em quase todos os planos, um caso à parte. Dispõem já de uma rede de instalações de transferência electrónica de fundos muito mais desenvolvida do que em qualquer outro país, embora não estejam tão adiantados como a Europa na transformação das ligações interbancárias em ligações electrónicas. Todavia, a instalação de unidades completas de transferência electrónica de fundos tem sido atrasada pela legislação relativa às operações bancárias de um Estado para outro, e ainda pelo pouco interesse em matéria de cooperação manifestada pelos bancos. Assim, durante os anos 80, os Estados Unidos correm o risco de perder o avanço de que dispõem neste domínio, e de serem apanhados pelos países europeus.

Exemplos de utilização possível do sistema de videotex francês através de «DL». A demonstração de que damos algumas imagens foi feita para o «DL» dos CIT das Picoas, durante o recente Simpósio «As Comunicações e o mais deste tipo estão a ser distribuídos gratuitamente aos assinantes dos as listas telefónicas habituais. Se o utente não o receber deste modo e quiser pagando 1000 escudos por mês. Na foto de cima, o demonstrador marcou o do um computador que tem na sua memória todas as listas telefónicas de e, seguindo instruções extremamente simples, pediu o número de telefone dos nes. No écran apareceu imediatamente toda a informação que o leitor pode morar: os números de telefone: são apenas dois os «Ferreiras» com telefone o vê-se encomenda que o demonstrador acabava de fazer através do mesmo doute». Encomendados a partir de um volumoso catálogo comprado nos m referenciados, por números de código, todos os artigos disponíveis para dois tintos de mulher e o «tee shirt» desejados serão entregues contra te, pelo correio ou por um camião do armazém. Finalmente, na foto de baixo, banco de dados, com o resumo da única publicação sobre a utilização da ortugal que consta do banco de dados Questel. Com terminais do mesmo tipo, ira página deste suplemento, já é mesmo possível, tecnicamente, efectuar ao domicílio.

As "memórias" dos computadores para que serve a RAM e a ROM

Uma característica que é comum a muitos génios da Humanidade é a incrível capacidade para absorver grandes quantidades de informação.

Felizmente para os outros, esta vantagem de alguns homens está hoje ao alcance da tecnologia. Há já algumas décadas, os computadores ultrapassaram os homens nesta capacidade de armazenar informações. Contudo o preço exorbitante tornava os computadores uma raridade, uma invenção da electrónica que só as grandes firmas podiam possuir.

Hoje, microcomputadores superiores à primeira geração de computadores comerciais estão ao alcance de muitas bolsas individuais (alguns custam apenas 100 dólares nos EUA). E o facto que torna estes computadores tão poderosos é a memória. Quanto mais capacidade tem a sua memória, mais poderosos são. Nos sistemas usuais de microcomputadores, há, essencialmente, dois tipos de memória como vamos ver.

Se «espreitar» para dentro de um computador (o que apetece fazer de vez em quando), verá filas de rectângulos pretos (chips) «encaixadas» numa placa de plástico. Alguns destes chips, de tamanho médio, são muito provavelmente ROM e muitas das filas de chips mais pequenos são RAM, na gíria dos computadores.

A memória ROM (Read Only Memory – memória só para leitura) contém instruções permanentes que dão ao computador a sua «personalidade», que o tornam, por assim dizer, único.

Estas instruções «metidas» no circuito electrónico pelo construtor, permitem ao computador encaminhar as instruções introduzidas através doeteclado e responder, apropriadamente, exibindo os resultados num ecrã. O que significa que, sem ROM, o computador seria inútil.

Visto que um computador só compreende linguagem de máquina – demasiado difícil e aborrecida para que os homens trabalhem com ela – a ROM, geràlmente, abriga um intérprete. O intérprete traduz, automaticamente, uma linguagem de computador facilmente utilizável pelo ser humano (BAXIC, regra geral) para a incómoda linguagem que o computador compreende.

Em BASIC intruduzimos no teclado:
10 A = 19
a ROM converte o BASIC para a linguagem de máquina:
582 A9 LDA 19
583 13
584 8D STA 0325
585 25
586 03

Todavia, muitas pessoas não têm tempo para aprender a linguagem do computador, de modo a poderem criar os seus próprios programas. Felizmente, essa habilidade é desnecessária, pois existem programas já feitos para praticamente todos os fins.
Trabalhar com o ROM é como trabalhar com um manual de instruções pré-construído, que não podemos alterar. Esta memória ROM pré-programada é um pouco como os nossos genes, que concedem um modelo previsível ao comportamento de um computador.

O segundo tipo de memória chama-se RAM (Random Acess Memory – memória de acesso casual) e assemelha-se mais aos nossos próprios pensamentos. Tal como nós podemos mudar de ideias e alterar a nossa actividade, a memória RAM pode ser manipulada inclusivamente para alterar o seu conteúdo.

Ao contrário do que se passa com a ROM, quando o computador é ligado a RAM, é como se estivesse em branco, aguardando as suas instruções. Se deseja escrever os seus próprios programas, basta bater no teclado uma série de instruções. Á medida que as for batendo, elas vão surgindo no ecrã e ficando registadas simultaneamente na RAM. Se deseja conservar o programa para o usar mais tarde, tem de deixar o computador ligado ou, o que é mais frequente fazer-se, conservar o programa numa fonte de armazenagem exterior.

Visto que o que está na memória RAM se perde quando se lhe retira a energia, os programas que se querem conservar são armazenados numa cassette ou numa disquette. Assim, de cada vez que precisar desse programa, é só introduzir essa cassette ou essa disquette no computador, tal como se desejasse voltar a ouvir um trecho musical gravado numa cassette ou num disco e o gravasse numa aparelhagem estereofónica.

Ainda que a perca do conteúdo da RAM se possa tornar num problema, quando falta a energia, a RAM concede ao computador uma tremenda flexibilidade. Como a RAM inicialmente está em branco, o computador pode servir para jogar ao xadrez ou fazer a contabilidade de uma firma, por exemplo, consoante o programa que se escolher.

A memória ROM já foi definitivamente programada na fábrica. Aquilo que podemos fazer com a RAM, em contrapartida, só é limitado pela nossa imaginação.

Brevemente comercializado em França

Linguagens simplificadas para interrogar bancos de dados

Será possível dentro de pouco tempo interrogar os bancos de dados através de uma linguagem «natural», daquela que se fala correntemente sem que sejam sempre respeitadas as regras da gramática? Este sonho acalentado por numerosos utilizadores, esta possibilidade de poder finalmente aceder aos múltiplos dados armazenados pelo simples acto de dactilografar uma pergunta num teclado, torna-se pouco a pouco uma realidade.

Na verdade, se os bancos de dados florescem em todos os domínios da ciência, da indústria, da economia, etc., cada um deles tem o seu modo de emprego específico que é necessário conhecer antes de poder consultá-lo. Daí a necessidade de aprender as linguagens de acesso ou de recorrer a documentos especializados.

Com o sistema Focus este esforço de aprendizagem torna-se inútil visto que esta logicial se encarrega de traduzir a pergunta numa linguagem acessível ao banco de dados escolhido. Este sistema, desenvolvido pela sociedade americana Informations Builders Inc. (New York) e comercializado em França pela sociedade Progilog, torna assim facilmente acessíveis aos não informáticos os dados memorizados em certos bancos, e isso tanto mais que ele acabou, muito recentemente, de ser adaptado aos microcomputadores.

Essencialmente concebido para os serviços comerciais das empresas, pequenas ou grandes, ele comporta igualmente funções de cálculo, de criação e de modificação de ficheiros.

Focus conta no seu vocabulário com cento e cinquenta a duzentas palavras chave que é necessário conhecer para o utilizar nas melhores condições. Isto porque o logicial americano contribui incontestavelmente para a pesquisa da informação mas é incapaz de «raciocinar».

Franqueada mais uma etapa

Faltava portanto uma etapa para criar um logicial susceptível de responder a qualquer questão, e de colocar realmente, deste modo, os bancos de dados ao alcance de todos. Os responsáveis da sociedade Erli franquearam essa etapa realizando o logicial Safira.

É verdade que os protótipos actualmente em estudo, o que deveriam conduzir, na Primavera de 1984, a um progicial comercial são concebidos para meios profissionais bem definidos.

Mas eles poderiam vir a ser o ponto de partida de sistemas mais complexos, acessíveis a um público muito vasto.

O primeiro cuidado daqueles que conceberam este logicial, que iniciaram os seus trabalhos há dez anos, na Universidade de Paris – X, consistiu na modelização do universo do meio profissional escolhido como alvo. Por outras palavras, tratou-se de assinalar o vocabulário e as expressões comuns aos membros de uma mesma profissão.

Um dos primeiros protótipos elaborados destina-se aos professores do ensino secundário. Ele é capaz de reconhecer cerca de trinta mil palavras relativas aos professores, aos alunos, às matérias ensinadas, aos estabelecimentos escolares, etc.. Este vocabulário seria ainda demasiado limitado e não permitiria ao Safira a tradução de todas as questões apresentadas, se o logicial não fosse capaz de descrever a forma sintáctica da linguagem natural e de «compreender» um termo desconhecido do seu dicionário. Assim, colocado perante a questão: «disciplinas ensinadas pelos professores do liceu Corneille?», ele identificaria «Corneille» como um nome de estabelecimento e seleccionaria no banco de dados os liceus que têm esse nome. Em caso de dúvida ele pediria confirmação ao utilizador.

«Intelect» nos EUA

Actualmente o Safira funciona com computadores IBM de média ou de alta gama; no futuro, prevê-se a sua adaptação a modelos mais pequenos. A mais curto prazo, os seus investidores introduzir-lhe-ão alguns melhoramentos antes de passar à sua industrialização: pretendem designadamente enriquecer o seu vocabulário e reescreve o programa numa linguagem mais geral que aquela utilizada actualmente (PL 1), afim de poder adaptá-lo a uma gama de máquinas mais larga.

Um logicial que funciona com base em princípios análogos aos do Safira, está já a ser comercializado nos Estados Unidos desde há dois ou três anos sob o nome de «intelect».

Comunicações e Informática

Continuação da pág 5

da nossa informática são patentes na definição das carreiras informáticas na função pública e na maioria das grandes empresas.

As cracterísticas autocráticas da informática nacional manifestam-se na oposição sistemática que a informática já implantada nas empresas faz a todo o tipo de soluções informáticas que não brote de si própria nem seja por ela controlada.

As características centralizadoras da informática nacional manifestam-se na oposição às soluções informáticas repartidas e/ou distribuídas, com base em mini ou supermini sistemas com acesso fácil e directo a todos os que, nas organizações, podem beneficiar da utilização de suportes informáticos.

Linhas de Desenvolvimento Informático Nacional

Os técnicos consideram urgente promover a vulgarização da utilização informática a todos os níveis, bem como a instauração de soluções informáticas repartidas e distribuídas, permitindo acesso directo dos homens às máquinas, com correspondente minimização dos intermediários informáticos.

Os técnicos consideram urgente promover o alargamento das soluções informáticas dedidas e adequadas à especificidade da problemática a que se dirigem, sem prejuízo do estabelecimento de uma infraestrutura informática global, a nível empresarial ou sectorial, por recurso à utilização generalizada das redes de computadores e de bases de dados adequadamente estruturadas.

Os técnicos consideram urgente a promoção da utilização dos meios informáticos a todos os níveis de ensino, formação profissional e reciclagem, com vista à optimização dos processos empresariais a todos os níveis.

Os técnicos consideram importante a formação de engenheiros de computadores, capazes de dimensionar de forma integrada soluções informáticas empresariais, numa óptica de independência face aos interesses comerciais nacionais das importadoras de equipamento informático.

A Informática no Sector das Telecomunicações

A vulgarização da informática ao nível das Operadoras e da Indústria do sector das telecomunicações é extremamente reduzida, limitando-se, na generalidade, à informática centralizada de gestão, executada pelas Direcções Informáticas destas empresas.

É urgente estimular a penetração de meios informáticos adequados a outros níveis da actividade das empresas. É confrangedor verificar a inexistência de computadores associados à engenharia de desenvolvimento e produção na indústria do sector.

Torna-se necessário que a engenharia de planeamento e operação tenham acesso rápido a meios informáticos interactivos. Seria desejável separar a informática de suporte comercial da empresa da informática de engenharia, necessariamente mais dinâmica e com problemas computacionais de índole totalmente diferente da parte administrativa.

É urgente contrariar a tendência centralizadora dos actuais sectores informáticos, pela evidente contracorrente histórica da opção que representam e pela óbvia impossibilidade de poderem satisfazer centralizadamente à explosão da utilização de meios informáticos que se advinha no horizonte.

tento ao balcão, observações feitas nos tados Unidos permitem pensar que os is sistemas não apresentam grandes di-enças, enquanto que na Europa os uichets» automáticos parecem nitida-ente mais económicos.

No seu conjunto, as previsões de custos m que os bancos se baseiam para orga-izar sistemas de transferência electróni-a de fundos, assentam numa baixa do custo das máquinas e numa subida do custo da mão-de-obra. Estas hipóteses parecem bastante válidas, sendo provável que os bancos não tenham que lamentar o facto de terem acreditado nas vantagens que poderiam extrair dos investimentos consagrados a essas instalações. A experiência adquirida até à data leva a pensar que os sistemas de pagamento electrónico podem permitir realizar economias de escala.

A agonia e o extase do americano que compra o seu primeiro computador

Miguel Ângelo seria um perfeito novo comprador de um computador, se vivesse nos dias de hoje. Na primeira ou segunda semana de aprendizagem de como funciona e como funcionar com o computador, o software, a impressora, escreveria o segundo volume de **«A Agonia e o Êxtase»**. Num dia tudo sai bem, no dia seguinte, esquece-se um pormenor, carrega-se no botão errado e não se consegue nada de jeito, e não se percebe porquê, se no dia anterior correu tudo tão bem...

Há três semanas, recebi em minha casa os componentes que me iam tornar num «escritor computorizado». Pensava que tinha feito tudo como devia. Tinha lido vários livros. Tinha pedido conselhos a inúmeras pessoas. Visitara várias lojas de computadores. Tinha assinado duas ou três revistas sobre computadores e lido nas livrarias os que não tinha assinado.

Tinha feito listas comparativas para cada computador; capacidade de memória, poder de cada um. Conhecia as definições para RAM, ROM, bytes. Já falava mais por números do que por palavras. Pedira catálogos para diversas fábricas e tinha-me mesmo filiado numa associação de utentes de computador.

Assisti a tantas demonstrações de software de tratamento de texto, cansei-me de movimentar caracteres de mexer nos parágrafos e de fazer aquilo que se estava a tornar rapidamente na minha segunda natureza.

Estava impaciente por ter o meu próprio computador e começar a trabalhar com ele. Tinha pilhas de manuscritos à espera de serem batidos à máquina. Era como uma criança à espera do Natal. Já imaginava contos e artigos perfeitamente escritos à máquina em poucos minutos.

Finalmente comprei...

Assim, após muitas deliberações, comparações de preços, negociações, estudos de manuais de instrução e catálogos, peguei no livro de cheques e fui à procura do equipamento. Não um equipamento tipo «gazua», mas diferentes componentes de várias origens. Deste modo, poupava bastante dinheiro.

No dia da entrega, quando já estava tudo montado, o homem que tinha feito a instalação disse: «OK. Está pronto a funcionar. Eis o que tem que fazer. Liga o sistema e então carrega no 'B'».

«'B'? Porquê B», perguntei.

«B de **boot**.», respondeu. «Tem de carregar no B sempre que ligar o sistema».

Nessa altura apercebi-me de que afinal não sabia nada. Nada de nada. Nem como testar o sistema nem como copiar uma cassete ou como utilizar os programas. Nem sequer sabia o que precisava de saber.

Pânico total. Nunca me sentira tão ignorante desde um exame de química no colégio. Ali estava aquele enorme investimento provocando-me e tudo o que eu conseguia pensar era «Ui!». Tentei «conquistá-lo». Falei com ele. Discuti com ele. Carreguei nos botões todos. Mas nada do que esperava, aconteceu.

Só hávia uma coisa a fazer. Quando tudo o mais falha, recorre-se às instruções. Os manuais todos juntos pesavam perto de quatro quilos. Não sabia por onde começar.

Manuais é uma palavra que se tornou quase maldita. Nunca encontrei nada mais difícil de ler, impossível de seguir, palavroso e mal escrito. O que não é surpreendente, quando se pensa nisso. São escritos por pessoas que sabem é de computadores e só falam a linguagem dos computadores. Partem do princípio que você sabe mais do que na realidade sabe. Não começam pelo bê-á-bá. Uma pessoa perde-se neles. Para mais, para tornar a coisa ainda mais intolerável, dão-lhe quatro séries deles ao mesmo tempo. Os que respeitam ao software, ao terminal, ao computador e à impressora.

Como complemento dos manuais gerais, manuais por componentes e montes de folhas com diagramas. Alguns dos manuais gerais, partem do princípio que já leu os manuais dos componentes primeiro, por isso omitem uma série de informações que se encontram algures. Quem é que tem paciência para isto?

Ignorante ou estúpido?

Ignorante? Estúpido? Estas palavras não logram descrever o sentimento que se apoderou de mim. Eu que escrevi livros definitivos sobre como trabalhar com várias artes manuais e técnicas diversas, tais como escultura em madeira, ferro forjado, carpintaria, etc... Como era possível ser rejeitado por um computador? Qual era o problema?

Assistência. Oh, sim. Era isso. O que eu precisva era de assistência. Quando comprei o equipamento, o vendedor assegura: «Se tiver alguma dúvida, alguma dificuldade, nós damos-lhe toda a assistência necessária». Estupendo, só que para alguns representantes, essa assistência inclui apenas duas horas. Além disso, paga-se mais de 25 dólares por hora. Eu podia ter a assistência da companhia que me instalou o computador, mas eles não sabiam usar o software de tratamento de texto que eu havia adquirido.

Passei dias às voltas com os manuais, cada vez mais frustrado. Por fim, lá consegui entrar em contacto com a companhia que tinha concebido o software que eu usava. Disse-lhes que estava com problemas. Disseram-me para contactar a firma que mo tinha vendido. Informei-os que o tinha comprado por correspondência pois assim ficava mais barato. Responderam-me que isso era o que acontecia a quem comprava material por correspondência, não beneficiavam de assistência técnica.

Então, disse-lhes que o manual de instruções deles não valia nada, que não era suficientemente bom para ajudar as pessoas a desenvencilharem-se sozinhas. Por fim informaram-me que a companhia estava a planear realizar vários seminários e um novo manual para ensinar «pessoas como eu» a lidar com os programas. Finalmente, o vendedor com quem eu estava a falar, sorriu e disse: «faça-me um favor, escreva para o presidente da companhia a expor o seu problema». Pouco tempo depois, recebi um novo manual.

Ao fim de três semanas

Estou agora na minha terceira semana com o computador e já começo a sentir-me humano novamente. Sinto-me como se estivesse em convalescência, após uma prolongada doença – e muitas noites de insónia, a perguntar a mim mesmo onde é que eu tinha errado. Hoje, começo a perceber como devo ler os meus manuais, como procurar aquilo que preciso.

Também começo a compreender a «realidade». Por exemplo, agora vejo que enquanto andava à procura, muitos dos vendedores com quem falei e que me faziam as suas demonstrações, só conheciam os procedimentos básicos de rotina – e nenhuma das operações mais complicadas. A maior parte dos vendedores só sabe o suficiente para «encher os olhos».

Também comecei a perceber que o que se tinha passado comigo, acontecia a toda a gente nos primeiros tempos, após terem adquirido os seus computadores. Muitos me disseram: «sei o que é isso, também já passei por aí».

Cheguei, só uma vez no entanto, a sentir-me arrependido por não ter comprado um daqueles sistemas completos tipo gazua, pois nesse caso uma única companhia teria sido responsável por tudo... incluindo eu próprio. Mas, no fundo, sabia que ninguém me podia ajudar verdadeiramente; eu tinha de fazer asneiras e ir aprendendo lentamente a trabalhar correctamente. A única coisa que se pode fazer é tentar não repetir duas vezes o mesmo erro. Tomar consciência do erro é um passo importante. O passo seguinte é analisar o erro e corrigi-lo

«Já não penso noutra coisa»

Durante esse período, várias pessoas me disseram que eu não tardaria a usar o computador eficientemente, que esqueceria bem depressa a vetusta máquina de escrever. Essas pessoas tinham razão. Três semanas depois, aqui estou eu a escrever e «editar» os meus textos com o computador. Ainda tenho muito que aprender. Não me consigo deter e estou sempre a tentar penetrar em zonas mais recônditas do computador. Estou a pensar em novos adaptadores e mesmo na possibilidade de um segundo terminal. Estou intrigado pelo meu programa de software que corrige os meus «erros» de dactilografia quando eu não o quero fazer e já estou a pensar em escrever um programa, eu mesmo.

Descobri algo que ninguém me ensinou: o computador é uma óptima maneira de fazer dieta. Trabalhar com ele apaixona-me tanto, absorve-me tanto, que chego a esquecer-me de comer, salto refeições. Por vezes, no entanto, após ter passado horas e horas sentado, tenho medo de ficar completamente «apanhado» pelo computador. O remédio nessas alturas, é vestir o fato-de-treino e ir correr um bocado, fazer jogging. Em que é que eu penso quando estou a correr? Advinharam: «Como posso fazer isto e aquilo com o computador».

Miguel Ângelo já não é para aqui chamado. A agonia e o êxtase podem tomar muitas formas.

DONA Z. MEILACH

EPG
BELL & HOWELL
reduz o seu arquivo
à expressão mais simples
Reduza as toneladas de papel da sua Empresa, para um espaço mínimo, utilizando o nosso SERVICE BUREAU. Microfilmamos documentos administrativos, desenhos, projectos de arquitectura, etc. em 16 e 35 mm.

rtudein
nbiw fec
vxhe ik
xzad ml
Agora também em regime de SERVICE BUREAU
LIMA MAYER
Lisboa - Tel. 854071 · Porto - Tel. 693445 Coimbra - Tel. 75562

Seis recomendações para seis meses

Continuação da pág. 4

Recomenda-se ao governo que:

Defina com clareza os objectivos que deverão ser alcançados pelos sistemas nacionais de comunicações

Organização e funconamento do sector

Urge (...) praticar uma política de investimentos a médio prazo, mediante os quais as empresas se possam comprometer, através de contratos-programa, com «plafonds» mínimos de investimento plurianual, na execução dos seus planos de médio prazo.

Recomendamos portanto ao Governo que:

Crie condições que permitam melhorar o funcionamento coordenado das empresas do sector e a sua gestão, nomeadamente quanto:

– ao desenvolvimento de vectores interinstitucionais que permitam uma projecção agressiva do sector face aos restantes sectores económicos nacionais e à competição do mercado internacional.

– a definição do estatuto de gestão nas empresas públicas, conferindo-lhes maior responsabilidade, num clima de miior estabilidade e liberdade.

– ao estabelecimento de uma prática de gestão baseada em planos de investimento plurianuais.

Cooperação internacional

É reconhecido por todos os países de língua oficial portuguesa que os factorres de ordem linguística e cultural e a grande semelhança da sua legislação e regulamentação facilitam a cooperação, sendo de consenso que é pertinente reforçá-la.

Na verdade a cooperação internacional é um conceito natural neste sector, em particular, a cooperação com os países de língua oficial portuguesa.

Recomenda-se ao Governo:

Coopere-se
que haja resultados visíveis, dentro de seis meses

O computador explicado por quem sabe (1)

Explicar o que é e para que serve um computador parece não ser tarefa fácil. Pelo menos é o que se deduz do facto de haver tanta gente que não sabe o que são «essas máquinas complicadas» e de o mesmo tempo se falar tanto delas e elas estarem tão presentes no nosso quotidiano. A IBM tentou dar uma ajuda e o Departamento de Programas Externos e Comunicações da sua filial portuguesa editou recentemente uma interessante brochura que procura ajudar a compreender, sobretudo aos mais jovens, «os métodos de trabalho e operação do computador». Da autoria de Rulf Meigenfind e com desenhos de Peter Tresckow, o álbum intitula-se «Que resposta dá quando lhe perguntam como é programado um computador»?

É este instrumento de divulgação, que aquela companhia distribui aos alunos das escolas que a visitam, que o «DL-Informática» começa a publicar nesta edição.

Há já muitos anos que lidamos com computadores. E sempre se nos apresenta o mesmo quadro: caixas e caixinhas cinzentas impedem-nos a visão do essencial.

Muitos pensam que, se ao menos se pudesse compreender, o que se passa dentro dessas caixas apinhadas de fios, contactos e ligações electrónicas, o problema da compreensão do computador ficaria resolvido. Contudo, as caixas do computador são tão importantes como a carroçaria do automóvel. Sem dúvida, as suas formas e ornamentos têm o objectivo de nos atrair, embora não contribuam em nada para a locomoção. O mesmo acontece com o assim chamado «Hardware» (equipamento mecânico) do computador.

Comparando um computador actual com um de há alguns anos atrás, verifica-se que este «hardware» foi já reduzido ao essencial: Teclados, écrans, impressoras, ou seja, aos elementos que estabelecem a ligação entre o homem e a máquina. Actualmente, a electrónica em si já não necessita grandes recipientes, que foram assim reduzidos a uma ordem de grandeza quase microscópica. Em contrapartida, a sua poência atingiu dimensões astronómicas.

Felizmente, no$ dias de hoje, já não é preciso conhecer os pormenores da construção de um computador para poder lidar com ele. Tal é provado pelo grande número de pessoas que, nas mais diversas actividades profissionais, trabalham com computadores com tanta naturalidade como se nunca tivessem feito outra coisa. E, no entanto, o trabalho hoje por elas desempenhado conseguiu atingir um carácter novo devido aos computadores.

Pois o computador não só executa o processamento de inúmeras informações, anteriormente arquivadas na cabeça ou numa pilha de dossiers, mas também parte dos trabalhos constituída por rotinas, esquemas e repetições cansativas.

De qualquer modo aprendemos a dispor naturalmente da contribuição do computador. E muitos lidam com ele com quase tanta confiança como com o telefone. Isto tem como consequência que, com a crescente computarização aumentam igualmente as experiências, tanto as boas como as más.

O computador tem realmente toda a culpa?

Curiosamente a nossa tendência nos dois casos referidos é respnsabilizar o computador por tudo. Nos casos positivos atribuimos-lhe o mérito, nos negativos a culpa. De uma maneira espantosa, diminuimos a parte da contribuição do homem. Voltamos ao exemplo do automóvel atrás referido: Quem é responsável ao passar numa curva perigosa, sem se despistar? A condição da estrada ou a aderência do automóvel, ou a sua visão exacta, a sua capacidade de conduzir o veículo e reduzir a velocidade para um valor dentro dos limites da segurança?

Ou o contrário: Responsabilizaria o seu automóvel se passasse por um semáforo com luz vermelha?

É nosso dever formular as suas tarefas, fornecer as informações necessárias para a resolução, descrever o caminho para o resultado certo. Isto significa que, sem contribuição do homem, o computador não tem qualquer valor. Ele sai da fábrica em branco. Nós temos de pré-escrever a sua tarefa. E se errarmos, o computador não se transformará na ajuda esperada.

Assim chegamos ao verdadeiro assunto desta brochura: a programação.

O programa em si decide sobre o valor do computador. Se estiver errado, também os resultados estarão errados. Se estiver certo, as soluções estarão certas. A programação é o elixir do computador. Somente através dela o computador se transforma num instrumento com o qual se podem realizar um número quase ilimitado de trabalhos específicos. E a qualidade da programação não depende somente dos factos e dados e de algumas definições de problemas postos ao computador mas, sobretudo, da riqueza de ideias, da criatividade e da perspicácia das pessoas que desenvolvem os programas. Por outras palavras: Não há computador que possa ter maior riqueza de ideias, criatividade e perspicácia do que o homem que o programou.

Esta brochura serve meramente para uma melhor compreensão dos métodos de trabalho e operação do computador. A técnica do computador e a metodologia da programação foram entretanto tão simplificadas que lhe é possível entender-se facilmente com o computador, em conhecimentos especiais do ramo.

O que é que um computador tem a ver com as suas férias

Suponhamos que V. se dirige a uma agência de viagens para obter informações sobre as possibilidades de fazer férias na praia utilizando o seu automóvel como meio de transporte.

A empregada atrás do balcão toma conhecimento do seu pedido. A seguir dirige-se a um aparelho que parece resultar do cruzamento entre uma máquina de escrever e um aparelho de televisão — não sendo outra coisa senão um terminal de computador.

Ela introduz o seguinte: INTERROGAÇÃO BANCO DE DADOS FÉRIAS: DENTRO FRONTEIRAS, MAR, AUTOMÓVEL.

Passados alguns segundos ilumina-se o écran indicando todos os lugares em Portugal («DENTRO FRONTEIRAS») que se situam perto do mar («MAR») e que podem ser alcançados de automóvel («AUTOMÓVEL»).

Estes lugares ser-lhe-ão propostos. Depois de V. ter feito a sua escolha, a empregada fará por computador a reserva num hotel, numa questão de segundos. No mesmo instante você receberá a confirmação da reserva.

Em princípio não parece ser um procedimento fora do normal. Mas veja o assunto da seguinte maneira:

— Em vez de lhe indicar 3 ou 4 lugares, que lhe teriam ocorrido espontaneamente, a empregada da agência conseguiu propor-lhe todas as possibilidades existentes de poder fazer férias na praia, de automóvel (desde que o seu computador tenha sido tão bem programado que todas as possibilidades tenham ficado armazenadas na memoria).

— Em vez de lhe indicar também um lugar de férias que poderia ser alcançado por comboio, ela indicou-lhe localidades só ao dispor de automobilistas.

— Em vez de folhear os catálogos durante horas, ela indicou-lhe todas as possibilidades numa questão de segundos.

E se considerar que a empregada da agência lhe pode dar informações acerca de viagens não só no país, mas em todo o mundo, por via terrestre, marítima ou aérea, poderá avaliar os serviços que actualmente são prestados pelo computador.

Mas como pode o computador solucionar o problema apresentado no nosso exemplo? Pressupõe-se que foram abrangidas todas as indicações existentes nos catálogos e folhetos de viagens. A seguir estas indicações foram classificadas segundo determinados critérios (p. e. MAR, MONTANHA, AUTOMÓVEL, COMBÓIO), memorizadas e relacionadas entre si no banco de dados.

Em suma, deve haver algo que permite à empregada junto do écran questionar as diferentes informações:

— um *Programa* com o qual o computador foi *Programado* pelo *Programador.*

Assim chegamos aos tópicos que servirão de base para os próximos capítulos.

(Continua no próximo número do «DL»-Informática)

A EXPERIÊNCIA CONTA!

A nossa equipa de especialistas em microcomputadores, pode provavelmente, oferecer-lhe muito mais anos de experiência do que qualquer outra, neste sector.

A certeza de um investimento seguro apoiado numa experiência comprovada é o que mais conta para os nossos clientes.

Também V. pode dispôr desta garantia que lhe oferecemos com um serviço completo e permanente de: Análise e Programação, de Formação e de Assistência.

A SOLUÇÃO DO SEU PROBLEMA ESTÁ NAS SUAS MÃOS!

CONSULTE-NOS!

APAL divisão de micro informática e sistemas

ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
RUA RODRIGUES SAMPAIO 15-2º TELEF 578093 (PPCA 8 LINHAS)
1199 LISBOA CODEX-PORTUGAL TELEX 15645 APAL P-TELEG ANTOCOPA

Disponha dos serviços de um grande equipamento de um TERMINAL

• TELEPROCESSAMENTO •
•SERVICE BUREAU •

— CONCEPÇÃO, ANÁLISE E PROGRAMAÇÃO DE SISTEMAS
— PROCESSAMENTO DE DADOS
— RECOLHA DE DADOS
— BLOCK-TIME

TEMOS AO SEU DISPOR «PACKAGES» DE CONTABILIDADE FINANCEIRA E ANALÍTICA, VENCIMENTOS, GESTÃO E RACIONALIZAÇÃO DE STOCKS, FACTURAÇÃO, ESTATÍSTICA, CUSTEIO, ETC.

LÓGICA-INFORMÁTICA
Av. Almirante Reis, 95-A - 1000 LISBOA
Telefs. 53 75 35 - 53 81 04/5

Novidades do mercado • Novidades do mercado • Novidades do mercado

NCR apresentou o computador pessoal Decision Mate V

A NCR acaba de apresentar em Portugal o computador pessoal DM-V (DECISION MATE V) baseado na mais avançada tecnologia e aproveitando a experiência da evolução do mercado.

De acordo com os responsáveis da NCR no nosso país, o DECISON MATE V é o primeiro computador pessoal desenhado e fabricado na Europa; destinado ao mercado profissional e empresarial, foi lançado com uma biblioteca de software para proporcionar o maior número de funções ao menor preço possível.

Ao mesmo tempo, com a introdução do DECISION NET, conceito exclusivo da NCR, a Companhia criou redes de área local para conectar microcomputadores de marcas distintas, num sistema de comunicações e recursos compartidos.

Com o DECISION NET as grandes organizações podem proporcionar aos executivos os seus próprios computadores pessoais inseridos em redes de comunicações, dando a vantagem de partilharem ficheiros comuns e periféricos de alto custo como por exemplo impressoras de qualidade para correspondência. Esta capacidade pioneira de estabele eer redes de microcomputadores de diversas marcas, consegue-se mediante a utilização de uma rede de área local NCR OMNINET e um sistema de partilha de ficheiros desenvolvido pela NCR chamado MODUS que permite uma eficaz gestão dos mesmos, aliviando o programador de muito trabalho.

DECISION NET inclui armezenamento maciço compartilhado e software para conectar todo o hardware e toda a rede. O sistema proporciona segurança de ficheiros e correio electrónico a um total de 63 computadores pessoais conectados à rede.

Permite também a ordenação dos trabalhos a imprimir indicando a ordem correcta de carga.

O NCR DM-V proporciona uma capacidade de memória até 512 K Bytes, disquetes ou discos Winchester e écran de alta resolução, monocromático ou a cores, para gráficos.

Uma característica avançada do DECISION MATE V da NCR é a facilidade de se lhe adicionar periféricos e memória sem ter que abrir o equipamento; mediante conexões externas ao «bus», o utente pode ligar as unidades adicionais, incluindo um módulo de diagnóstico que canaliza e extrapola as possíveis falhas e facilita assim a sua reparação. Pela alta tecnologia e pelas destacadas características que oferece, a NCR espera que o Computador Pessoal NCR DM-V tenha no mercado português o mesmo acolhimento que tem tido nos Estados Unidos e em mercados europeus, onde os pedidos superaram as previsões no primeiro semestre do ano em 40%.

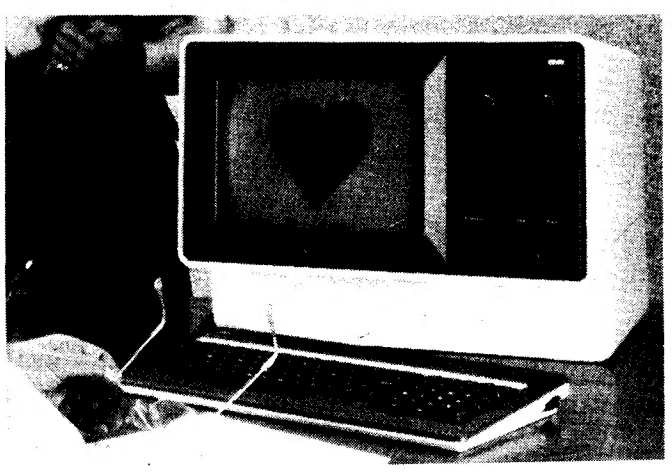
Uma empresa com 100 anos

A NCR é a empresa de informática mais antiga do mundo e.

No exercício de 1982, a NCR Corporation alcançou uma facturação superior a 3 500 milhões de dólares e a NCR Portugal espera atingir para o exercício do corrente ano um total de 1 200 000 contos.

Na definição da própria companhia, a NCR seguiu sempre, desde a sua fundação em 1884, uma filosofia básica: «Estudar os problemas dos clientes e procurar a melhor solução».

Presentemente, a NCR desenvolve, fabrica, comercializa e instala computadores e outros sistemas informáticos nos mais diversos mercados de todo o mundo, sendo generalizadamente reconhecida a qualidade dos seus serviços.



Computador Pessoal DM V

Processador central	Z-80A de 8 bits (4MHZ) 8088 de 16 bits (5MHZ)
Memória	RAM – 64 KB – Ampliável até 512 KB ROM – 4 K
Memória do processador	32 K (monocromático)
de gráficos	96 K (policromático)
Écran	12"monocromático (verde sobre fundonegro) ou policromático 24 linhas 80 caracteres por linha 1920 caracteres por écran 640 x 400 pontos com iluminação selectiva
Écran de cor	Opcional
Teclado	Destacável e de baixo relevo, alfanumérico + grupo de teclas numéricas e 20 teclas de funções programáveis.
Unidade de disco	Concebido para duas disquetes ou para uma disquete e um disco fixo.
Disquete	Integrada de 5.25 polegadas, dupla densidade e duas faces de 500 KB cada uma, não formatada e 320 KB cada uma quando formatada.
Disco fixo	Winchester, integrado de 5.25 polegadas 12.76 Mb, não formatados
3 unidades	10 Mb formatados
Tecnologgia «Mouse»	Opcional
Sistema Operativo	CP/M – 80R (processador de 8 bits) CP/M – 80R, CP/M – 86R, ou MS – DOSr para processador dual de 8/16 bits.

Linguagens – Basic, Cobol, Fortran e Pascal

Bull anunciou quatro novos terminais Questar

A BULL anunciou recentemente uma nova série de quatro terminais Questar, monocromos e cor, conectáveis a todas as suas linhas de computadores e compatíveis com os antigos modelos da família Questar.

Foi atribuído um cuidado especial às características ergonómicas destes novos terminais. As condições de trabalho do utilizador foram particularmente estudadas, nomeadamente no que respeita ao conforto visual, conforto de postura, facilidade de utilização, ambiente e segurança:

— conforto visual: eliminação dos reflexos, alta definição dos caractéres afixados, regulação da intensidade luminosa;

— conforto de postura: possibilidade de adaptação, pelo utilizador, dos diferentes elementos do terminal, teclado inclinável, «écran» crientável;

— simplicidade de utilização: teclados adaptados aos diferentes códigos nacionais, numerosas teclas de função;

— conforto de ambiente e segurança: funcionamento silencioso, fraca emanação calorífica e conformidade com as normas nacionais e internacionais em matéria de segurança e de emissões radioeléctricas.

De acordo com o fabricante, a família Quester foi concebida a fim de assegurar um máximo de independência em termos de instalação, de manutenção e de adaptação às necessidades do utilizador. Graças à utilização de um «menu», este pode especificar a unidade lógica do terminal, os detalhes do modo de funcionamento (velocidade de transmissão, modelos da impressora conectada...) e a personalização do terminal (teclas de função, selecção do cursor, tipo de alarme visual ou sonoro, frequência de repetição das teclas, selecção das teclas possíves de repetir automaticamente, visualização normal ou invertida, escolha de pontuação numérica, etc.). Uma bateria recarregável mantém em memória estas instruções durante 200 horás.

Cada terminal compõe-se de três elementos separados, ligados entre si por cabos flexíveis: «écran», teclado e unidade lógica. Isto permite que o utilizador arranje o seu posto de trabalho a seu gosto.

Módulos de testes e de diagnósticos são automaticamente lançados, desde a colocação sob tensão e a pedido do utilizador. Se for detectado um incidente, o utilizador é informado do elemento em falta, o qual poderá substituir imediatamente (écran, teclado, unidade lógica) a partir do seu próprio «stock». Além desta forma de manutenção participativa, o utilizador pode também optar por uma manutenção, no local, assegurada pela rede BULL.

Novo sistema de impressão

A BULL anunciou agora o lançamento de um sistema de impressão «não impacto», Modelo M 9060, utilizando uma tecnologia magnetográfica desenvolvida no seio do grupo, a qual permite velocidades elevadas de impressão aliadas a uma grande qualidade de impressão e uma escolha importante de caractéres e de símbolos gráficos.

O sistema M 9060 apoia-se nas propriedades de tecnólogias magnéticas que permitiram às equipas de estudo de BULL atingir, por um lado, altas performances (cerca de 90 páginas/mn), uma grande definição de impressão (240 pontos/polegada), uma fiabilidade particularmente elevada para este nível de máquina e uma grande simplicidade de utilização e de manutenção.

O M 9060 pode combinar, sobre papel vulgar ou pré-impresso, os diversos dados, provenientes do ordenador principal, com elementos gráficos, tais como logotipos, quadros, títulos, desenhos, assinaturas criadas pelo utilizador sobre um «écran» gráfico ou uma consola numérica, fornecidos em opção com o sistema. Horizontalmente, a densidade de impressão pode variar de 1 a 20 caractéres por polegada e verticalmente, de 1 a 18 linhas por polegada. A impressão pode ser horizontal ou num ângulo de 90°, 180° ou 270°.

Logiciais, em opção, permitem ao utilizador criar formas (GENFORM) ou caractéres especiais, logotipos ou assinaturas (GENCARLOS).

O M 9060 baseia-se na utilização de três tecnologias-chave desenvolvidas por BULL: um tambor metálico (40 cm de comprimento x 10 cm de diâmetro) coberto por uma película magnetizável, uma série de cabeças de escrita magnéticas, uma tinta sólida monocomposta. Durante a impressão, o tambor em rotação passa diante das cabeças magnéticas que criam a imagem a transferir. Esta imagem passa no dispositivo de tintagem magnético, cujas partículas são atiradas para as zonas magnetizadas. A impressão faz-se depois por transferência das partículas de tinta sobre o papel. A fixação da imagem obtem-se através do calor que faz fundir a resina, cobrindo todas as partículas.

Control Data tem novo sistema de multiprocessamento

A Control Data Corporation divulgou recentemente o seu novo sistema de múltiplos processadores em paralelo, que aumenta o poder de computação dos seus Cyber 170, Série 800, até 16 biliões de cálculos por segundo.

Denominado **CYBERPLUS**, o novo processador está desenhado para inúmeras aplicações, tais como simulação, análise estrutural, exploração petrolífera, fabricação, previsão/pesquisa meteorológica e processamento de imagem e sinal.

Cada processador CYBERPLUS ligado a um computador da série 800 permite até 250 milhões de cálculos por segundo. A um só computador da série 800 podem ser ligados 64 processadores, que irão permitir 16 bilões de cálculos por segundo.

O CYBERPLUS foi desenvolvido a partir do «Advanced Flexible Pocessor» (AFP), um multiprocessador utilizado em aplicações militares e governamentais especializadas, já com suficentes provas dadas. A sua velocidade é conseguida pelo conceito de «anel», que interliga até 16 processadores para formar um canal de comunicações de alta velocidade, capaz de transferir os dados a 800 milhões de bits por segundo. Podem ligar-se 4 anéis a um Cyber 800

Recorda-se que a Conrol Data Corporation é uma empresa de computadores e serviços financeiros, sediada em Minneapolis, nos E.U.A, com actividade em 47 países, incluindo Portugal. Em 1982 as suas vendas ultrapassaram 4 biliões de dólares e os seus lucros líquidos foram da ordem dos 155 milhões de dólares (cerca de 20 milhões de contos).

VOCÊ QUE É O RESPONSÁVEL PELO PESSOAL da sua empresa ou fábrica (e são mais de 95 pessoas)

TOME NOTA

ESTE GESTO

Feito no momento da entrada/saída dos seus empregados, é bastante para ter sempre a gestão e controle de presenças em dia.

OUTRAS APLICAÇÕES

- CONTROLE DE ACESSO
- CONTROLE DE PRODUÇÃO
- GESTÃO DE CANTINAS

CONECTE O SEU COMPUTADOR AO SISTEMA DATING®
E TERÁ O SEU PROBLEMA DE PESSOAL RESOLVIDO

DATING® É A SOLUÇÃO

COMPUTEX
Av Melo Falcão, lt 208 C Cal D
Tel 99 51 40 99 26 14
PONTINHA 1675 LISBOA

Empresas • Iniciativas • Empresas • Iniciativas • Empresas • Iniciativas

Philips lança-se nas telecomunicações em Portugal

Num «cocktail party» oferecido pela Philips Portuguesa a participantes do I Simpósio Nacional das Comunicações e o Desenvolvimento, o sr. Ype Bouwkamp, administrador delegado daquela empresa, anunciou que o Grupo Philips tenciona estabelecer em Portugal uma **Unidade de Produção de Equipamento de Telecomunicações**.

No prosseguimento da sua política de expansão industrial no nosso país o grupo Philips volta-se agora para o seu sector de mais rápido crescimento — as telecomunicações.

A Philips fabrica um largo espectro de equipamento de telecomunicações que compreende as áreas de telefonia pública (**centrais electrónicas digitais, sistemas de transmissão por fibras ópticas, etc.**) sistemas de comunicação privados (centrais telefónicas privadas, equipamento terminal como teleimpressores, teletex, videotex, teletext, redes de dados locais, etc.), redes telefónicas móveis, radiotelefones e sistemas de tráfego. Uma tendência intersectorial tende a fundir este Grupo Industrial com outro Grupo onde detém grande capacidade de resposta que é o Grupo de Sistemas de Dados (computadores, micro-computadores, processadores de texto, etc.).

Em Portugal, a Philips Portuguesa encaminha-se para a realização de um projecto que contempla os seguintes tipos de equipamento; centrais telefónicas privadas electrónicas; máquinas teleimpressoras e radiotelefones.

Trata-se de um projecto exigindo a mobilização de grandes recursos financeiros e humanos que dotará Portugal de uma moderna unidade industrial equipada e dimensionada, à partida, com os meios técnicos adequados ao estado da arte neste sector de alta tecnologia.

Prevê-se que o arranque desta nova iniciativa da Philips Portuguesa se registará durante 1984.

IBM organizou seminário

A Companhia IBM portuguesa organizou no passado dia 13 um seminário dedicado aos órgãos de informação em que foram abordadas as perspectivas de desenvolvimento das telecomunicações e os serviços de natureza telemática que conjugam a utilização da informática e das telecomunicações. Os jornalistas presentes, que tiveram igualmente a oportunidade de ouvir uma exposição do eng. Carlos Clérigos, dos CTT, e de ver um filme sobre a actividade da IBM e sobre as telecomunicações, assistiram a demonstrações do sistema Retain (consultas a um banco de dados sobre problemas de manutenção dos equipamentos IBM) e do Vídeo 3279 II.

Standard Eléctrica no edifício Picoas

A Standard Eléctrica em colaboração com a Secretaria de Estado das Comunicações e com os CTT/TLP, contribuiu de modo relevante para a realização mais importante no domínio das telecomunicações do nosso país — o Centro de Telecomunicações das Picoas, em Lisboa.

Para este complexo, a Standard Eléctrica fabricou e instalou: 1.º andar da Estação Interurbana de Trânsito (EIUT) de saída, de Lisboa, com a capacidade de 4 763 circuitos; Bastidores de sinalização multifrequência (MFC); Equipamento de medida de tráfego (EMT) com 30 000 pontos de medida; Estação telefónica internacional de Lisboa, sistema CCITT-R2, com a capacidade inicial instalada de 300 circuitos de entrada; Central Pentomat (PPCA) 1 000 T com a capacidade instalada de 800 extensões, ampliável até 2 000 e Sistema de Transmissão FDM com 9 000 canais.

Nesta acção, a Standard Eléctrica dedicou: 26 500 horas de trabalho de engenharia; 565 000 horas de trabalho de fabricação e 76 000 horas de trabalho de instalação, promovendo incorporações nacionais superiores a 85% para o equipamento de comutação telefónica e superior a 65% para o equipamento de transmissão.

Seminário sobre Comunicação de dados

A Associação Portuguesa de Informática levou a efeito no passado dia 17 um seminário Internacional sobre Comunicação de dados, em que estiveram presentes diversos especialistas estrangeiros de renome mundial. Nos trabalhos, que decorreram no LNEC, foram desenvolvidos os seguintes temas: «O modelo OSI (ISO) e as redes locais»; «A evolução de conceitos nas redes locais»; «A automação de escritórios e o projecto Kayak» e «O anel com testemunho (Token Ring) da IBM».

ICL apoia Sinclair Research

A ICL apoia a gestão de outra empresa de computadores.

A SINCLAIR RESEARCH, LTD, decidiu no início de 83 comprar um computador para apoiar o crescente desenvolvimento da sua organização.

Foi assim que a empresa de consultores PRICE WATERHOUSE, após ter preparado um estudo exaustivo das necessidades da SINCLAIR, entregou a diversos fabricantes um caderno de encargos sem indicar o nome da empresa ao qual o mesmo se referia.

O resultado foi a adjudicação à ICL de um «system 25» com 70 megabytes em disco e 4 «écrans» em conjunto com software de gestão à ICL.

NIXDORF apresenta novas soluções

A NIXDORF vai estar presente no próximo Salão Internacional de Equipamento e Mobiliário de Escritório – Fileme, que se realiza na FIL de 18 a 22 de Janeiro. A NIXDORF pretende assim sensibilizar os utilizadores nacionais para as vantagens da informática como factor de desenvolvimento das empresas: racionalizando, optimizando e proporcionando a tomada de decisões de gestão atempadas e com bases rigorosas.

A Fileme é um certame bienal que é considerado o único acontecimento da especialidade no panorama informático nacional.

A filosofia da solução total proporcionou à NIXDORF uma posição cimeira, com cerca de 1500 utilizadores de pequenos e médios sistemas de gestão, no mercado nacional e mais de 100 000 em todo o Mundo.

Prosseguindo esta política, a NIXDORF vai oficialmente apresentar na Fileme novas soluções, concretizadas em computadores da mais recente tecnologia e aplicações de software para sectores específicos de actividade económica.

TAP Open Classic Golf

Os resultados do Golf Open Classic, organizado pelo Clube TAP Air Portugal, foram mais uma vez tratados em computador, através de microcomputadores Questar/M da BULL, com programas criados em Portugal e especialmente bem adaptados às características destas competições. O Questar/M é um micro-computador comercializado no Sul do país pela Cebit, Representações, Importações e Exportações, Lda.

O tratamento computorizado permite um mais rápido conhecimento dos resultados da competição e faculta, em cima do acontecimento, uma vasta gama de informações sobre a prova. O Open Classic TAP realizou-se simultaneamente em quatro campos — Vilamoura, Quinta do Lago, Dom Pedro e Vale de Lobo e é uma prova cujo relevo no calendário internacional é bem conhecida, reunindo a maior participação de concorrentes nacionais e estrangeiros.

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

ATELLIER GRÁFICO/FIL 54/83

FILEME

SALÃO INTERNACIONAL DO EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO E DA INFORMÁTICA

UM SALÃO NACIONAL DE DIMENSÃO INTERNACIONAL

Fotografia e Cinema
Mobiliário de Escritório
Material de Escrita, Desenho e Decalque
Máquinas e Material de Reprodução e Embalagem
Máquinas de Escrever, de Calcular e de Contabilidade
Informática: Hardware e Software
Material de Comunicação

18/22 JANEIRO 1984

HORÁRIO: Todos os dias das 15h00 às 23h00

FIL FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

Sistemas de informação:
um instrumento para a mudança

Congresso da API já está em marcha

«Sistemas de informação: um instrumento para a mudança», é o tema a que se vai subordinar o próximo Congresso Português de Informática, que decorrerá em Lisboa, entre 29 de Outubro e 2 de Novembro de 1984. Castro Correia é o coordenador-geral do Congresso e Henrique Marcelino o coordenador-técnico. Da Comissão Técnica fazem parte Altamiro Machado (Braga), Ana Lucas (Lisboa), Aníbal de Oliveira (Porto), António Figueiredo (Coimbra), Cunha Rodrigues (Porto), Ferreira da Silva (Lisboa), Manuel Henriques (Lisboa) e Santana Godinho (Lisboa).

Tal como as duas anteriores assembleias magnas dos informáticos portugueses, o terceiro Congresso promovido pela API visa dinamizar a informática em Portugal, estimulando a troca de ideias e experiências entre técnicos investigadores e utilizadores.

A problemática dos Sistemas de Informação como instrumentos de mudança será debatida nas seguintes áreas: Concepção e planeamento dos sistemas de informação; desenvolvimento dos sistemas de informação e sistemas de informação nas pequenas e médias organizações. A abordagm de cada tema deverá ser feita de acordo com os seguintes planos de análise: Metodolodias; papéis/funções; experiências; impacto das tecnologias; aspectos económicos, sociais e psicológicos e aspectos organizacionais de formação.

As comunicações deverão ser enviadas à Comissão Técnica (para a sede da API) até 30 de Abril, sendo obrigatória a apresentação prévia de um resumo que habilitará a Comissão a decidir sobre a aceitação de princípio da comunicação. Este resumo terá que ser enviado até 31 de Janeiro.

De acordo com um texto do coordenador-geral do Congresso, publicado no «Informática, Hoje», órgão mensal da API, uma primeira novidade relativamente aos Congressos anteriores «é o facto de se procurar um maior apoio nas estruturas institucionalizadas da associação, nomeadamente no que se refere às Relações Públicas, Bloco Editorial e Logística».

Segundo Castro Correia, «na constituição da Comissão Técnica, procurou-se fazer a simbiose (sempre desejável, mas nem sempre conseguida) entre os informáticos em que a valência da investigação e ensino é predominante e aqueles outros, chamados «práticos», que possuem uma vivência e uma visão pragmática na resolução dos problemas do dia-a-dia. Acrescida a estas características, procurou-se encontrar colaboradores, oriundos das regiões do país onde existem núcleos informáticos relativamente importantes, e daí a presença de elementos de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, aos quais provavelmente se juntarão colaboradores das regiões autónomas da Madeira e Açores».

Os organizadores do 3.º Congresso esperam que ele não atinja apenas o nível de realização dos anteriores, mas também que ele seja o mais participado.

Computadores familiares invadem mercado da RFA

Mais de 200 mil «computadores domésticos» serão vendidos este Natal na Alemanha Federal, 90 por cento dos quais a compradores com idades compreendidas entre os 13 e os 25 anos de idade, asseguram as previsões dos principais distribuidores de equipamentos informáticos.

A utilização maciça de pequenos computadores familiares concentra-se não apenas nos conhecidos «jogos de computador», mediante os quais podem levar-se a cabo guerras espaciais ou terrestres nos «ecrans» do televisor doméstico, mas também na elaboração dos mais diversos programas para serviços de todo o tipo.

Através do computador doméstico, produzido em primeiro lugar por empresas norte-americanas – das quais se destacam no mercado alemão-federal as empresas «Commodore» e «Apple» – podem conceber-se múltiplos produtos, desde sistemas para contabilidade doméstica, agendas, catálogos de literatura e discos ou programas para os tempos livres.

Para os adeptos dos jogos ou passatempos – fundamentalmente adolescentes dos 12 aos 15 anos de idade – é especialmente atraente a elaboração de programas próprios. Como exemplo cita-se o de um adolescente de 14 anos entrevistado numa edição recente do semanário «Der Spiegel», que concebeu um programa a que chamou «a conquista do Terceiro Mundo»...

Tratava-se de, através de um computador, formular as perspectivas que se oferecem a um técnico alemão em determinado país em desenvolvimento de «ir subindo degraus e eliminando inimigos até tomar o poder desse Estado», segundo a descrição feita pelo jovem.

Actuais são além disso temas como o esboço de estratégias de guerra nuclear, e possivelmente não faltam os que desejariam imitar o grupo de jovens norte-americanos que conseguiram interceptar programas do Ministério da Defesa americano.

Segundo fontes comerciais, todas as estratégias de mercado dirigem-se, precisamente, ao grupo etário de menores de 25 anos e em especial aos de 20 anos, visto que a maioria dos adultos alemães-federais mostram um certo cepticismo face a estes novos «brinquedos».

As estratégias comerciais incluem a organização de cursos especiais para o manuseamento dos novos sistemas, cujos lugares, asseguram conhecedores da matéria, estão cheios, dado o interesse dos adolescentes.

Trata-se de um interesse concentrado não apenas nos jogos, mas também na possibilidade de obter lucros comerciais, como se depreende da existência de várias firmas dirigidas por jovens de 15 ou 16 anos.

Com lucros ainda modestos para as condições deste país, da ordem dos 700 marcos (aproximadamente 22 500 escudos) por mês, estes «empresários-crianças» dedicam-se à elaboração de programas de contabilidade e administração para casas comerciais e pequenas e médias empresas, imitando também as actividades de não poucos dos seus contemporâneos nos Estados Unidos.

Mas é de duvidar que algumas destas «firmas infantis» consiga converter-se num império electrónico, como sucedeu, na sua altura com algumas empresas norte-americanas, dado que o mercado dos microcomputadores está já dominado pelos grandes fabricantes mundiais.

Intervenção
Um espaço aberto a todos os leitores

A manhã dos pães quentes ou o Natal do comPAItador

Os pinheiros que ainda restavam foram nesse ano arrancados e o seu transporte assegurado por camiões blindados, de tal modo se receáva que os nostálgicos da árvore de Natal os tentassem roubar para proveito próprio, ora que estava previsto enfeitarem pela última vez as principais praças do mundo.

Nas ruas os poucos que passeavam a pé usavam máscaras contra a poluição densa, cinzenta e palpável que tudo cobria. Andavam depressa porque sabiam que daí a pouco tocaria o recolher obrigatório, há tanto tempo em vigor que já ninguém se lembrava do que era passar uma noite ao ar livre, quando o cheiro dos lilases entontece os passantes. Aliás já não havia lilases, as únicas flores eram sintéticas, de cheiros numerados em laboratórios, duradoiras e de cores fixas. As abelhas tinham desistido há muito de fazer mel.

Nada de imprevisto acontecia há vários anos. Tantos quantos tinham passado desde que alguns homens haviam decidido não contar mais com eles próprios, entregando o governo da Terra a um Conselho de Computadores a quem forneceram os dados mais característicos da época que atravessavam: ameaça de guerra ou guerra mesmo, desemprego, espectro da fome para uns e fome a sério para mais ainda, alta mortalidade infantil, destruição de florestas inteiras, extinção de numerosas espécies de plantas e animais e outras tantas em perigo do mesmo, rios de espuma química, nuvens de dióxido de carbono cobrindo as cidades, elevado índice de criminalidade, mesmo entre as crianças, enfim, desencantos vários e de diferentes níveis. Muitos dados, todos eles de uma precisão ferozmente cinzenta...

Bacalhau com bróculos

O Conselho dos Computadores recebera os programas previamente preparados e o resultado era agora um mundo ordenado e frio, «o melhor dos mundos» possível, mas tão pouco bom que cada vez nasciam menos crianças.

Como nada de inesperado acontecia há tanto tempo, uma vez mais as pessoas esperavam sem esperar que a noite de 24 para 25 de Dezembro fosse uma noite como as outras em que a única diferença consistiria em receber pelo terminal doméstico uma listagem com votos de boas festas em todas as línguas do mundo. Além disso, esperavam ouvir à meia-noite uma antiga canção de Natal falando da «noite silenciosa e brilhante», seleccionada pelo computador responsável pelo departamento de Conservação da Tradição, como a mais representativa de todas as canções de Natal.

A melodia seria difundida por altifalantes estrategicamente colocados, que tanto serviam para orientar o trânsito como os polícias, que por vezes dispersavam grupos de pessoas que durante alguns segundos gritavam frases hostis àquilo que chamavam a «ditadura dos caixotes metálicos».

E já que comer peru, bacalhau com bróculos ou o ingrediente E 212/78 era indiferente visto os gostos se terem tornado uniformemente agradáveis, cada qual comia nesse dia que queria, as crianças deitavam-se à hora em que o «adormecedor de menores» tocava àquela latitude e nenhuma chorava para poder ficar até à meia-noite: é que a essa hora até os adultos estariam deitados, excepto os que tivessem obtido uma derrogação especial do computador responsável pelo Departamento de Conservação do Material Humano permitindo-lhe manter-se acordados por um motivo válido.

O Pai Natal na sala dos computadores

Corriam as dez da noite quando um vulto furtivo atravessou a sala do Conselho dos Computadores. Apesar de tentar passar despercebido vestia cores vistosas vermelho forte e branco de neve. Às costas trazia um saco cheio que poisou no chão e começou a esvaziar rapidamente, na iminência de que um dos muitos guardas que protegiam o último reduto da Presidência Universal o descobrisse. Mesmo assim, apesar da rapidez dos gestos, dir-se-ia que estava à vontade, como se o vermelho do seu fato pudesse emitir, se fosse caso disso, radiações tão fortes que cegassem mometaneamente os curiosos.

Várias resmas de papel amontoavam-se agora no chão. Tranquilamente, o vulto avermelhado folheava-as e ia carregando agora num botão, depois noutro, além numa tecla, comunicando instruções aos computadores que o rodeavam. Demorava-se particularmente no teclado do «patrão» dos computadores, daquele a quem chamavam o ComPAltador e de quem ninguém se aproximava sem fazer continência e sem inclinar a cabeça, chegando mesmo alguns mais impressionáveis a dobrar a espinha e a sair a os arrecuos.

O tempo ia passando e a meia-noite estava próxima. Quando soaram os 12 sons agudos que anunciavam na sala a passagem do dia 24 para o dia 25, o vulto parou de escrever no teclado e deixou-se deslizar pelo pavimento negro e brilhante.

Nos pés usava uns skis que pareciam feitos de prata, de tal modo brilhavam deixando à sua passagem um rasto fino e profundo no chão de arenite (liga metálica entretanto inventada).

Uns segundos mais tarde um estranho relinchar atravessava a noite, como se fossem renas contentes de partir...

A manhã seguinte veio solarenga, fria e estranhamente límpida. As folhas pareciam cristalizadas e uma fina camada dourada, dir-se-ía envolver tudo. O mais inusitado é que havia um cheiro forte no ar, quando desde há muito nem cheiros bons nem mais irrompiam assim pelas janelas

Era um cheiro quente, que fazia salivar as pessoas que já tinham esquecido essa reacção e se admiravam que as bocas lhes aparecessem assim como nascentes de rios.

Era um cheiro macio que fazia pensar em algo que para ser comido não precisava de talheres, mas só de mão e boca.

Era um cheiro que fazia lembrar o cheiro do mato seco, quando ainda havia quatro estações e o Verão ia tão quente que até os animais dormiam a sesta.

A manhã do pão quente

Alguém de cara enrugada e cabelos brancos gritou de repente:

– «É pão! É pão acabado de cozer! É pão quente!

E foi como se alguma coisa se acendesse na memória de todos, mesmo dos mais pequenos. Aos poucos foram-se lembrando: os passeios no bosque com uma cesta de vime e um termo de chá, os golfinhos a saltarem no rio, as maçãs de tão maduras que caíam das árvores sem que ninguém as apanhasse, o trotar dos cavalos na estrada gelada, as acácias floridas a formarem um tecto amarelo sobre a estrada, as mulheres jovens passeando a barriga redonda onde guardavam todas as esperanças...

Tudo isso vinha em catadupa e todos queriam falar do que se lembravam, mas o cheiro do pão era tão intenso que muitos não resistiam e saíam a correr para a rua. Gritaram aos quatro ventos as suas recordações e seguiam o rasto odorífero que os guiavam até uma casa onde mulheres de braços redondos descobertos e peito generoso lhes ofereciam pão, verdadeiro pão.

Por toda a parte se via gente deslumbrada comendo e partilhando pães redondos ornamentados de desenhos que pareciam flocos de neve uns, guizos outros e mesmo estrelas. E a frase que mais se ouvia era: «lembram-se quando...' e cada um contava uma lembrança diferente.

Não se sabe de quem veio a ideia de começar a partir os discos dos computadores com a programação do mês de Janeiro. A verdade é que pouco depois só se ouvia escaqueirar discos e rasgar listagens... Até que um miúdo arruivado gritou: «Agora o que era preciso era apagar os computadores e começar tudo outra vez». Ele dizia «pagar os computadores» porque era pequeno e ainda desconhecia as palavras precisas e a linguagem dos homens dos «caixotes metálicos».

Como os «donos» da sado do Conselho dos Computadores tinham ido também pelo pão quente, foi fácil lá entrar. Pé ante pé, o puto ruivo acercou-se do comPAltador e como se fosse bruscamente portador de toda a ciência do mundo, de Galileu a Einstein, soube em que botões mexer, em que teclas carregar, de modo a varrer da memória da mais perfeita das máquinas o «projecto de direcção do mundo», de que tinha sido incumbido pelos homens demissionários.

«Agora o que era bom – disse o rapazinho – era que eles só fossem utilizados para fazer tudo o que é chato e comprido e que é para a gente ter tempo de fazer coisas, sei lá, coisas giras e assim...».

Os outros concordavam e diziam todos: «Pois isso é que era porreiro». E o puto lá continuava a introduzir novos dados no comPAltador que eram nem mais nem menos que as recordações que a todos surgiam...

Como tudo isto foi há tão pouco tempo, tão pouco, que ainda paira no ar o cheiro do pão feito na noite de 24 para 25 de Dezembro, não há muito mais para dizer.

Terão sido os homens capazes de recomeçar? Ou terão sido submetidos de novo pelo comPAltador e pelos seus donos?

Serão ainda as papoilas sedosas e vermelhas como os lábios das mulheres apaixonadas ou todas as flores serão outra vez iguais?

Quem responderá? O computador ou o homem?

STELLA GASPAR DA SILVA